

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23288

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

TERÇA-FEIRA 24 JULHO 90 70\$00

*Contra decisão
do Tribunal*

Gomes não pensa renunciar a nenhum cargo

Fernando Gomes, presidente da Câmara do Porto e deputado europeu, afirmou esta manhã não pretender renunciar, para já, a nenhum dos cargos que ocupa.

Esta atitude vem na sequência da decisão do Tribunal Constitucional que ontem não se pronunciou pela inconstitucionalidade da Lei das Incompatibilidades.

Enquanto Gomes diz querer ir, «de vez em quando, ao Parlamento Europeu para defender e salvaguardar os interesses do Porto», o seu partido (PS) diz respeitar a decisão do Tribunal e considera mesmo que «a lei é para se cumprir quando entrar em vigor».

O PS anunciou já que José Apolinário será o substituto de Fernando Gomes. De qualquer modo, o porta-voz socialista, Marques da Costa, sublinha que Gomes «é o único detentor do seu mandato».

Pág. 4

*Como são
em Portugal*

«Skinheads» de careca à mostra

Um antigo militante da extrema-esquerda, Artur Castro Cardoso da Silva, cunhado do dirigente do MAN, João Lourenço Milhares, que se infiltrou naquele movimento de extrema-direita, revelou à revista espanhola «Interviú» pormenores da organização dos «skinheads» portugueses. Cita nomes de apoiantes no mundo da indústria nortenha, diz que são treinados por militares e polícias e vai ao ponto de afirmar que algum treino dos "cabeças rapadas" foi ministrado no Quartel

General do Porto. O oficial de dia deste comando desmentiu, porém, ao DL, esta acusação. Artur Silva explica também como foi planeado e executado o assassinio de José Carvalho, o dirigente do PSR, indicando o nome dos seus autores, recrutados no Porto: «Paulo Maluco» e «Joãozinho», o primeiro dos quais estaria agora em Tancos, a cumprir o serviço militar nos paraquedistas. Artur Silva afirma que, em Portugal, existirão entre três a cinco mil «skinheads». Pág. 11



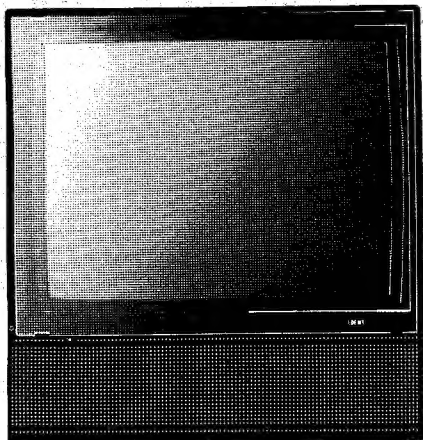
Esquadra americana em estado de alerta no Golfo

A concentração de 30 mil soldados iraquianos na fronteira com o Kuwait levou o estado de alerta à esquadra norte-americana no Golfo Pérsico, temendo a deflagração de um confronto armado entre os dois países.

Hoje de manhã, na tentativa de resolver pacificamente a situação, chegou inesperadamente a Bagdad o Presidente egípcio Hosni Mubarak.

Pág. 9

**A nova geração em tecnologia:
Loewe micro-digital**



DIGITAL Hyper Band MULTI-STANDARD TELE TEXT

VIDEO TEX i

LOEWE.

Representante em Portugal:

SOC. DE REP. SANTOS, GUIMARÃES & OLIVEIRA S.A.
Porto 9515003 • Lisboa 77 78 24

A ponte alargou. A abertura, hoje, da quinta via na Ponte 25 de Abril permitiu uma melhoria de cerca de 70 por cento na fluidez do tráfego rodoviário, segundo informações da GNR. Logo pelas 7 horas da manhã era possível verificar a diferença, pois no sentido Norte-Sul as filas eram de apenas três quilómetros (sem engarrafamentos), contra os habituais dez quilómetros de tráfego congestionado. Mas a nova via trouxe também algumas confusões, devido à alteração da sinalização.

O caso do ministro inglês vítima da «questão alemã»

Poucas vezes na História a alta comédia e a alta política terão andado tanto de mãos dadas como neste caso das declarações do ministro inglês Nicholas Ridley sobre a Alemanha.

O mundo ouviu as «barbaridades» e as verdades que Ridley disse. Thatcher demitiu-o. Mas isso não impedirá Nicholas de entrar, eventualmente, na História,

um pouco talvez à maneira dos caças Spitfire, que venceram os alemães na Batalha de Inglaterra ou talvez como profeta de que hoje se faz troça mas no qual amanhã se acreditará, quando for completo o domínio económico das Alemanhas sobre a Europa.

Págs. 2 e 3

Hoje: Suplemento Económico



**Carris: a greve
vai recomençar**
Pág. 11

**Macau sem
eleições
no sapatinho**
Pág. 4

Lotaria Popular
1.º 205 413
2.º 444 683
3.º 224 161
4.º 235 831
Pág. 11



PORTE
PAGO

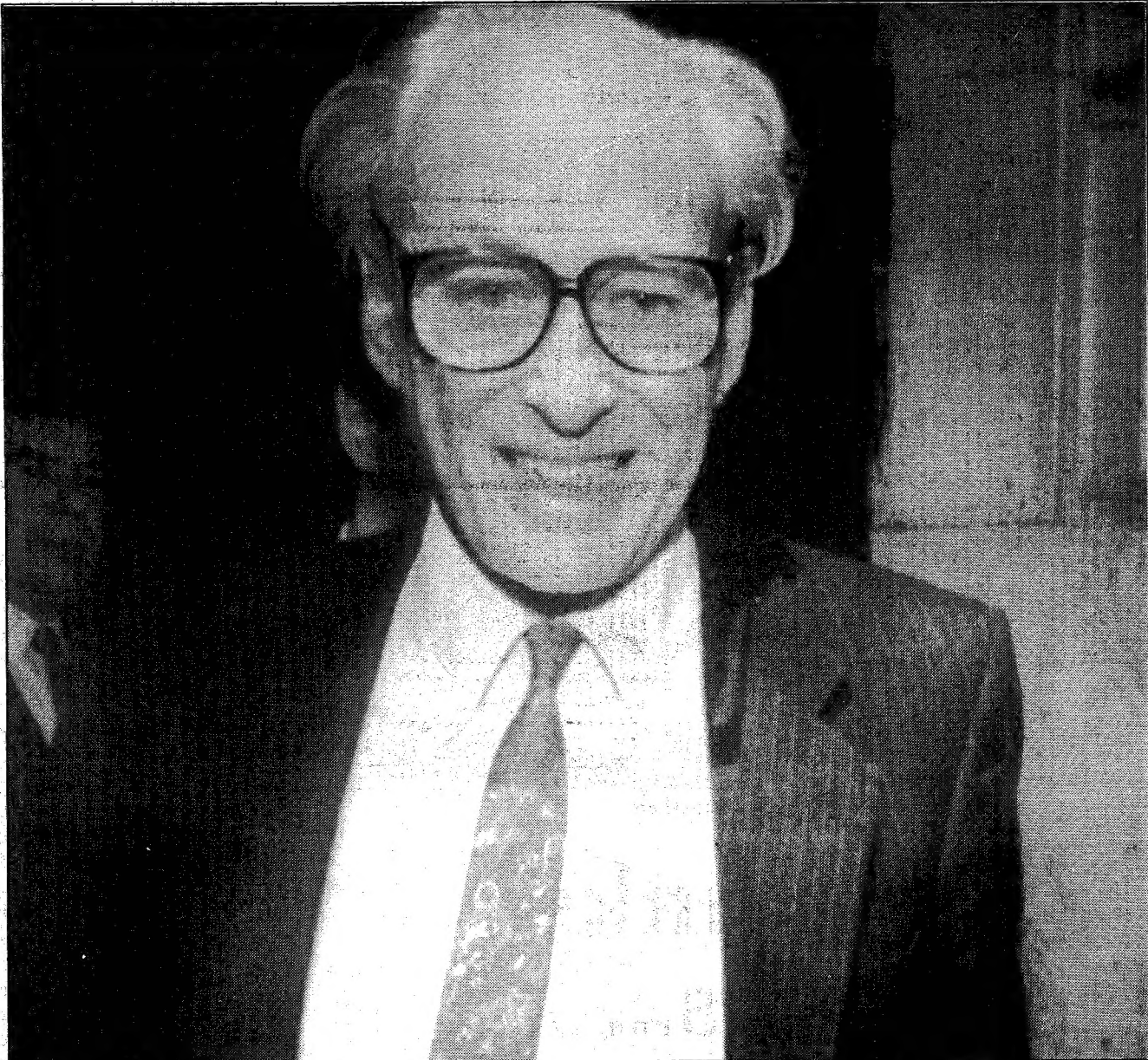
**GRANDE
ANGULAR**

As veementes declarações anti-alemãs do ministro britânico do Comércio e da Indústria saldaram-se num pedido de desculpas e na demissão do seu autor. Mas o incidente trouxe à tona as divergências sobre política europeia existentes no seio do Governo chefiado por Margaret Thatcher

A «bomba» do cruzado Ridley

«A História repete-se ciclicamente» e «as características de uma comunidade são um anátema incrito no matriz genética dos seus membros, determinando-lhes *ad aeternum* o seu comportamento». A primeira asserção, está amplamente comprovado, é errada; e a segunda, objecto de controvérsia, não tem suporte científico. No entanto, o ministro de Sua Majestade, Nicholas Ridley, um sexagenário que ainda tem presentes os horrores da II Guerra Mundial, parece perfiar da «veracidade» dessas ideias. Para espanto de todos, despiu-se de todas as cautelas diplomáticas e lançou a «bomba», pouco se importando com as consequências. Londres, ou seja, o Governo de Thatcher, desculpou-se. e Bona lamentou o incidente. Tanto de um lado, como de outro, os sinais subsequentes foram no sentido de minimizar o significado dessa *gaffe*, que ameaçou esfriar os ânimos europeístas. A questão da cedência da soberania à CEE não passa de «uma grande tramóia dos alemães para controlar o resto da Europa» e, como tal, «tem de ser impedida» - declarou o ministro britânico do Comércio e da Indústria, numa entrevista concedida ao semanário londrino «The Spectator». «Essa conquista apressada por parte dos alemães, tendo as piores bases possíveis, e com os franceses a desempenharem o papel de *caniches* perante os alemães, é perfeitamente intolerável» - disse.

Manifestando um nacionalismo duro e um antieuropeísmo convicto, Nicholas Ridley considerou que, face à supremacia económica da



Ridley, a surpresa e o embaraço para o Governo de Thatcher

Alemanha na Europa dos Doze, entregar a soberania a «essa gente», «mais valia cedê-la a Adolf Hitler».

Outros preferiram o «desprezo»
As afirmações explosivas

do ministro britânico provocaram vivas reacções no Parlamento Europeu e em Bona.

O presidente do grupo socialista, Jean Pierre Cot, enquanto corria de mão em mão a assinatura de uma

petição no sentido de Ridley se demitir, considerou um «insulto» as declarações do ministro britânico do Comércio e Indústria.

Na RFA, o ministro dos Negócios Estrangeiros considerou «escandalosas» es-

sas afirmações, enquanto o presidente do Bundesbank, Karl Otto Poehl afirmava que «não eram apropriadas para um ministro de um país membro da Comunidade europeia».

Mas alguns responsáveis

oeste-alemães preferiram tratar o caso Ridley com um certo «desprezo». Foi o caso do presidente do Partido Liberal (FDP), que disse: «Ou Ridley estava embriagado no momento da entrevista, ou não conseguiu digerir a derrota da Inglaterra, frente aos alemães, na Taça do Mundo de futebol».

Mas Ridley estava bem sóbrio e concentrado, diz o editor de «The Spectator», Dominic Lawson, que gravou a entrevista, durante um almoço com o ministro. «Ele apenas bebeu um copo de vinho...»

Publicada quando ministro se encontrava em visita oficial à Hungria, essa entrevista obrigou Ridley, no seu regresso, a pedir desculpas e a demitir-se, quase em seguida.

Alguns observadores consideram que, sendo Nicholas Ridley um dos conselheiros de maior confiança de Margaret Thatcher, ele terá expressado o que alguns *torres* pensam a respeito da união económica e monetária da Europa, mas não ousam divulgar.

Colhida de surpresa, no seu regresso da cimeira de Houston, a Dama de Ferro apressou-se a dizer que as declarações de Ridley só a ele diziam respeito, não reflectindo portanto a posição do seu Governo.

Na Câmara dos Comuns, Thatcher não quis dar a ideia de que uma eventual demissão de Ridley, que veio a verificar-se, partia de uma imposição sua, mas de uma decisão do visado.

Na realidade, o incidente ocasionado pela entrevista de Ridley deixou o Governo britânico embaraçado, porque põe à tona a sua pro-

«O tom arrebatado do ministro»

«O tom arrebatado dos comentários do sr. Ridley e o facto de a nossa conversa estar-se a desenrolar no seguimento de uma refeição, poderá dar a ideia de que o político se estava a relaxar, não fazendo, talvez, a melhor escolha de palavras».

Muito pelo contrário. O sr. Ridley tomou apenas um pequeno copo de vinho a acompanhar o almoço, e respondeu, seguidamente, às minhas perguntas, com o sobrolho franzido em concentração, uma mão segurando-lhe a fonte, a

outra abastecendo-o constantemente de nicotina».

Este comentário à parte de Dominic Lawson, o jornalista que entrevistou Nicholas Ridley para «The Spectator» (aqui transcreve-se a tradução que o semanário português «O Independente» publicou na sua última edição), é a demonstração de que durante o almoço se viveu um daqueles momentos raros em que uma alta autoridade se porta como um vulgar cidadão, esquecendo-se de que tudo o que dizia poderia ter graves consequências e chegar a lugares tão inesperados como, por exemplo, Portugal. Quase se pode imaginar um diálogo no género:

Jornalista: «Olhe que eu vou publicar isto...»

Ministro: «Se há coisa de que sempre me orgulhei foi de não

usar meias palavras!»

É claro que os analistas mais maquiavélicos poderão ver nesta «frontalidade» sentidos ocultos, em que o entrevistado tem plena consciência do alcance das suas palavras. Quem não se lembra da antológica «falta de carão» de Alvaro Barreto, na entrevista ao «Tal & Qual»?

Mas, neste momento, a única fonte confiável é Dominic Lawson que faz questão de nos indicar, de forma bastante comedida, a lucidez de Ridley durante a entrevista, chegando ao ponto de afastar suspeitas sobre a quantidade de álcool ingerido durante o encontro. Ao mesmo tempo que se surpreende com o «tom arrebatado» do ministro britânico, Lawson confessa a sua admiração pela coragem de Ridley em sair dos «limites do seguro», não usando



O «cartoon» que veio na primeira página de «The Spectator», publicado em «Le Monde»

as tradicionais evasivas dos políticos perante questões mais delicadas.

Não se pode sequer dizer que Ridley foi encurralado pelas perguntas do entrevistador. A certo ponto, de tal

modo são veementes as respostas do ministro, quase parece que Lawson não quis que ele se «enterrasse» mais, embora o facto de a entrevista não ter sido publicada na forma pergunta-resposta,

funda divisão sobre a política europeia e reforça as suspeitas dos outros parceiros comunitários.

O memorando inconclusivo

Mas posição de Nicholas Ridley remete-nos a um memorando confidencial (tornado público pelo «The Independent») sobre a unificação alemã, da autoria de Charles Powell, secretário privado da primeira-ministra britânica, e que se reporta a uma reunião havida em 24 de Março último. Nesse encontro participaram Margaret Thatcher, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Douglas Hurd e seis peritos em história e política germânicas. A questão colocada foi: Que mudanças houve na Alemanha e como iremos viver com a unificação?

Durante a reunião foi analisado o *dossier* Alemanha à luz das lições da História, sobretudo desde Bismarck até à II Guerra Mundial. Todos os prós e os contras resultantes da unificação foram sopesados, mas não se chegou a uma conclusão formal. Venceu no entanto o «o bom senso» e foi decidido conceder à Alemanha actual o benefício da dúvida.

O documento, inicialmente de circulação restrita, terá provavelmente chegado às mãos de Ridley que o interpretou à sua maneira. Ministro de Sua Majestade, ele «esqueceu-se» das conveniências políticas e revelou-se inteiramente como o cidadão Ridley, perante um facto que, na sua perspectiva, afecta grandemente o seu país.

Jorge Ferreira

em discurso directo, impeça de tirar conclusões.

Mas certamente que Lawson foi tomado de surpresa, o que aliás deixa claro logo na introdução quando diz ter escolhido o tema da Europa e, especialmente, da Alemanha, apenas por lhe parecer ser «uma maneira indicada de reter a sua atenção pois, no dia a seguir a nos termos conhecido, Herr Klaus-Otto Pohl, presidente do Bundesbank, estivera em Inglaterra para bem-dizer os méritos de uma política conjunta monetária europeia».

Afinal aquilo que seria apenas mais uma entrevista com um político, com respostas previsíveis, transformou-se num assunto de grande importância em que se mostra que mesmo ministros experientes e ingleses podem perder a cabeça.

Duarte Calvão



«Olh'à Alemanha!»

Tories, Punks, Hooligans...

Vamos lá ver.

A sociedade inglesa peca por exageros. Do silêncio respeitador de um jogo de *cricket* à euforia descontrolada dos *hooligans*, dos clubes *tory* em Londres às caves de música *underground* em Birmingham, no reino da Sua Majestade o meio termo não vinga.

Não é por acaso que as revoluções nunca encontraram na Velha Albion um terreno propício para envergarem as bandeiras da diferença, ela está presente e é alternativa a cada passo que damos. Entre o penteado excêntrico de um *punk* e o chapéu de coco de um corretor, a diferença é notável mas o objectivo é o mesmo: ser diferente.

Não há britânico que se preze que não faça parte de um microcosmo destino e fundamentalmente diferente dos outros que, globalmente, formam a manta de retalhos cultural que são as Ilhas Britânicas. A começar pela panóplia de nomes que é conhecida aquela região do mundo, Inglaterra, Reino Unido, Grã-Bretanha, Ilhas Britânicas (cada nome corresponde a uma realidade geográfica diferente) a cultura inglesa engloba também um impressionante número de «tribos». Temidas pelos romanos quando das campanhas invasoras, ainda hoje se vive num universo de seres agrupados em «tribos», quase etnias, fundamentalmente diferentes. Os excessos, portadores do espírito do grupo, são pois o pão nosso de cada dia de uma sociedade que vive preocupada com a diferença. Este valor, cuja expressão máxima é o respeito que um *punk* pode ter pela rainha, é também, ou pelo menos tem sido até agora, o motor da sociedade britânica que ainda é das mais engenhosas em todo o mundo. Ser diferente e gritá-lo bem alto é ser *british*. Quando não mais o fizerem, deixarão de o ser e o

mundo terá perdido um pouco da sua graça e da sua originalidade.

Com a aproximação entre as Ilhas Britânicas e o continente europeu, ocorrida depois da II Guerra Mundial, veio-se juntar ao mundo das diferenças, mais uma: o ser europeu (uma mistura curiosa de *frogs*, *fritzs* e *degos*). Não é, pois, algo de inesperado ver que os ingleses em geral, ou pelo menos algumas figuras públicas mais representativas da sociedade, mantêm o seu comportamento de diferença e distanciamento em relação aos europeus, tal como o fazem entre eles no universo mais pequeno e isolado que é o Reino Unido.

O respeito pela diferença, a sua exaltação e defesa são sem dúvida dos valores mais nobres e necessários numa sociedade que cada vez mais peca pela uniformização e comunhão de valores incomprensíveis no ver do simples cidadão. Nós temos todos um pouco de inglês, mas nem sempre nos é dada a possibilidade de afirmar a diferença que nos distingue no nosso vizinho. Quando o fazemos é muitas vezes a reboque de nacionalismos ferozes que, na ausência de regras de convivência num mundo de individualidades, leva nações, cidades, bairros ou famílias a se insurgirem contra a diferença agora protagonizada do mal absoluto ou de ameaça da nossa existência.

Nicholas Ridley insurgiu-se contra a intrusão de valores alheios ao seu microcosmo. Ele, como representante desse mundo disse em voz alta o que nos corredores de Westminster há muito se murmurava. Mal seria da sociedade que, incapaz de dizer aquilo que pensa, se deixasse engolir por uma invasão de *faits-acomplis* contrários à sua existência.

Nuno Azevedo

COMENTÁRIO

A heresia britânica

O Gabinete britânico encerrou o caso Ridley com a demissão do ministro do Comércio, menos por causa das pressões da Oposição e mais porque o sistema político da Grã-Bretanha continua a ter um santo horror a personalidades inconformistas ou demasiado independentes, à solta em lugares de responsabilidade.

Para conter os piores efeitos da linguagem vernácula com que Ridley tratou do problema alemão, Thatcher foi ao Parlamento reiterar as posições oficiais da política europeia britânica, demarcando-se do seu ministro. Ao mesmo tempo, o «Independent on Sunday» publicou a acta de uma reunião que levou a Chequers as eminências dos estudos alemães - Gordon Craig, Fritz Stern - para conversarem com Thatcher acerca das consequências da reunificação da Alemanha, concluindo, em contraponto a Ridley, que se devia tratar bem os alemães.

É preciso elogiar a frontalidade de Ridley, menos por ter dito alto o que tantos outros políticos dizem «sotto voce», mas por dizer aquilo que, mal ou bem, pensa. A contenção verbal é uma condição da política civilizada mas também o culto do silêncio é incompatível com o princípio da responsabilidade, sem o qual não existe uma política séria e aberta.

Quanto ao mais, parece claro que existe uma «questão alemã» na política britânica, crucial para a definição da sua política europeia. É uma banalidade repetir que existe um traço de continuidade nas relações entre o Reino Unido e o continente europeu, cujas origens se podem ir buscar ao século XVI.

Sem ir mais longe do que os últimos cem anos, essa continuidade está presente na resposta britânica à evolução da Alemanha unificada. Na versão clássica, preparada por Salisbury, impor limites à ascensão alemã - à sua estratégia de dominação económica pacífica da Europa - pressupunha não apenas uma «entente cordiale» com a democracia francesa, como ainda uma aliança com a Rússia imperial; sem esta última, era quase inevitável que entre as duas periferias da Europa a Alemanha dominasse. Fora esse quadro, a primeira guerra alemã do século teria um desfecho bem diferente, e é em função dessa regra que Churchill defende, em 1939, opondo-se ao primeiro-ministro do momento, um acordo com a URSS contra a Alemanha nacional-socialista, que poderia ter, pelo menos, evitado que a segunda guerra alemã fosse travada inicialmente à beira do abismo.

Traços desta posição clássica perpassam em numerosas passagens da acta de Chequers, relevante apenas por invocar a memória histórica e estratégica. Há referências à necessidade de encontrar os contrapesos à ascensão da potência alemã.

Falta provar que a política britânica continue a ter, como no passado, essa capacidade de escolha na política externa ou que a sua margem de autonomia é bastante para constituir a chave dos equilíbrios europeus. Sem império, substituída na sua função de primeira potência marítima, dependente de uma aliança com os EUA para garantir a sua segurança, a Grã-Bretanha já não é o que era dantes: o tempo das heresias pertence ao passado. A única con-

solação será que esse também é o caso da Alemanha, a menos que esta possa gradualmente consolidar uma aliança com a URSS. Quando esses movimentos se tornarem uma vez mais possíveis, a política europeia voltará a ter maiores afinidades com a lógica do equilíbrio de poderes do que com o regime bipolar do pós-guerra.



Carlos Gaspar

POLÍTICA

Macau sem eleições no sapatinho do Governador

Ao adiar para Outubro a lei destinada a regular a aprovação de uma proposta destinada a regular a eleição de deputados para os lugares adicionais criados com a revisão do Estatuto Orgânico que passou a reger o território, a Assembleia Legislativa de Macau impediu na prática a marcação de eleições para Dezembro, com vista ao preenchimento de quatro dos seis assentos acrescentados à sua própria constituição pelo diploma aludido.

A proposta de lei foi admitida à discussão, mas acabou por ser «chumbada» pelo órgão legislativo macaense, que antes aprovara o estatuto de urgência e a dispensa de baixa à Comissão do diploma em apreço. Dois dos sete deputados estavam de férias, tendo a proposta de lei averbado, na Assembleia, cinco votos a favor e nove abstenções.

Atendendo a que era necessária a obtenção de uma maioria de dois terços para que a Lei passasse, o resultado foi significativo. A partir de 15 de Outubro, estará posta à discussão uma proposta de dois deputados sobre o mesmo assunto, formulada na sequência desta votação.

Os seis lugares a preencher, nos termos da Lei Orgânica, são repartidos por igual pelos macaenses com direito ao sufrágio directo, ou com poderes para exercerem o sufrágio indirecto e, por último, pelo Governador Carlos Melancia. Que ficou sem as eleições de Dezembro no sapatinho.

Na sequência da decisão, Carlos Assumpção, presidente da Assembleia Legislativa, afirma-se, para já, «indisponível para continuar a presidir à Assembleia», sendo a demissão uma das hipóteses que está a considerar.

Redacção «DL»/Lusa

UEM: Beleza esclarece questão de velocidades

Do nosso correspondente em Bruxelas:

«Não deve haver duas velocidades na União Económica e Monetária. Mas se houver, estaremos na primeira», afirmou ontem, em Bruxelas, Miguel Beza.

O ministro das Finanças considerou que a UEM vai ser benéfica para Portugal, mas que implica alguns riscos. «Terá de haver políticas orçamentais e fiscais adequadas, e uma concorrência fiscal excessiva seria desastrosa», acrescentou Beza.

No Conselho de Ministros da Economia e Finanças, que se realizou ontem na capital belga, não foram tomadas decisões, como se previa, tendo a reunião sido um encontro preparatório para a cimeira inter-governamental marcada para 13 de Dezembro, em Roma. Sobre uma ajuda de emergência à União Soviética Miguel Beza destacou a particularidade reservada da questão e a dimensão do problema. «A economia está num estado lastimável», acrescentou. A uma questão colocada pelo «DL», respondeu: «Não gosto de aconselhar as empresas portuguesas. Mas se fosse empresário tomaria algumas precauções.»

- Nomeadamente?

«Ponderaria cuidadosamente, neste momento, a concessão de crédito à União Soviética».

O Conselho de Ministros analisou um



«Se houver U.E.M. a duas velocidades, estaremos na primeira», afirmou Miguel Beza

documento de 29 páginas emanado do Comité Monetário e rotulado de «confidencial». Alguns dos representantes dos Estados-membros aludiram ao tom restrito do documento para escusarem a comentá-lo. E ficaram surpreendidos quando verificaram que a esmagadora maioria dos jornalistas o tinha.

Refere o relatório a determinado passo:

«Em princípio, os Estados-membros deveriam avançar de uma forma uniforme para as bases dois e três. No entanto, se um significativo número de países conseguirem um critério para avançar para a fase seguinte, este grupo deveria estar em posição de prosseguir num

determinado prazo, mesmo que alguns países não adoptem esses critérios. É evidente que a união deve permanecer aberta a qualquer país da comunidade que preencha as condições de participação». Miguel Beza disse estar prevista para Portugal uma derrogação relativa ao movimento de capitais. Isso, na perspectiva do ministro não significa que não se avance a par dos outros países. Não significa, igualmente, que se na segunda fase (início a 1 de Janeiro de 1993 como data provável) se houver necessidade de alguma derrogação Portugal não esteja na primeira velocidade.

«Significa apenas o reconhecimento de que alguns países precisam de uma política especial» - referiu o ministro. Uma segunda velocidade, na opinião de Miguel Beza, seria estar afastado do sistema dos bancos

centrais, o que não sucederá em relação ao nosso país.

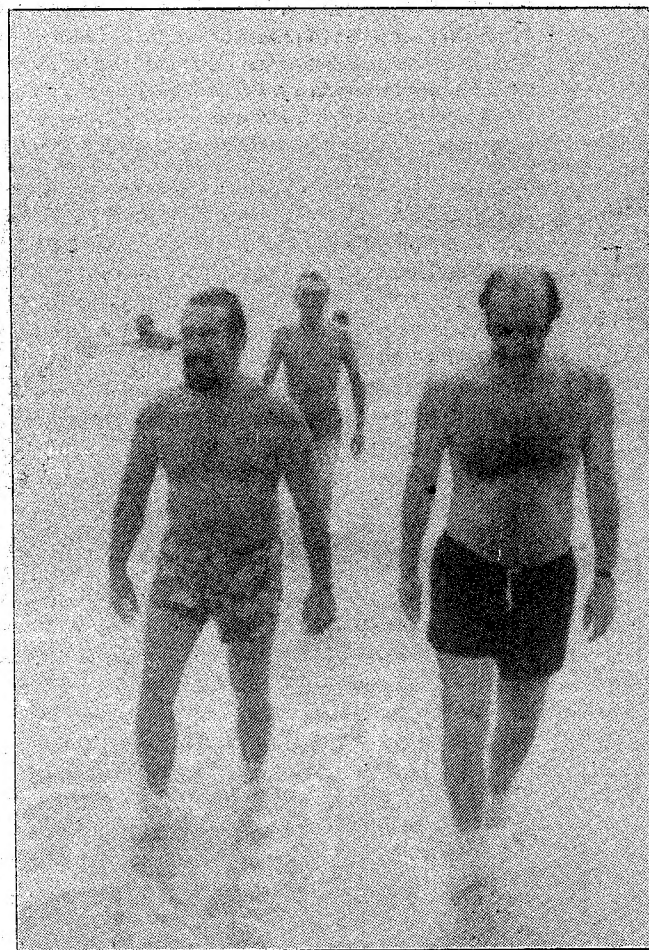
Solicitado a responder sobre uma questão relacionada com o acordo de Shengen, estabelecido por cinco países que aboliram entre si as fronteiras e qual o seu significado, ou seja se isso não constituiria uma Europa a duas velocidades, Beza disse:

«Até Portugal e outros países poderão aderir a essa iniciativa. Não se trata de uma Europa a duas velocidades. É uma ultrapassagem com que não estávamos a contar. Rapidamente lá chegaremos.

José Rui Cunha

Pinto da Costa recebe Deus Pinheiro

Portugal dá luz à Ilha do Príncipe



O ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, depois de um mergulho na Praia das Conchas, em S. Tomé

O Presidente de São Tomé e Príncipe recebe esta tarde o ministro dos Negócios Estrangeiros Deus Pinheiro, no segundo dia da sua visita oficial a esta antiga colónia portuguesa. O ministro português deslocou-se ao fim da manhã ao Príncipe, levando consigo o último componente necessário à construção da central hidroeléctrica da ilha para que a população local disponha de energia suficiente para as suas necessidades.

A futura central deverá aproveitar uma queda de água de cerca de quarenta metros de altura e produzir energia em volume superior às actuais necessidades da ilha. Por razões técnicas, a iluminação pública do Príncipe estará ligada todo o dia. Outra central poderá ser construída na ilha com o apoio português, se futuras infraestruturas turísticas ou necessidades populacionais o justificarem.

Turismo e energia foram, a par da cooperação (que aumentou vinte vezes em dois anos), dois dos temas tratados por Deus Pinheiro na audiência que ontem manteve com o primeiro-minis-

tro de São Tomé, Celestino da Costa. Os dois governantes debateram também o avanço para um acordo de arranjo monetário entre os dois países. Os mesmos temas deverão ser apreciados na audiência que o presidente Pinto da Costa concede esta tarde a Deus Pinheiro.

O ministro português que hoje cumpriu um programa de trabalho bastante intenso no Príncipe e em São Tomé, acompanhado do secretário de Estado das Comunidades, Correia de Jesus, teve ontem um encontro com o seu homólogo Carlos da Graça.

Esta manhã Deus Pinheiro visitou o Bairro da Cooperação e o centro de produção da futura televisão santomense, projecto que tem o apoio técnico e de equipamentos da RTP, a ser inaugurado brevemente.

Ao fim da tarde reunir-se-à com a comunidade portuguesa e condecorará o sacerdote português Hermenegildo da Fonseca, natural de Penedono, Viseu, como grau de oficial da ordem de mérito.

Redacção «DL»/Lusa

Lei das Incompatibilidades passou no Tribunal Constitucional

Gomes não renuncia ao Parlamento Europeu

Fernando Gomes, presidente da Câmara do Porto e deputado europeu pelo PS, não pretende «para já, renunciar a qualquer dos cargos», acrescentando «querer ir, de vez em quando, ao Parlamento Europeu para defender e salvaguardar os interesses do Porto». Esta a resposta de Gomes à atitude do Tribunal Constitucional que avalizou a nova versão da Lei das Incompatibilidades, mercê do voto de qualidade do seu presidente, Cardoso da Costa.

Por seu turno, o PS declarou esta manhã que «respeita a decisão do Tribunal Constitucional e que a lei é para se cumprir quando entrar em vigor». Marques da Costa, porta-voz do PS, disse ao «DL» que só Fernando Gomes pode decidir sobre o seu mandato de deputado, mas a posição do seu partido é a de cumprir a lei.

O presidente da Câmara Municipal do Porto, Fernando Gomes, é, como se sabe, a principal «vítima» deste iniciativa do PSD. O Presidente da República dispõe agora de vinte dias para promulgar ou vetar politicamente a Lei das Incompatibilidades, de acordo com o artigo 139º da Constituição. Caso a veto, o diploma regressará ao Parlamento acompanhado de uma mensagem fundamentada.

Neste caso, basta a votação favorável da maioria dos deputados em efectividade de funções para confirmar a lei. Mário Soares será então obrigado a promulgá-la. De qualquer modo, fontes oficiais consideram pouco provável o veto político de Mário Soares.

A decisão do Tribunal Constitucional foi tomada como voto de qualidade do presidente e poderia ser outra se o juiz Luís Nunes de Almeida, próximo do PS, não estivesse ausente, por doença.

POLÍTICA

Ao quererem canalizar metade dos fundos vindos da venda de instalações militares para a educação e habitação para jovens, os socialistas responderam à diminuição do tempo da tropa prometida pelo Governo

PS e JS selam acordo político e iniciam caça ao voto jovem

«Não será a área da educação que vai pagar a factura» da redução do défice público, assegurou ontem Ferro Rodrigues, do Secretariado Nacional do Partido Socialista, durante uma conferência de Imprensa em que, com António José Seguro, líder da Juventude Socialista, apresentou um acordo quanto a política de Governo que, nos termos de Ana Maria Bettencourt, também na mesa, configurou um «pacto geracional» para desenvolver o País.

Os compromissos do PS num futuro Governo não se esgotaram, segundo os responsáveis dos secretariados do partido e da sua juventude, nos pontos ontem dados a conhecer no Largo do Rato, com a pompa e circunstância de um facto político inovador em tempo de canícula e de férias.

Apesar de avançarem com «alterações do sistema de bolsas - por forma a viabilizar, de facto, o acesso a camadas sociais mais desfavorecidas ao Ensino Superior - e sua actualização anual de acordo com o índice de inflação», os responsáveis socialistas, da Juventude e menos novos, recusaram-se a relacionar tal reforço no apoio aos menos endinheirados com o aumento das propinas pagas pelos menos necessitados.

Para além de políticas que obrigatoriamente constariam de um programa oposicionista ao Governo, como «criar desincentivos à contratação a preço para combater a precariedade do emprego», ou a eliminação progressiva do «numerus clausus» quando se trate de ac-



António José Seguro e Ferro Rodrigues: «um pacto geracional» para desenvolver o País



esso à Universidade, por exemplo, os socialistas de todas as idades estão de acordo em «canalizar, obrigatoriamente, cinquenta por cento das receitas oriundas da venda de instalações militares para as áreas da educação e da habitação para jovens», numa articulação real e efectiva com as Autarquias Locais.

«Real e efectiva»

As qualificações de «real e efectiva» para cada medida ajustada entre as lideranças do PS e da JS foram constantes, de resto, no discurso dos representantes de ambas as organizações, com Seguro a enviar à JSD, ainda que por tabela, a acusação de alinhamento com o poder político actual, ao garantir que a Juventude Socialista «está mais preocupada em estar ao lado dos jovens que ao lado do poder», caso o poder venha a ter as suas cores.

Esta conferência de Imprensa con-

junta, destinada a divulgar um pacto entre elementos da mesma família política, anuncia que os dirigentes socialistas não estão dispostos a deixar ao Governo todo o tempo de antena durante a época estival, se bem que avançando com uns tantos votos pios, como aliás compete, e a esperança de uma aberta por parte de uma Comunicação Social que corre atrás das obras feitas e em curso que não podem senão ser vistas através do Governo e do governante que lá estiver.

A última reunião da Comissão Política do PS tinha alertado, há dias, para mais que a manipulação de órgãos de informação, com a RTP em primeiro plano.

Depois do «caso» das frequências radiofónicas, «a tão apregoada privatização de alguns órgãos de comunicação social e a atribuição de alvarás para radiodifusão tem tido como critério fundamental a constituição de um tentacular grupo conduzido e liderado pelo PSD», acusaram os socialistas.

«A atribuição de canais de televisão seguirá o mesmo caminho», profetizaram. Daí que, perante inaugurações de obras feitas e insistências para que as que estão em curso se concluem em breve, por parte do Governo, o PS tenha optado por apresentar de tempos em tempos propostas alternativas. Os ideias novas, como foi o caso, nesta apresentação de um plano de concertação etária com vista a um poder ainda mais consensual que a presente abulia política dos jovens.

PCP lança desafio a Cavaco Silva

Um aumento intercalar do salário mínimo, das pensões e reformas foi a exigência que os comunistas fizeram ontem ao Executivo de Cavaco Silva. Esta foi, aliás, uma das ideias que sobressaíram da reunião da Comissão Política daquele partido, divulgadas em conferência de Imprensa.

Octávio Teixeira, membro da Comissão justificou aquela posição afirmando que «ultrapassada que está a primeira metade do ano, é já insofismável que a taxa de inflação anual se centrará na ordem dos 13 por cento, muito acima das metas oficiais que serviram de base às negociações colectivas de trabalho e à fixação dos valores do salário mínimo nacional».

A Comissão Política do PCP condenou o processo de privatizações sublinhando que este conduzirá à «perda da soberania nacional na economia portuguesa» e criticou ainda as afirmações do secretário de Estado das Finanças sobre o possível aumento para 30 ou 40 por cento da quota oficial das acções adquiríveis por empresas estrangeiras.

Para o PCP, o primeiro-ministro, Cavaco Silva, faz um «sofisma» quando «reconhece os inconvenientes nacionais da desnacionalização da economia, mas se recusa a tomar a única medida que defende o interesse nacional: a suspensão do actual processo de privatizações».

Em contrapartida, Octávio Teixeira disse que o PCP continua a defender «a dinamização do Sector Empresarial do Estado, e a sua cooperação com o sector privado e social da economia portuguesa».

Manifestando a intenção de ver apreciado «de forma aprofundada», na Assembleia da República, o relatório da Alta Autoridade Contra a Corrupção, o PCP chamou ainda a atenção para os 652 processos-crime instaurados nos dois últimos anos e para o caso «Aveiro-Connection».

Referindo-se ao «conflito existente entre Cavaco Silva e os líderes do PSD dos Açores e Madeira», o PCP reprovou «a ligeireza e a irresponsabilidade com que os dirigentes do PSD, transformaram as suas divisões e intrigas partidárias em questões de Estado».

Acusando o Governo de estar a avançar com uma «campanha eleitoralista não declarada», os comunistas ressaltam o facto de «vastas regiões do País» estarem neste momento «votadas ao marasmo e ao esquecimento».

Enviando um «recado» ao PS, o PCP classificou como «defeituosa» a caracterização feita por aquele partido «do projecto político do PCP», acrescentando que tais afirmações podem ser entendidas como «mais uma tentativa para justificar artificialmente opções e concepções que são, eles sim, prejudiciais para a alternativa democrática». O PCP insistiu na ideia da «convergência democrática», como forma de «definição de uma nova política».

Redacção «DL»

Quem revê pactos desconfia das armas

NATO sabe o que quer mas suspeita da URSS

As decisões da recente Cimeira de Londres sobre o futuro da NATO foram ontem passadas em revista pelo comandante-chefe das forças americanas estacionadas na Europa, John Galvin, de uma forma que se presta a algumas dúvidas. Dúvidas que o embaixador da Noruega em Lisboa em parte afluíram no período de perguntas que se seguiu à exposição de Galvin no Instituto de Defesa Nacional (IDN), ao questionar se as forças do Pacto de Varsóvia são, ou não, os principais oponentes da NATO.

De qualquer modo, da Cimeira de Londres «saíram indicações para a construção de uma nova estratégia, sobretudo o que temos de defender, e não contra quem nos temos

de proteger», frisou o comandante supremo das forças aliadas na Europa (SACEUR). John Galvin havia afirmado na sua comunicação a necessidade de uma maior apoio ao flanco Sul da Organização do Tratado do Atlântico Norte, no mesmo plano do Médio Oriente, por se estar perante as áreas de «maior instabilidade».

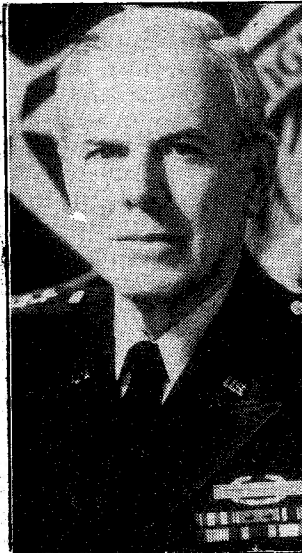
Controlo de armamentos estratégia do futuro

No entanto, logo a seguir, o general John R. Galvin admitiu a importância estratégica de forças navais «muito fortes» nas campanhas do «Mar da Noruega, protegendo-o contra uma investida dos navios da União Soviética até à Gronelândia,

Noruega e o próprio Reino Unido. «Perder esta ligação é perder a guerra», afirmou Galvin aos presentes, na comunicação que ontem fez no IDN perante oficiais das Forças Armadas Portuguesas.

Notória a presença de todos os seus chefes, à excepção de Conceição e Silva, na circunstância representado pelo vice-chefe da Força Aérea Portuguesa, Jesus Vasquez.

John Galvin começou por lembrar os seus tempos de soldado, em 1948, para confessar que há cinco anos a NATO «não tinha a confirmação do controlo dos armamentos como ponto da sua estratégia» e que, no quadro da evolução entre a NATO e o Pacto de Varsóvia, em breve os dois blocos passarão à



John Galvin: «OTAN e Pacto de Varsóvia já não são adversários»

segunda ronda das negociações, que incidirão sobre as armas nucleares.

«O controlo do armamento será a estratégia do futuro», admitiu noutro passo da sua comunicação, sublinhando que «as armas nucleares foram inventadas e não podem ser ignoradas, do mesmo modo que a pólvora, que veio mudar a face da terra».

Armas nucleares vieram para ficar

Disse John Galvin que a «arma nuclear também veio, como a pólvora, para ficar e que é uma mensagem política para parar a guerra». Nos esclarecimentos prestados, o comandante-chefe das forças americanas estacionadas na Europa adiantou que a RDA

vai integrar a NATO e que há comandantes alemães no Canadá, bases aéreas mistas na Grécia e na Noruega.

Curiosa esta referência, uma vez que a URSS salientou, até há bem pouco tempo, que receava a Alemanha, segundo afirmou Galvin. União Soviética que passa pelos problemas económicos já conhecidos e que «terá incentivos para assinar o Acordo de Viena», lembrou aquele general norte-americano.

Por tudo isso, «há dificuldades em definir os objectivos dos soviéticos, que ainda andam às voltas com o comunismo e o mercado livre, pelo que há 300 mil milhas de costa que têm de ser protegidas», acentuou.

Júlio Rodrigues

FORUM

Diário
de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho
de Administração: António Ruella
Ramos.
Administradores: Maria
do Carmo Ruella Ramos, João
Manuel Ruella Ramos, António Brás
Monteiro e António Gomes
da Costa.
Secretário-geral: Jorge Galamba.

Director Mário Mesquita
Directora-adjunta Diana Andringa

Exerceram anteriormente
a Direcção:
João Manuel (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella
Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David,
Rodríguez da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira,
João Galamba
de Oliveira, José Luís Feronha,
Maria Guilmar Lima,
Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques,
Alves Henriques,
Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Carlos Campones, Céu Neves,
Daniel Reis, Dina Soares,
Duarte Calvão, Elsa Andrade,
Emília Trindade, Ernesto Sampalo,
Fernando Brederode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas),
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra
Botinas, Lurdes Féria,
Maria Antónia Martinho,
Maria João Martins, Maria João
Rocha, Maria José Belo Marques,
Marina Tavares Dias, Paulo Martins,
Pedro Alvim, Pereira de Almeida,
Rodrigues Borges, Rui Eduardo
Paes, Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes
da Redacção: Alessandra Balsamo,
Daniel Oliveira, Francisco Paraiso,
Isabel Joyce, Jorge Fallorca
e Roby Amorim.

Cartoonistas: António Alfredo,
Brito e Pedro Palma

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
Emelinda Silva, Filipe Veríssimo
e Luís Tenreiro

Paginadores:
António Teixeira, José António
Carvalho, Jorge Santos,
Óscar Figueiredo e Ricardo
Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
António Lima e Maria
Helena Matos

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Cantelero

Redacção, Administração, Publicidade
e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano,
44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 -
Telegramas DIBOA - Telex 12363
DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso
na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do
Norte, 115-1º - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Delegação Norte: Rua Monte
dos Pípos, 326 - Custóias - 4450
Matosinhos - Telef. 9531566
Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço
do jornal: no Continente, 70\$00; na
Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

LATÃO
DE BARROS

D antes, o ouro media-se aos séculos. E retrospectivamente. Foi, por exemplo, o século de ouro. Na caracterização por parte da historiografia. Hoje, o ouro mede-se

aos anos.

E antecipadamente.

Anuncia-se que o ano tal, os anos tais e tais, vão ser _ anos de ouro.

Na caracterização por parte de governantes.

Dirão alguns que isto corresponde a uma confiança fundamentadamente maior dos governos quanto à sua operatividade, facilitada por aquilo que poderíamos definir como as novas tecnologias da governação.

Que isto corresponde a uma muito maior desenvoltura financeira por parte desses governos.

E que isto corresponde até a uma noção desmitificada de ouro.

Justifica-se por isso que um ministro, por exemplo, das Finanças, anuncie, verosimilmente, responsavelmente, que o ano que vem será, para a economia do seu país, _ de ouro?

E que um, por exemplo, secretário de Estado da Cultura anuncie, credivelmente, idoneamente, que, para a cultura do seu país, os próximos anos serão _ de ouro?

Dificilmente.

Não apenas porque pode esse ministro das Finanças ter, por exemplo, a infelicidade de perder totalmente o controlo da inflação e pode esse secretário de Estado da Cultura, por exemplo, sofrer o desaire de lhe estoirar, na boca, a castanha de um exemplar conflito num teatro nacional que passa por ser a jóia da sua pequena coroa administrativa.

Nem apenas porque, sendo tais governantes porventura membros de um Executivo que é suposto libertar a sociedade civil, designadamente as forças económicas e culturais dessa sociedade, esta calendarização governamental dos anos de ouro constitui uma flagrante incoerência. Mas porque há nisto, e à vista desarmada,

uma dolorosa desproporção entre o que um governo moderno, apesar do que definimos como novas tecnologias da governação, pode de facto fazer e aquilo que profunda, densa, estrutural, sociologicamente, é uma economia nacional e uma cultura nacional.

A cultura e a economia são montanhas que se recusam a ser paridas por ministros, menos ainda por secretários de Estado.

De resto, a História, seja ela Tácito seja ela Braudel, não parece apreciar excessivamente estas antecipações sobre o que será e não será de ouro em termos de época. A História conhece essa banalidade que é o monarca anónimo reivindicar, para o seu reinado, a classificação de «reinado de ouro». Reservando a História para o futuro, para a perspectiva, para a ponderação da multidisciplinaridade que uma época é, que até um par de anos é, o direito de proclamar essa coisa aliás tão subjectiva _ se essa época e se esses anos são ou não são de ouro.

Que resta, assim, desta afirmação de ministros, por exemplo, das Finanças, e de secretários de Estado, porventura da Cultura, de que os próximos anos, nas suas áreas de competência, serão de ouro?

É esta afirmação mero wishfull thin-king? Ou será ela apenas o ouro fácil do velho discurso político, o ouro a pataco sucessor do bacalhau a pataco?

Digamos que o discurso político, mesmo o tecnocrático, quantificador, economicista, tem o direito à utopia.

Com um risco.

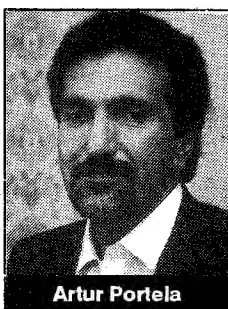
O de, com afirmações deste tipo, esse discurso acrescentar, à forte probabilidade de quem o produz não ter tido tempo para fazer aquilo que era suposto fazer, o ridículo de prometer aquilo que literalmente não poderá fazer.

Com outro risco.

O de esse discurso suscitar, e ainda por cima mal, a memória de um homem que, ele, sim, teve o talento de animar um regime, ao fazer cenograficamente desfilar, a favor desse regime, a História, _ Leitão de Barros.

Porquê _ mal?

Porque era Leitão de Barros, não era _ Latão de Barros.



Artur Portela

CARTAS
NA MESA

«Bye, bye, esperanto»

Li com agrado há alguns dias a crónica publicada na página 22 da vossa edição de 5 de Julho. Constatei, porém, que no parágrafo intitulado «Bye, bye, esperanto», algumas considerações expressas pelo autor não correspondem à realidade, dando assim aos leitores uma imagem incorrecta acerca desta língua.

São duas as frases enganosas:

1.ª: «... não já porque o persigam...» (linha 4) De facto, ainda hoje, as actividades relacionadas com a divulgação, ensino ou mesmo uso do esperanto são hoje fortemente «desencorajadas» pelas autoridades na Albânia, Coreia do Norte e, até à morte de Ceausescu, na Roménia.

Noutros tempos, não poucos esperantistas foram morrer na Sibéria ou em Auschwitz apenas por usarem essa língua «de judeus e capitalistas» ou «de judeus e comunistas». A proibição em Portugal, entre 1937 e 1958, foi bem mais suave, felizmente, mas isto mostra bem que sempre dirigentes totalitários temeram a comunicação plena e sem barreiras que o esperanto proporciona...

2.ª: «Está decadente, o esperanto.» (linha 13) Não me alongarei acerca desta frase; mais que quaisquer protestos, os números são eloquentes:

Em 1970, o esperanto era ensinado oficialmente em 30 universidades de 15 países. Em 1986, era já em 125 univer-

sidades de 28 países...

Em 1954, a UNESCO emitiu uma resolução reconhecendo os resultados conseguidos pelo esperanto no campo da comunicação universal. Em 1985, esse reconhecimento foi reafirmado «tendo em conta que o esperanto fez entretanto consideráveis progressos». (resoluções 1954-IV.1.4.422 e 1985-XI.4.4.218)

Em 1887 foi publicado o primeiro manual de esperanto; cem anos volvidos, as estatísticas mais pessimistas falam em 1 ou 2 milhões de esperantistas, 10 milhões, segundo a estimativa da UNESCO. (...)

António Martins
Leitor de Lisboa

LETRA DE FORMA

PÚBLICO

De um artigo de Manuel Pinto:

(...) A avaliar pelo que se disse e se escreveu, a televisão e o audiovisual constituem matéria que diz respeito essencialmente às indústrias de produção e difusão e às forças políticas e pouco ou nada aos utentes e aos consumidores. A dimensão cultural e educativa foi escamoteada. Eclipsou-se quase por completo no jogo dos interesses e das pressões. Verificou-se isso no recente debate sobre a lei da televisão e, noutro plano, na criação, em Fevereiro último, do Secretariado Nacional do Audiovisual.

Ora a escola e o sistema educativo constituem hoje, por diversas razões, parceiros essenciais de uma política do audiovisual que se queira assente numa perspectiva cultural e não economicista. Em primeiro lugar, pelo espaço que deve ser dado, na educação escolar, aos novos equipamentos audiovisuais, bem como à «alfabetização audiovisual» e à educação para os «media». Em segundo lugar, porque, se é verdade que, como numerosos estudos comprovam, os alunos têm no activo mais horas de televisão e vídeo do que de aulas, a educação e a formação terão de passar a ser encaradas de modo diferente. É isto que parece não ter sido ainda assumido. E é também isso que me leva a colocar este facto como uma das grandes omissões do ano lectivo de 1989-90 (...)

23.JUL.90

Diário de Notícias

De um editorial:

Um conflito entre o Governo central, detentor de maioria absoluta desde há três anos, e os dirigentes das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, que pertencem ao mesmo partido político daquele, terá sempre contornos misteriosos para a opinião pública, suscitando naturais interrogações sobre a sua origem e significado. Mais ainda quando os motivos imediatos se relacionam com questões de natureza económica ou do próprio estatuto político-administrativo das regiões.

Em situações deste tipo, importa, antes de tudo, identificar serenamente os problemas em causa e equacionar as suas possíveis soluções. Esta necessidade óbvia torna-se mais difícil quando, por parte dos próprios intervenientes, parece notória a urgência em denunciar culpados pela desestabilização, valorizando mais os veículos retransmissores do que as próprias questões de origem. Os meios de Comunicação Social tornam-se, neste contexto, alvos naturais de todas as partes envolvidas no conflito.

Deste ponto de vista, não deixaremos, como meio de Informação, de julgar excessiva a «desdramatização» do problema nos termos em que o fez o próprio primeiro-ministro, ao negar qualquer deterioração nas relações com o PSD/Açores e considerando esta sugestão «um produto de intriga e de manobras de bastidores vendido por certos políticos aos órgãos de Comunicação Social». Do mesmo modo, parece-nos que não clarificam a situação as declarações dos dirigentes regionais, quando procuram resumir o mesmo problema a uma acção «aleivosa», ou «ardilosa», de campanhas na Imprensa e nos lobbies políticos do Continente contra as autonomias regionais. (...)

23.JUL.90

Comércio do Porto

De um artigo de Jaime Quesado,
no suplemento «Economia»

(...) Ninguém duvida das vantagens particulares que, num «environment» de evolução acelerada e implementação de novas estratégias de gestão, representa o ter flexibilidade, dinamismo, produtividade, capacidade de adaptação. As PME constituem de facto, a este nível, um importante potencial, que não pode de modo algum ser desconsiderado.

Há, contudo, o outro lado da medalha _ e que se relaciona com as débeis estruturas de capital que as PME apresentam face aos tentáculos dominadores dos grandes grupos económicos. Nesse sentido, e na nova ordem concorrencial que se vai estabelecer, se por um lado ser flexível representa uma vantagem operacional, por outro, há que potenciar a estabilização de estruturas de capital que permitam aguentar o ritmo.

Donde as inegáveis vantagens de uma política concertada de cooperação, entendida no sentido positivo de aproveitamento de recursos, processos e estratégias. (...)

23.JUL.90

FORUM

AINDA SOBRE OS CONCURSOS UNIVERSITÁRIOS

Estava já na tipografia a minha última crónica sobre os concursos universitários quando, no jornal «República», Nicola Tranfaglia e Paolo Sylos Labini preconizavam, também eles, quadros nacionais de candidatos ou concursos flexivelmente abertos para um só lugar requerido por uma universidade específica. Espírito do tempo? Não: se se perguntar separadamente a três pessoas comuns como atravessar um cruzamento sem serem atropeladas, provavelmente todas elas aconselharão a que se espere o sinal verde.

Dizia eu que, com os actuais mecanismos dos concursos nacionais, até um santo acabaria por prevaricar, visto que a lei o obrigava a produzir afirmações absurdas, demonstrando uma declarada incompetência. O cidadão comum poderia, no entanto, reagir a todas estas histórias como faz em relação à Drangheta e à Mafia: deixemo-los estar até que se matem uns aos outros.

Mas a verdade é que, graças a este mecanismo próprio do Baixo Império, pagam todos os contribuintes.

Conta-se (a história é verdadeira e eu limitei-me a mudar os nomes das disciplinas e das cidades) que uma noite, um professor de Linguística Azteca de Mi-

lão acordou, às três da manhã, um colega de História das Explorações de Micronesia da Sardenha e que lhe disse: «Já sabes do escândalo da Etnologia Lombarda em Messina?!» Tinha acabado de ser informado, pelo catedrático de História da Arte Neozelandesa de Bolonha, que uma comissão desonesta tinha promovido outra pessoa que não a combinada. Pergunta-se: o que poderá interessar a um linguísta milanês um etnólogo de Messina e por que razão acordou por este motivo um historiador da Sardenha? Nas crónicas não consta o porquê desta atitude e então limito-me a dar asas à minha fantasia. Os candidatos à cátedra de Etnologia Lombarda deviam ser avaliados por um sociolinguísta, um historiador das literaturas germânicas antigas e um historiador medieval, os quais se tinham empenhado em favorecer o candidato do linguísta milanês, do micronesista da Sardenha e do especialista bolonhês em arte neozelandesa, porque estes iriam integrar o júri no concurso de Dialectologia Oceânica, para a qual o júri de Etnologia Lombarda tinha um favorito.

Mas a que propósito um micronesista da Sardenha defendia um etnólogo lombardo e um historiador medieval se batia por um dialectólogo oceânico? Pelo simples facto de que nesse momento se

jogava uma autêntica carambola com dezoito concursos que devia, no fim, conceder aos respectivos candidatos a vitória pela História das Explorações Lagunares em Aosta e pela História do Território Medieval Lombardo em Trapani. Reparem: nada exclui que estes candidatos não fossem realmente merecedores. Mas esta gincana era a única maneira de lhes assegurar a vitória.

Deste modo, para se poder avaliar um etnólogo por um germanista e um dialectólogo por um historiador de arte, centenas de pessoas deslocavam-se em Roma, para trás e para a frente, em inúmeras reuniões, passavam dias e noites colados ao telefone ou a escrever cartas cifradas, não dispondo nem de um minuto para darem aulas.

O ministério competente constitui muitas vezes (e por justas razões), a fim de elaborar qualquer reforma, comissões mastodónticas compostas, no mínimo, por sessenta pessoas: e as convocações chegam por telegrama na véspera de um dia que estatisticamente coincide com o das aulas de 50 por cento dos membros.

Por que razão nunca ninguém se lembrou de estabelecer (como fazem os barbeiros) que à segunda-feira

não se dá aulas em nenhuma universidade e que somente à segunda-feira as comissões se poderão reunir? Porque existem os profissionais das comissões e dos concursos, que vão a Roma de segunda a sábado, a fim de manterem debaixo de olho aquele para quem irá a cátedra de Etnologia Lombarda; vivendo miseravelmente em pensões modestas e contando com as antecipações dos reembolsos. Dedicassem eles tanta energia e tanta habilidade ao crime organizado e estariam, pelo menos, instalados no Hotel Excelsior.

Mas, apesar dos reembolsos se revelarem insuficientes, todo este processo é bastante dispendioso, os estudantes não vêem o professor e os concursos são o que são. No entanto, quando se propõe o concurso para um único lugar e divulgado por uma única universidade, com uma comissão «ad hoc» escolhida segundo o critério da competência específica, aparece sempre alguém a dizer que não estamos na América e a agitar o espantinho de uma pequena e longínqua universidade onde poderiam acontecer feias fraudes locais. Conclusão: tudo continua no melhor dos mundos.

(Trad. de Manuela Ferreira de Almeida)



Umberto Eco

A JUSTIÇA EM PORTUGAL

Por José Gama Vieira*

O ministro da Justiça, o actual, e certamente outros, para trás e para a frente, hão-de ser interpelados na Assembleia da República por causa da Justiça em

Portugal.

Suponho que isso tem a ver com o conhecimento com que ficámos das vezes que entrámos em contacto com as instituições judiciais.

Na verdade, pelas mais diversas razões, podemos receber dos Tribunais notificações.

E os remetentes são sempre encabeçados por Ministério da Justiça.

Vejam-se os recortes de vários remetentes: do Supremo Tribunal de Justiça, do Supremo Tribunal Administrativo, do Tribunal da Relação, de um novo Tribunal de Círculo, de um Tribunal da conhecida Boa-Hora, de um Correccional de um Tribunal de Família ou do Trabalho — todos parecem subordinados ao Ministério da Justiça!

No entanto, diz o art.º 113 da Constituição: «São órgãos de Soberania o Presidente da República, a Assembleia da República, o Governo e os Tribunais.

O art.º 207 da Constituição esclarece ainda melhor: «Os Tribunais são inde-



pendentes e apenas estão sujeitos à lei».

É certo: o Tribunal Constitucional — criado pela nova Constituição! — não tem esse prévio remetente, qual seja o Ministério da Justiça.

Mas, ao fim e ao cabo, em que ficamos: na teoria constitucional ou na realidade dos remetentes, das interpelações e dos programas?

Há uma pergunta que não foi feita, uma resposta ainda não dada.

A pergunta é: como se cumpre, em relação aos Tribunais, a separação, mas também a interdependência entre este órgão de soberania e os restantes. (Como manda o art.º 114 da Constituição)?

A resposta que cumpria dar é quem é que, afinal, gere e responde pela Justiça.

Portugal goza deste privilégio de ter uma Justiça tão independente que ninguém a relata, nos seus defeitos e nas suas virtudes.

Das Finanças se fazem projectos ou orçamentos, se verifica o que foi feito, se prestam contas.

Da Justiça, não há um relatório anual — ao menos perante o Poder Legislativo — que aponte os defeitos encontrados na legislação ou na prática.

Esperemos que só a estátua da Justiça permaneça cega... e só ela não me leia neste Jornal.

* Advogado

A P100 dá-se ao luxo de atirar o trabalho para trás das costas



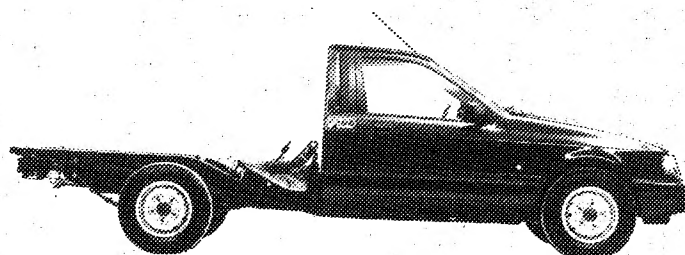
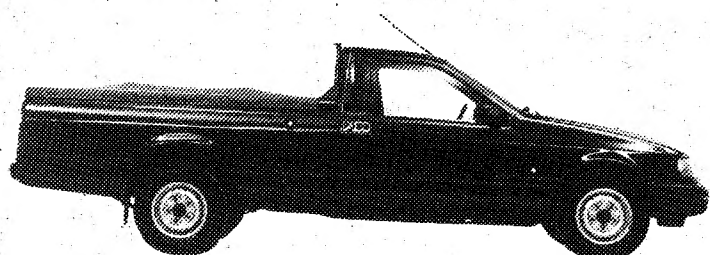
Ogilvy & Mather

Para trás das costas fica uma tonelada de trabalho, sustentada por um chassis e uma suspensão reforçada. Apesar disso a condução da P100 é excelente, suave e fácil.

A P100 é a única comercial com motor 1.8 Turbo Diesel. A sua potência, fiabilidade e eficiência aerodinâmica traduzem-se na rentabilização de tempo e de custos de operação.

A P100 também se dá ao luxo de ser versátil. Com a versão chassis/cabine, pode dar largas à sua imaginação e ao seu negócio. Se preferir pode optar pela pick-up de caixa metálica.

A P100 tem o equipamento, requinte e estilo de um confortável automóvel para que sinta o prazer de trabalhar ao volante de um FORD.



P100

Se houvesse melhor também seria Ford



QUALIDADE E INOVAÇÃO

INTERNACIONAL

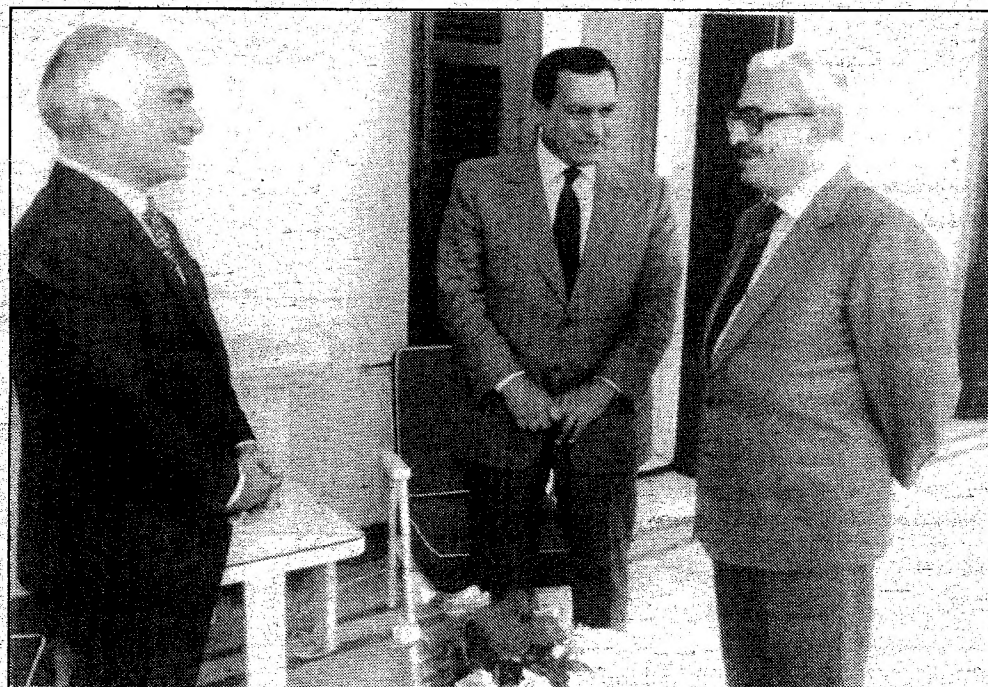
Esquadra dos EUA no Golfo em estado de alerta

Iraque concentra tropas na fronteira com o Kuwait

O Iraque concentrou 30 mil soldados das suas tropas de elite ao longo da fronteira com o Kuwait, num movimento cujo objectivo parece ser intimidar este país com quem está a manter um diferendo sobre quotas de petróleo e questões fronteiriças. Esta informação foi divulgada hoje pelo jornal norte-americano «Washington Post» que acrescenta que desde ontem o Kuwait decretou estado de alerta militar, tendo também enviado tropas para a fronteira, assim como mísseis de fabrico soviético.

Devido a este agravamento das tensões, a esquadra norte-americana no Golfo Pérsico, constituída por sete navios, foi posta em estado de alerta, afirma o jornal. A origem da notícia são fontes militares ocidentais e diplomatas árabes que durante o fim de semana foram autorizados a visitar o Iraque e constataram a deslocação de dois mil a três mil veículos militares na direcção da fronteira, transportando duas divisões de tropas, acompanhadas por tanques e mísseis.

A Imprensa oficial de Bagdad continua a atacar violentamente o Kuwait, pelo quarto dia consecutivo, tendo chegado a acusar o ministro kuwaitiano dos Negócios Estrangeiros, sheik Sabah Al-Ahmed Al-Sabah, de ser um «agente americano» e o «instigador de um complot» contra o Iraque, juntamente com os EUA, Israel e os Emirados Árabes Unidos (o outro país que é acusado de ter ultrapassado de as quotas de produção de petróleo esta-



O rei Hussein da Jordânia, o Presidente egípcio Hosni Mubarak e o ministro iraquiano dos Negócios Estrangeiros, Tarek Aziz, na reunião de ontem em Alexandria

belecidas pela OPEP, fazendo o preço cair nos mercados internacionais), para sabotar a economia iraquiana que tem que enfrentar uma dívida de cerca de 45 mil milhões de dólares, provocada pela longa guerra contra o Irão.

Mubarak em Bagdad

Enquanto se vão multiplicando os indícios de que um confronto armado poderá estar para breve, o Egipto está a fazer um esforço para conseguir resolver pacificamente a situação. Hoje de manhã, o Presidente egípcio, Hosni Mubarak, chegou inesperadamente a Bagdad para uma breve visita. Depois seguirá

para o Kuwait e para a Arábia Saudita.

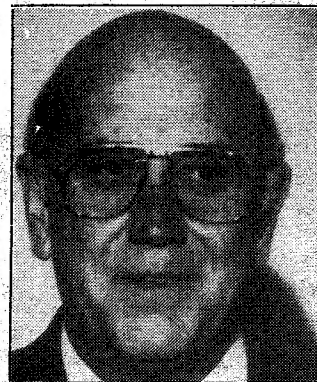
Mubarak esteve ontem reunido durante cinco horas com o rei Hussein da Jordânia, em Alexandria, tendo depois os dois chefes de Estado recebido conjuntamente o ministro iraquiano dos Negócios Estrangeiros, Tarek Aziz.

Um eventual conflito armado entre o Iraque e o Kuwait poderá desestabilizar todo o mundo árabe, através das alianças em que estão inseridos os dois países. O Kuwait faz parte do Conselho de Cooperação do Golfo, juntamente com os EAU, Qatar, Bahrein, Oman e

Arábia Saudita. O Iraque por sua vez, alinha com o Egipto, Jordânia e Líbano no Conselho Árabe de Cooperação.

A Síria tem o único exército da região capaz de rivalizar com as poderosas Forças Armadas iraquianas, sendo conhecidos os diferendos que opõem Hafez al-Assad a Saddam Hussein. Ontem, após ter recebido um emissário oficial kuwaitiano, o Presidente sírio, sublinhou a necessidade de «resolver pelo diálogo os diferendos dos países árabes, tendo em vista a preservação da solidariedade entre eles».

Redacção «DL»/
Lusa/AFP



Nelson Mandela e Frederik de Klerk

De Klerk reafirma negociações com Mandela

O Presidente sul-africano, Frederik de Klerk, declarou ontem que vão prosseguir as conversações entre o Governo e o ANC, não obstante a prisão durante a fim-de-semana de 40 elementos da ala militar do movimento negro e a descoberta de esconderijos de armas, entre as quais mísseis terra-ar. Por sua vez, os EUA advertem que o incremento destes incidentes poderá minar as negociações pacíficas para pôr fim ao *apartheid*.

Margaret Tutwiler, porta-voz do departamento de Estado norte-americano, disse que há indicações que o ANC se prepara para intensificar a luta armada caso falhem as conversações com o Governo. A porta-voz lembrou que, quando da recente visita de Nelson Mandela aos EUA, a administração norte-americana procurou convencê-lo a desistir deste método de luta em favor do diálogo pacífico.

Esta questão está, aliás, a ser discutida hoje, segundo dia da reunião do Comité Executivo Nacional do ANC, o qual, para além do relato da recente digressão de Mandela por 14 países, terá como questões mais controversas a luta armada e a situação de violência na província do Natal, onde o confronto com os zulus continua a causar numerosas vítimas.

O líder interino do ANC, Walter Sisulu admitiu que, ao encontro da insistência do Governo no sentido da suspensão da luta armada, como medida facilitadora das negociações, o movimento admite a obtenção de um acordo na próxima reunião entre as partes, agendada para 6 de Agosto.

De Klerk avisou ontem que não tolerará a desordem, anarquia e terrorismo na África do Sul, afirmando que os acordos já alcançados em Groote Schuur para o processo de paz e de imunidade contra perseguições políticas, aplicam-se apenas a actos cometidos «antes da data de entrada em vigor desta imunidade» e não permitem a ninguém «entrar pela porta das traseiras e tentar tomar o poder pela força. O Governo e as forças de segurança sul-africanas têm isto bem presente».

Redacção «DL»/
Lusa

Camboja

Baker na Ásia defende nova política de Washington

O secretário de Estado James Baker iniciou uma digressão à Ásia, para defender a nova política norte-americana relativamente ao Camboja (que consiste em negociar directamente com o Vietname a solução do conflito), antes de iniciar uma visita histórica à Mongólia, a 2 de Agosto.

Os aliados dos norte-americanos do Sudeste Asiático disseram entretanto que a súbita mudança na política de Washington poderá prejudicar os esforços para pôr termo ao longo conflito cambojano.

Os ministros dos Negócios Estrangeiros da Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean), reunidos em Jacarta, na Indonésia, emitiram um comunicado conjunto alertando para que «as tentativas de alteração nesta altura da representação do Camboja poderá prejudicar a busca de uma vasta solução para o problema cambojano».

Em Paris, um porta-voz da coligação rebelde cambojana anunciou que esta deverá reunir-se no dia 30 na capital francesa.

Os rebeldes vão analisar os resultados da reunião da semana passada em Paris entre os membros do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre o plano de paz para o Camboja, bem como a mudança ocorrida na política norte-americana em relação àquele país.

A agência noticiosa cambojana SPK anunciou entretanto que os *khmer vermelhos* intensificaram os ataques no centro do país.

Redacção «DL»/AFP

Eleva-se a 25 o número de refugiados cubanos

Castro «disposto a negociar» com as autoridades espanholas

Segundo a Imprensa de Madrid, Fidel Castro está disposto a negociar «ao mais alto nível» com a Espanha, para sair da crise que há mais de duas semanas ameaça de ruptura as relações entre os dois países. O diário «El País» está convencido de que os cubanos querem abrir o diálogo com um encontro entre Fidel Castro e o chefe do Governo espanhol Felipe Gonzalez. Os enviados especiais referem ainda que o embaixador espanhol em Havana, chamado no domingo a Madrid, é portador de uma mensagem do Governo cubano.

Contudo o embaixador espanhol, regressado a Madrid para consultas e como forma de protesto pelo teor insultuoso com que as autoridades cubanas se referiram ao chefe da diplomacia espanhola, não quis adiantar nenhum

pormenor sobre as possíveis aberturas ao diálogo do Governo cubano. Pelo contrário, Antonio Serrano de Haro, não hesitou em afirmar, à sua chegada em Madrid, que nem todos os cubanos refugiados na embaixada são verdadeiros candidatos à emigração, avolumando a tese da existência de espíões cubanos entre os refugiados.

O diplomata acrescentou ainda, nessa ocasião, que alguns desses cubanos refugiados mais parecem «atletas profissionais», sendo possível a sua expulsão das instalações da embaixada.

Entretanto, o Departamento Federal (ministérios) dos Assuntos Estrangeiros anunciou que três cubanos encontram-se refugiados, desde domingo, na embaixada da Suíça em Havana. À semelhança

do que aconteceu na delegação espanhola, consideraram as autoridades suíças, os três cubanos conseguiram penetrar na embaixada mau grado o dispositivo policial e militar cubano, montado em volta das instalações daquela missão diplomática.

A mesma fonte acrescentou que o Departamento Federal e o embaixador suíço em Havana, Markus Kaiser, examinaram a possibilidade de conceder o direito de refúgio temporário aos três cidadãos cubanos. Contudo, frisou o embaixador suíço, caso esse estatuto lhe venha a ser reconhecido, os refugiados não terão o direito de se deslocarem para um país da sua escolha.

Redacção «DL»/AFP/
Lusa

Governo da RDA na corda bamba

O Governo de coligação da Alemanha Democrática encontra-se ainda dividido sobre a questão das eleições para o Parlamento da futura Alemanha unida, a realizar no próximo dia 2 de Dezembro.

Os líderes do partido social-democrata (SPD) e liberal (FDP), ambos no Governo, recomendaram aos seus deputados para que apoiassem a ruptura da coligação se o primeiro-ministro, Lothar de Maizière, mantivesse a sua posição e não cedesse aos apelos dos outros partidos.

Acusado de ter uma inflexibilidade de «betão» ao defender a realização separada das eleições de Dezembro, o líder democrata-cristão defende-se afirmando ser «incorrecto pôr em jogo a situação da população com considerações eleitoralistas».

A disputa entre os parceiros do Governo, que levou socialistas, democratas e liberais a dar um ultimato a de Maizière, centra-se na definição dos territórios eleitorais que terão consequências importantes nos resultados das eleições em Dezembro.

Redacção DL/AFP

Absolvição da maior parte dos réus provoca escândalo na Itália

O atentado na estação de Bolonha à procura de autor

A absolvição, em segunda instância, dos réus do maior atentado na história da República italiana do pós-guerra - a deflagração de 25 quilos de explosivo na estação de Bolonha a 2 de Agosto de 1980 - gerou em pouco mais de 72 horas um verdadeiro terramoto na opinião pública italiana.

Houve primeiramente dez anos de investigações, mais de 340 audiências, nove meses de julgamento, 2.000 páginas de relatório e uma condenação em primeira instância dos 21 réus reconhecidos como executores materiais ou cúmplices no atentado. Agora, o Tribunal de Apelação de Bolonha absolveu a maior parte dos réus condenados na primeira instância e passou a sponja sobre mais este atentado, um dos seis atribuídos à extrema-direita em Itália.

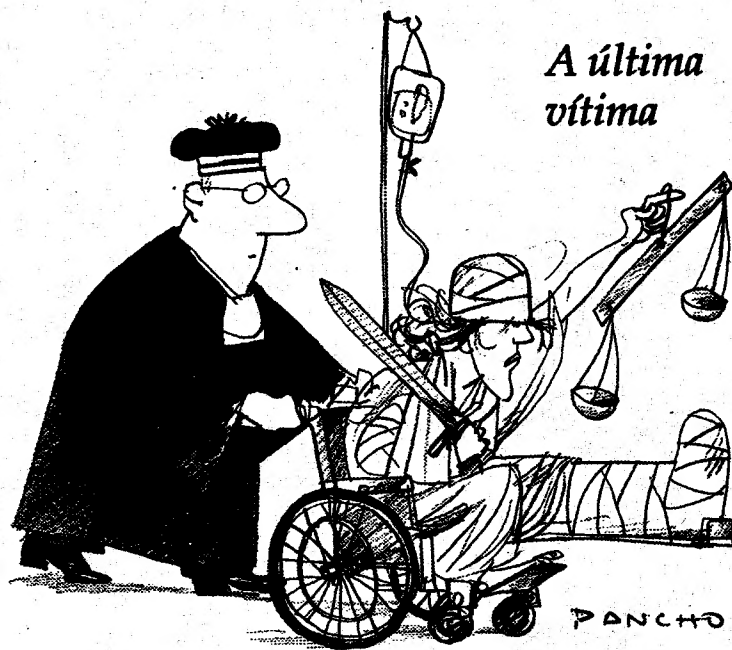
Esta sentença soou ao ouvido de muitos italianos, como a afirmação de que «a bomba nunca existiu». A bomba, os mortos, os feridos, as tentativas de despistar as investigações por parte dos serviços secretos italianos, o terrorismo de extrema-direita e, em última análise, o direito de obter justiça foram vozes e factos apagados ou

pelo menos suspensos, no texto desta sentença que, à distância de 10 anos, alargou a cratera na credibilidade das instituições italianas. Isto numa cidade que pagou, com dois atentados e 96 mortos, o preço de ter sido a «cidade vermelha» numa época em que de vermelho parecia haver apenas as Brigadas.

A sentença do escândalo

Assim, os terroristas de extrema-direita Valerio Fioravanti e Francesca Mambro, condenados inicialmente a prisão perpétua pela execução material do atentado, viram as suas penas diminuídas, respectivamente para 13 e 12 anos de prisão, enquanto outros dois neofascistas Massimiliano Fachini e Sergio Picciafuoco, igualmente condenados a prisão perpétua, foram considerados inocentes. A sponja tocou também Licio Gelli, o «Venerável», e ao que parece intocável, chefe da Loja Maçónica Propaganda

Bolonha, uma chacina sem culpados



inquinado pelo prisma político adoptado pelos juizes da primeira instância, acusados de serem manobrados pelo Partido Comunista Italiano. Para outros são os juizes da segunda instância a anularem a legalidade da primeira, vertendo a sentença a favor das forças de sinal oposto que os manobra.

Outros ainda ilibam de qualquer responsabilidade os juizes, deitando as culpas para a rede de complicitades entre máfia, terrorismo negro e os serviços secretos que à sombra do Secreto de Estado confundem, baralham e escondem as informações e os factos que poderiam explicar grande parte dos enigmas da história recente

do terrorismo italiano.

Agora Bolonha prepara-se para assinalar o décimo aniversário do atentado sem verdade, parando a cidade, enquanto o filho de Mussolini pede a retirada do adjectivo «fascista» da lápide que assinala o atentado. O Parlamento, inundado de interpelações dos deputados, começa hoje a discutir a sentença e a aprovação da lei que prevê a abolição do Secreto de Estado nos casos de terrorismo. O Supremo Tribunal analisará as motivações das duas sentenças produzindo uma terceira.

Entretanto, aos italianos não resta outra alternativa senão esperar que a próxima vítima mortal do atentado de Bolonha não seja, mais uma vez, a justiça e a verdade.

Alessandra Balsamo

2, e o empresário Francesco Pazienza, acusados de associação subversiva e condenados a dez anos de prisão.

As outras duas e únicas condenações que, apesar de terem sido reduzidas, se mantiveram nesta segunda pesagem da justiça italiana foram as dos dois altos oficiais do SISMI, os serviços secretos italianos. Os ex-oficiais Piero Mesumeci e Giuseppe Belmonte foram condenados por ter colocado uma mala com o mesmo tipo de explosivo do atentado de Bolonha no comboio Taranto-Milão. Juntaram documentos a essa bomba. A intenção era desviar as investigações da pista inicial do terrorismo «negro» para uma pista internacional, a conhecida «pista libanesa», mas ficaram curiosamente ilibados da acu-

sação de terem praticado este acto com a intenção de enganar a justiça.

Absolvidos os restantes réus deste julgamento de quem é, afinal, a responsabilidade do atentado? Que outro motivo terão tido os agentes do SISMI senão o de enganar a justiça e indirectamente contribuir para a liberação da extrema-direita? São estas as perguntas que têm alimentado e provocado nestes últimos dias as mais acesas polémicas entre diversas figuras da Imprensa, da política e da sociedade italianas.

A causa das coisas

Em causa está a natureza das decisões tomadas: técnico-jurídicas ou político-ideológicas. Para uns a sentença da segunda instância veio repor a legalidade no julgamento

Remodelação no Governo de Thatcher atinge subsecretarias de Estado

Como já vinha sendo anunciado, a primeira-ministra britânica, Margaret Thatcher, efectuou algumas alterações no seu Governo, substituindo ou transferindo cerca de vinte sub-secretários de Estado.

Esta remodelação, a sexta no espaço de um ano, abrangeu as subsecretarias de Estado dos Negócios Estrangeiros, Finanças, Educação, Emprego, Interior, Defesa, Energia, Comércio, Desportos e das Artes.

Francis Maude, até agora subsecretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, passou para a subsecretaria de Estado das Finanças, em substituição de Peter Lilley, que foi promovido a semana passada a ministro do Comércio e Indústria.

Maude foi substituído na subsecretaria dos Negócios Estrangeiros por Tristan Garel Jones, que ocupava o cargo de encarregado da disciplina do Partido Conservador, na Câmara dos Comuns.

Os dois subsecretários de Estado da Educação, Robert Jackson e Angela Rumbold, foram transferidos, respectivamente, para as

subsecretarias de Emprego e do Interior.

David Mellor, que ocupava o cargo de subsecretário do Interior, foi nomeado subsecretário das Artes, enquanto Colin Moynihan, que era subsecretário do Desporto, foi transferido para a subsecretaria da Energia.

Analistas prevêem que esta remodelação hoje efectuada por Margaret Thatcher possa ser a última antes das próximas eleições gerais, que se realizarão, o mais tardar em meados de 1992.

Entretanto, foi ontem divulgado em Londres um relatório do Ministério dos Assuntos Sociais sobre a pobreza. Segundo o documento, e não obstante o crescimento da economia britânica, o fosso entre ricos e pobres aumentou. Na última década os rendimentos médios, em libras constantes, aumentaram cerca de vinte por cento, no entanto, os rendimentos de dez por cento das famílias mais pobres, tendo em conta o preço da habitação, só aumentaram dois por cento.

Redacção DL/Lusa/AFP

L

ESTA SEMANA
NÃO PERCA

jornal de letras, artes e ideias

Ano X - 420 - De 24 a 30 de Julho de 1990 - 125000 - Semanal - Director José Carlos de Vasconcelos - Director Adjunto Luís Almeida Martins

JOÃO CABRAL DE MELO NETO
OS FAVOS DO DESERTO
ARTIGO DE CARLOS NEJAR
PÁG. 9



CINCO ANOS DEPOIS DE «O ÚNICO ANIMAL QUE?», UM NOVO ROMANCE.
DESTE MODO OU DAQUELE.

ABELAIRA:
«SOMOS UM PAÍS EM PROSA»



ESCOLA DE JAZZ DO HOT:
A CLAVE DO SONHO
PÁG. 21

CARTÁ INÉDITA DE JOLY BRAGA SANTOS ■ OS ESPÓLIOS DA BIBLIOTECA NACIONAL ■ LITERATURAS AFRICANAS, A POLEMICA EUGENIO LISBOA / MANUEL FERREIRA ■ OS FILMES DA TV POR SALVATO TELLES DE MENEZES ■ A CRÓNICA DE JOSÉ SESINANDO ■ CENTRO CULTURAL DE S. LOURENÇO, PROVEITO E EXEMPLO

QUOTIDIANO

Em Portugal

«Skinheads são treinados por militares e polícias»

«Os skinheads recebem treino sistemático a nível individual, apoio de vários militares e alguns polícias, sobretudo por parte dos comandos», afirmou à revista espanhola «Interviú» Artur Castro Cardoso da Silva, antigo activista de esquerda, que esteve infiltrado no movimento de extrema-direita portuguesa, e se apresentou como cunhado do dirigente do Movimento de Acção Nacional (MAN), João Eduardo Lourenço Milhães.

Segundo o entrevistado, «alguns destes treinos chegaram a ter lugar no Quartel-General do Porto e na serra de Valongo». Contactado esta manhã pelo DL, o oficial de dia a este comando desmentiu as afirmações feitas na revista espanhola, argumentando que «nós aqui não estamos vocacionados para essas coisas. É literalmente mentira o que essa revista diz».

Artur Silva vai ao ponto de citar um «capitão Teixeira da Polícia Judiciária Militar, do Porto» e um ex-comando que

«se chama Aguiar». E acrescenta: «Polícias e militares portugueses simpatizam com os skinheads». No dia 30 de Abril, um polícia que me deteve, disse-me o seguinte, quando lhe perguntei por que não perseguiram os skinheads com mais rigor: «São boa gente, porque fazem o trabalho que gostaríamos de fazer, ou seja, acabar com os negros, anarquistas, homossexuais e comunistas».

Artur Silva revela também que foram dois elementos dos skins, recrutados no Porto, os autores da morte do dirigente do PSR, José Carvalho, em 28 de Outubro. Um deles, conhecido por Paulo Maluco, «está a cumprir o serviço militar em Tancos», enquanto o outro, Joãozinho, terá morrido, há dois meses, num desastre de mota.

Esta revelação contraria a tese policial, que inculpa Pedro Grilo, actualmente detido na prisão de Caxias a aguardar a decisão do Tribunal da Relação sobre um recurso interposto pelo Ministério Público.

O entrevistado disse que o assassinio foi planeado por Luís Henriques, director do jornal «Ofensiva» e João Eduardo Lourenço, dirigente do MAN, com a ajuda de um advogado que tem escritório em Mirandela e Valpaços.

Na entrevista que deu à «Interviú», Artur Silva disse que «os skins são recrutados em bairros pobres de operários e sobretudo em zonas da Grande Lisboa, nomeadamente Amadora, Almada, Barreiro e Benfica. No Porto, eles vêm essencialmente de Matosinhos, Vila Nova de Gaia, Espinho, Mirandela, Guimarães, Braga e Coimbra».

Dório de Castro, José Lopes, António José de Brito, Luís Baião e Mário Rui Pinto, são alguns dos nomes que Artur Silva cita como pertencentes à organização.

«De uma forma geral, os skins usam camisas brancas ou aos quadrados, calças à vaqueiro, muito justas, botas cardadas e cabeças rapadas, embora, ultimamente, tenham

recebido ordens para se disfarçarem um pouco», disse Artur Silva.

Este ex-activista da extrema-esquerda disse ainda que «os skinheads são financiados, em Portugal, por empresários e industriais do Norte que vivem no Porto, Guimarães, Felgueira, Braga, Coimbra e Vila Nova de Gaia. Desta última cidade Artur Silva cita um industrial «chamado Albuquerque», que foi sócio de seu pai.

Artur Silva revelou que o MAN está por detrás de um grande número de publicações, como «Vento Norte», «Jovem Revolucionário», «Ofensiva», «Nova Lusitânia», «Combate Branco» e «Último Reduto», e disse que a ideia comum que anima aqueles movimentos de extrema-direita é a perspectiva de que a Europa vai mudar antes de 1992 a sua orientação política. Suceder-se-á, mais tarde, um colapso capitalista, o que abrirá aos movimentos neo-fascistas a possibilidade de tomar o poder, combinando a via



O racismo é uma característica dominante dos «skinheads»

eleitoral com o golpe militar.

Em 18 de Julho, em Madrid, vai realizar-se, segundo Artur Silva, um encontro internacional de jovens neo-fascistas em que o MAN estará

presente ao lado da Frente Nacional de Le Pen, da Juventudes Falangistas, de Espanha, e da Ku-Klux-Klan, entre outras organizações de extrema-direita.

PESAN: Cavaco faz promessas a sindicalistas PSD da UGT

O primeiro ministro comprometeu-se ontem a alterar a fórmula de cálculo para a aproximação dos salários portugueses à média comunitária tal como está no Pesar (Progresso Económico e Social para os Anos 90), afirmou ao DL Pereira Lopes, líder da Tendência Sindical Social Democrata (TSSD) da UGT, que ontem esteve reunida com Cavaco Silva.

«Se a fórmula que vem expressa no Pesar não está coincidente com o que se pretende, encontrar-se-á outra, disse-nos o primeiro ministro, pois mantém as afirmações que tem feito quanto à capacidade que a economia portuguesa tem para garantir a recuperação dos salários reais», acrescentou o social democrata presidente da UGT.

A reunião de ontem, que se realizou em resposta a um pedido de audiência dos TSSD membros do executivo daquela central sindical, foi considerada por Pereira Lopes como «positiva», uma vez que Cavaco Silva «demonstrou receptividade às questões que lhe expussemos».

No entanto, o sindicalista não deixou de expressar, em

declarações ao DL, algum cepticismo, pois «já não é a primeira vez que achamos o primeiro ministro muito sensível aos problemas que lhe colocamos mas depois, nos vários circuitos ministeriais, a sua resolução esbarra com obstáculos. Às vezes as coisas correm bem com o primeiro ministro, mas depois, por isto ou aquilo, a nível dos ministérios há receio em resolver as questões».

Para além da fórmula de cálculo do aumento dos salários, Pereira Lopes disse a Cavaco Silva que o Pesar, «tendo alguns aspectos positivos, carece de alterações que contemplem posições fundamentais para o associativismo sindical».

Entre essas questões salientou a necessidade de o Pesar «apontar, em todos os seus pontos, para um papel importante do bi e tri-partismo, como perspectiva a curto e médio prazo. É o caso da participação sindical na gestão do Inatel, da Segurança Social e na formação profissional nas empresas, além da garantia e protecção aos dirigentes sindicais».

«Qualquer 'negócio' que venha matar o movimento

sindical, por muito bom que ele seja, é sempre inaceitável», acrescentou Pereira Lopes, para quem o documento da UGT não pode ser esquecido. «Não se trata da junção dos dois, mas de encontrar um consenso».

Outra questão polémica constante no documento do Governo é a cessação dos contratos de trabalho. «O primeiro ministro considerou que a sua redacção é já aceitável, remetendo-nos para o ministro do Emprego. Desejariamos que fossem proibidos os despedimentos individuais, mas estamos receptivos a analisar uma redacção mais moderada, flexibilizando um bocadinho», disse o sindicalista.

Os social democratas da UGT apresentaram a Cavaco Silva os seus pontos de vista: «Não fomos lá para elogiar o Pesar do Governo, mas para expor as nossas críticas como tendência, que não divergem muito das da central. Demos um contributo para que o documento venha a ser melhorado».

Segundo Pereira Lopes, a «utilidade da celebração de um contrato social a médio prazo é aceite pela esmagadora

maioria dos dirigentes da UGT, e a nível de tendências não tem havido divergências profundas sobre o conteúdo, mas apenas algumas a nível de estratégia».

«Tudo temos feito para que haja um contrato social o mais rapidamente possível, superando as divergências, para mostrar ao país que há uma central sindical mais realista que o próprio Governo e confederações patronais», afirmou Pereira Lopes.

Os maiores entraves têm sido postos pelas confederações patronais que, segundo o presidente da UGT, «consideram o Pesar uma oferta do Governo aos sindicatos».

O caso dos mecanismos de correcção nos salários portugueses relativamente ao disparo da inflação foi outro assunto discutido na reunião. «O primeiro ministro disse-nos que se ia empenhar pessoalmente nos problemas que se põem aos trabalhadores dos transportes», aconselhando os sindicalistas a verem «a possibilidade de se realizar um encontro com o ministro da tutela», revelou ainda Pereira Lopes.

Elsa Andrade

Lisboa sem Carris durante 4 horas

Os trabalhadores da Carris realizam amanhã, entre as 10 e as 14 e 30 horas, um plenário centralizado com recolha de frota, pelo que durante esse período os «laranjas» não circularão.

A paralisação deve-se ao facto de a administração da empresa não ter dado resposta ao caderno reivindicativo apresentado conjuntamente pelos dois maiores sindicatos, Sitra (UGT) e Festru CGTP.

Durante o plenário serão decididas novas formas de luta, de forma a obrigar a Carris a aceitar as reivindicações: aumento intercalar, redução do horário de trabalho e manutenção das regalias adquiridas.

Lotaria Popular

1º -205413	3 000 000\$00
2º -444683	1 000 000\$00
3º -224161	500 000\$00
4º -235831	250 000\$00
Terminações em 5413	85 000\$00
Terminações em 413	60 000\$00
Terminações em 683	10 000\$00
Terminações em 161	3 500\$00
Terminações em 831	1 500\$00
Terminações em 01,19,28,63, 64,78,89 -	500\$00

Pereira Lopes acredita num acordo com o Governo

O líder da tendência social-democrata da UGT, Pereira Lopes, criticou ontem o programa económico e social para os anos 90 (PESAN) mas mostrou-se confiante num acordo com o governo «antes do último trimestre deste ano».

Pereira Lopes, que falava após uma audiência com o Primeiro-Ministro, afirmou que notou neste «abertura para as propostas da UGT», acrescentando que «o PESAN não é considerado pelo governo totalmente acabado e sem discussão».

«Faremos cedências e o patronato certamente que também as fará porque o importante é que Portugal tenha um contrato social de médio prazo», disse Pereira Lopes, que responsabiliza «os parceiros sociais que não sabem pôr os interesses do país acima de outros».

Para Pereira Lopes, a UGT gostaria de ver contemplado «o reforço do associativismo sindical» no PESAN, que também «não garante a recuperação do poder de compra dos salários reais dos trabalhadores, que tem que caminhar para os praticados nas comunidades».

Pereira Lopes defendeu ainda a proposta apresentada pela central sindical que preside, o «pacto de progresso participado e partilhado», embora «possa ser celebrado um acordo a breve prazo com o governo, que não passa pela fusão mas pelo consenso».

Governo na posse de estudos do metro

A maior parte dos estudos feitos no Metroropolitano de Lisboa sobre a sua futura expansão foi já entregue ao ministro da tutela, disse, ontem, o porta-voz daquela empresa de transportes públicos.

A mesma fonte acrescentou que os estudos entregues no Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações surgiram na sequência da necessidade de ampliação da actual rede do metropolitano.

O informador sublinhou que se trata de estudos de viabilidade que permitirão à tutela, a análise e decisão correspondente. Adiantou que apenas falta entregar um último estudo respeitante à comparação multicritérios de todas as alternativas analisadas a partir do plano inicial da empresa.

Em qualquer dos casos as prioridades são a extensão da rede entre a Rotunda e o Cais do Sodré e a conclusão das obras no nó ferroviário do Campo Grande e posterior ampliação para norte em direcção ao Lumiar e Odivelas.



Pedreira dos Húngaros: erguer mais barracas é ilegal — e desabrigar os pobres que é?

Na Pedreira dos Húngaros

A barraca por um fio

Os habitantes do bairro da Pedreira dos Húngaros e de Santa Catarina, no concelho de Oeiras, vivem, desde há alguns meses, com um pesadelo constante: o de um dia, ao chegarem a casa, verificarem que dela apenas restam destroços. Este receio, sempre presente naqueles que vivem em habitações clandestinas, tem-se agravado nas últimas semanas com as ameaças feitas pelos fiscais da Câmara não apenas junto dos novos moradores, mas também dos que ali chegaram há cinco anos e mais.

A única acção concretizada até agora foi a da destruição da barraca onde Gini Sanches Monteiro vivia com os seus três filhos. Neste caso não se tratou, sequer, de levar a cabo de uma ameaça, já que Gini não foi avisada do que ia acontecer. «Foi na quinta-feira, por volta das três horas da tarde» - recorda. - «Eu estava a fazer o almoço para o meu filho mais novo, que estava na cama, quando eles chegaram». Eles, são os fiscais da Câmara que, depois de terem retirado as poucas mobílias da barraca, a arrasaram totalmente.

A história não é inédita e o seu seguimento também não. A barraca, construída há apenas dois meses, constituía o único refúgio daquela família, hoje alojada em casa de uns vizinhos. Gini já recorreu à edilidade para que alguém lhe dê explicações. Todavia, não conseguiu ser recebida por ninguém.

A Câmara, por seu turno, considera que não pode

admitir a construção de novas barracas pois, se o fizer, não conseguirá jamais resolver o problema das zonas degradadas. Além disso, os habitantes daqueles bairros estão conscientes da ilegalidade das suas casas e dos riscos que correm ao construir novas barracas, só que as alternativas não são nenhuma. «Nós sabemos que não se pode construir novas casas, mas é um pecado mortal estar a destruí-las quando há um problema tão grande de habitação», afirma o padre Henrique, pároco daqueles bairros.

«Se a casa for abaixo eu vou com ela»

Mas não só os novos habitantes estão em perigo. Rosa Brás, reformada por invalidez, habita na Pedreira dos Húngaros há seis anos. A sua casa, feita de tijolo e cimento, é habitada por seis pessoas e, atendendo às condições do bairro, pode ser considerada uma boa casa. Há duas semanas, os fiscais da Câmara apareceram à sua porta, afirmando que dentro de 24 horas voltariam para deitar a casa abaixo. «Não me disseram porquê, só disseram que vinham a ainda me gozaram», afirma, acrescentando que se a casa for abaixo, ela vai com ela.

O seu vizinho, que padece de uma doença renal que o obriga a fazer hemodiálise três vezes por semana, recebeu a mesma ameaça apenas por ter construído em frente à porta um alpendre destinado a impedir que a chuva

entre. Na verdade, também a construção de novas divisões é proibida a os habitantes sabem-no. «Se eles não nos dão casas novas, não percebo porque é que não nos deixam sequer melhorar as que temos e preferem que a gente não tenha sequer uma casa de banho», protesta o Carlos, um jovem da Pedreira dos Húngaros.

No bairro há mais de dez anos, Carlos sempre ouviu falar na promessa - nunca concretizada - de casas novas. «Sobretudo em tempo de eleições eles vêm cá fazer promessas, mas depois o que recebemos são os fiscais a demolir casas e a polícia a espancar quem tenta impedir», acrescenta.

Matilde Carvalho é outra das habitantes da Pedreira dos Húngaros que vive no terror de ver a sua casa destruída. «Na quinta-feira, eles vieram cá, entraram-me pela casa dentro e disseram que iam deitar abaixo os quartos. Quanto perguntei onde é que eu e os meus quatro filhos íamos dormir, eles mandaram-nos dormir na taberna», conta.

Há quem se queixe também da apreensão, pura e simples, do material de construção comprado com grande esforço para um ou outro melhoramento. «Uma vez tinha comprado seis metros de areia e de cascalho e os fiscais trouxeram uma camioneta, levaram tudo e ainda queriam que eu pagasse trinta contos, mas se eles voltarem eu mato-os», ameaça um dos habitantes do bairro. A Câmara

afirma, porém, ignorar este facto.

A desumanidade de todas estas situações é gritante. Ao verem as suas casas demolidas sem que lhes seja atribuída outra habitação, as pessoas são obrigadas a reconstruí-las, e há casos de barracas destruídas e reconstruídas três vezes. Aos olhos da lei, a sua defesa é nula. As casas são ilegais, os melhoramentos também e o terreno no qual está instalada a Pedreira dos Húngaros não pertence sequer à Câmara, mas sim à Habitat, a empresa construtora do complexo de Miraflores.

Antes do 25 de Abril, quando se construíram ali os primeiros edifícios, a Habitat tinha-se comprometido com o município a realojar os então poucos habitantes do bairro. No entanto, hoje, a Pedreira dos Húngaros atingiu enormes proporções e tem mais de 700 barracas, algumas albergando várias famílias. A Câmara tem vários projectos de realojamento e fez, em 1983, um levantamento que revelava a existência de 500 famílias no bairro. Já foi criado um grupo de intervenção que vai estudar, caso a caso, a atribuição de casas. Porém, até agora apenas foram atribuídas meia dúzia e o realojamento total, a concretizar-se, ainda vai demorar, pelo menos, seis anos. Entretanto, milhares de pessoas continuam a viver no temor de que um dia a casa vá abaixo.

Dina Soares

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DO CARTAXO

ANÚNCIO

A Dr.ª Maria do Rosário Pita Pegado Gonçalves, Juiz de Direito do 1.º Juízo da Comarca do Cartaxo.

Faz saber que no dia 3 de Outubro de 1990 pelas 9.30 horas, no Tribunal desta Comarca, nos autos de carta precatória 40/90, a correr termos pela 1.ª Secção desta Comarca e vinda do Tribunal Judicial de Agueda e extraição dos autos de Execução de Sentença 228/C/83 da 2.ª Secção do 1.º Juízo em que é exequente a Metalúrgica do Leiria Ld.ª com sede em Oliveira do Bairro e executados Remaque - Representações e Reconstituição de Máquinas de Escritório, Ld.ª com sede na Rua Serpa Pinto 25-A no Cartaxo, não-de ser postas em praça pela 1.ª vez para serem arrematados ao maior lance oferecido, acima do valor indicado nos autos, um computador «Olivetti» modelo 240; um conjunto de secretárias metálicas e quatro cadeiras e uma calculadora electrónica de marca NST.

Mais se consigna que é fiel depositário o Sr. Alexandre Nunes Saraiva, sócio-gerente da firma «Suturema» no Cartaxo.

Cartaxo, 4 de Julho de 1990

A Juiz de Direito

a) Maria do Rosário Pita Pegado Gonçalves
O Escrivão Adjunto
a) Vitor Manuel Duarte Mendes

«DL» - 24/7/90 - 1.ª Pub



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE LETRAS

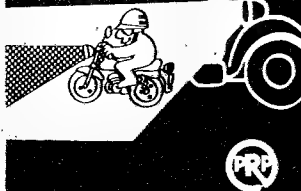
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA

Ano lectivo 1990/91

6.º Curso de Mestrado em GEOGRAFIA HUMANA E PLANEAMENTO REGIONAL E LOCAL (Portaria 728/81)

Duração - 2 anos
Habilitação exigida: Licenciatura
Apresentação de candidaturas: 23 a 30 de Julho
20 a 28 de Setembro
Local de entrega: Secretaria da Faculdade de Letras das 9 às 16 horas

quem me avista
meu amigo é



«Colombo» de novo na Câmara

A nova redacção da proposta camarária que aponta para o «chumbo» do empreendimento «Colombo» deverá ser apresentada e votada amanhã na reunião extraordinária que antecede a última sessão pública do município lisboeta, antes das férias de Verão.

Aquele assunto, que chegou a estar agendado para a reunião extraordinária de ontem acabou por não ser votado, por consenso, proceder à reformulação de alguns pontos essenciais da proposta inicial.

Assim, no novo documento, que será posto amanhã à apreciação da Câmara, já não

se deverá invocar como argumento bastante para a revogação da deliberação de Abecasis (que autorizou o projecto de alteração da obra pertencente a Belmiro de Azevedo). Recorde-se que uma das razões apontadas para o chumbo daquela alteração foi o facto de na nova decisão da Câmara não se ter observado o despacho negativo do ministro do Comércio e Turismo, exarado nos termos do decreto-lei 190/89.

No entanto, na última reunião resolveu-se retirar este ponto devido à eventual inconstitucionalidade de que poderia enfermar o referido decreto-lei. Alguns vereadores chegaram a considerar a

que legislação como uma possível «interferência do poder central no poder local». Assim, o argumento de peso para revogar a decisão de Abecasis deverá fundamentar-se basicamente no desrespeito do disposto sobre a matéria no Regulamento do Plano Geral de Urbanização da Cidade de Lisboa.

Mais tarde, já no decorrer da reunião aberta ao público, o vereador Rui Godinho deverá apresentar uma proposta de adjudicação de uma empreitada para a remodelação da rede viária e de esgotos no troço entre a Avenida 24 de Julho e o Cais do Sodré. O empreendimento deverá custar à edilidade cerca

de um milhão e 590 mil contos.

O «Papagaio da Avenida», a polémica esplanada construída frente ao cinema S. Jorge é outro dos problemas que deverá ser resolvido amanhã. A proposta do vereador Machado Rodrigues preconiza o fim da ocupação da área de 320 metros quadrados e o pagamento ao promotor da obra, a Fragosos, Actividades Hoteleiras, Lda, de 74 mil contos de indemnização. O município passará a ser o proprietário da estrutura da esplanada, devendo desmontá-la e remove-la para outro local da cidade. Possivelmente para o Bairro da Serafina.

Bombeiros
começam
a ficar
esgotados

Cada vez mais fogos

A situação dos fogos florestais é preocupante, tendo-se registado nos últimos 38 dias um aumento de 27 por cento em relação a igual período do ano passado, revelou ontem o inspector superior do Serviço Nacional de Bombeiros (SNB).

Cristiano Santos referiu que se registaram, desde 1 de Junho, 9.548 incêndios florestais e rurais, com um total de 25 mil hectares ardidos. No ano passado, e durante o mesmo período, tinham ocorrido 7.592 fogos, numa área de 16 mil hectares.

Este responsável salientou que os bombeiros começam a estar exaustos e a entrar em stress, o que motiva «muitas preocupações».

Entretanto, um total de 223 fogos florestais foi registado pelo Centro de Prevenção e Detecção de Incêndios Florestais da Sertã, desde o início do ano.

Enquanto isto, o concelho de Sabugal, distrito da Guarda, encontra-se parcialmente sem comunicações telefónicas devido a graves incêndios florestais que ocorreram naquela região da beira raiana.

Um incêndio que há dois dias eclodiu naquela região destruiu cerca de três centenas de hectares de pinhas, florestas, palheiros, vinhas, castanheiros e forragens.

As gentes da região afirmam que se tratou do maior fogo jamais ocorrido nesta região, onde a população esteve três dias em estado de alerta.

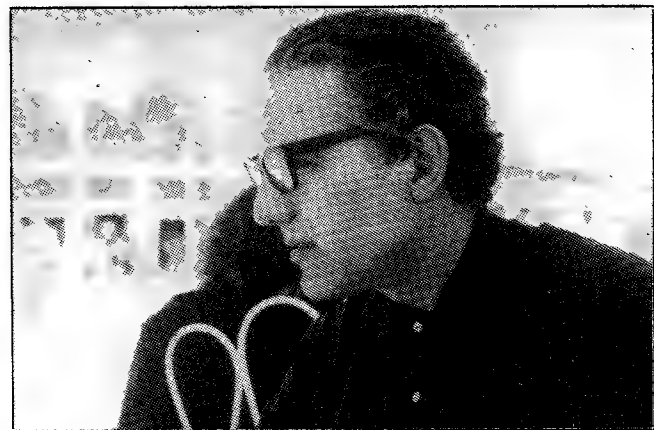
Homenagem a Mário Castrim no seu 70º aniversário

O colaborador e antigo jornalista do DL, Mário Castrim, é homenageado sexta-feira em Lisboa, a propósito da passagem do seu 70º aniversário.

A concretizar com um jantar na Casa do Alentejo, a homenagem é organizada por um grupo de amigos e antigos colaboradores do DL-Juvenil, que Mário Castrim criou em 1966, juntamente com o ensaísta Augusto da Costa Dias, e com ele coordenou até 1973, ano em que a publicação foi suspensa por determinação do último chefe de Governo da ditadura, Marcelo Caetano.

Entre os muitos jornalistas e publicistas que ali deram os primeiros passos literários e agora se associaram a esta festa, conta-se a nossa directora-adjunta, Diana Andringa. Da Comissão Organizadora da homenagem fazem parte Mariano Gago, Carlos Pinhão, Leandro Martins e Leonel Fadigas.

De seu nome de registo Manuel Nunes da Fonseca,



Mário Castrim nasceu em Ílhavo, em 1920, dedicou-se ao ensino técnico antes de ingressar no jornalismo, que exerceu essencialmente no nosso jornal, primeiro como coordenador do já referido suplemento, depois como crítico de televisão, função de que se ocupou a partir de 1965 e a que mais notoriedade lhe valeu. Além de ter colaborado num programa infantil no antigo Rádio Clube Português, produzido por Igrejas Caeiro, Mário Castrim escreveu também alguns livros para crianças, nomeadamente «O cavalo de lenço amarelo é perigoso», «Histórias com juízo» e «Colóquio».

Hoje reformado, Castrim mantém uma coluna semanal de crítica televisiva no DL. É casado com Alice Vieira, jornalista da Redacção do «Diário de Notícias» e, ela também, autora de livros para crianças e jovens. Têm uma filha, Catarina da Fonseca, já com obras do género publicadas e premiadas.

Segurança no trabalho no reino da fantasia

Apenas dez por cento da indústria portuguesa tem capacidade económica para implantar serviços próprios de medicina no trabalho, revelou o clínico Mário Ferreira, em entrevista concedida ao jornal Tribuna Médica.

De acordo com o especialista, «há muitas empresas portuguesas que mesmo que queiram não poderão transformar-se a fim de cumprir o espírito da lei sobre medicina no trabalho, actualmente em discussão na Assembleia da República. Outras, as que podem - e são uma pequena fracção - talvez não queiram».

Segundo Mário Ferreira, trata-se de adaptações com «custos muito elevados» e, «mesmo que a lei venha a ser aprovada, não vai poder ser executada porque as empresas não dispõem de meios nem tão pouco existe fiscalização».

O especialista alertou ainda para os «graves problemas» que a lei vai colocar aos pais-póis, segundo as normas dos tribunais comunitários, a segurança no trabalho e as condições de saúde dos trabalhadores passarão a ser da responsabilidade do empregador.

«Haverá aspectos positivos, nomeadamente uma maior consciencialização das pessoas e uma maior pressão dos trabalhadores e seus representantes sindicais junto das empresas

para que incluam nos seus cadernos de encargos verbas para a protecção e bem estar dos seus funcionários», adiantou Mário Ferreira.

Em contrapartida, haverá um aumento da procura a que dificilmente pode ser dada resposta já que «não há médicos especializados, enfermeiros de trabalho nem técnicos de prevenção e segurança em número suficiente».

Estatísticas comunitárias revelam que as doenças e acidentes profissionais custam à C.E.E. dez vezes mais dias de trabalho que as greves.

Gulbenkian atribui subsídios para saúde

A Fundação Calouste Gulbenkian acaba de conceder subsídios no valor de cento e oito milhões de contos para aquisição de equipamento em diversas instituições de Saúde e Assistência Social.

Os Hospitais da Universidade e o Centro Hospitalar de Coimbra, o Hospital de Santa Cruz e a Administração Regional de Saúde de Castelo Branco, bem como duas dezenas de centros paroquiais, Misericórdias, lares de idosos, fundações e associações espalhadas pelo País irão dividir, entre si, os cerca de cem milhões de contos agora atribuídos pela Gulbenkian.

B R E V E S

Estudantes canadianos em Portugal

O secretário de Estado da Reforma Educativa, Pedro da Cunha, convidou um grupo de trinta e três alunos, cinco familiares e cinco professores do First Portuguese Canadian Cultural Centre a visitar Portugal por ocasião do 45º aniversário da instituição. A visita do grupo, que terminou ontem, contou, em termos organizativos, com a colaboração da Direcção-Geral de Extensão Educativa e da Associação das Pousadas da Juventude. O grupo visitou Viana do Castelo, Guimarães, Aveiro, Coimbra, Covilhã, Castelo Branco, Leiria, Nazaré, Óbidos, Lisboa, Queluz e Sintra.

Recluso de Linhó suicidou-se

Um recluso da cadeia de Linhó suicidou-se no passado sábado, informou à agência Lusa o director-geral dos Serviços Prisionais, Fernando Duarte. «Era um homicida que já tinha sido internado por duas vezes devido a problemas psiquiátricos». Não tinha problema s disciplinares, trabalhava e, recentemente, tinha-lhe sido dada autorização para ir a casa», acrescentou Fernando Duarte. O recluso tinha deixado de trabalhar há alguns dias, alegando não ter disposição para tal. Esta foi a terceira morte ocorrida em Julho nas cadeias portuguesas. A primeira verificou-se no estabelecimento prisional de Alcoeñte e a segunda na prisão de Vale de Judeus, ambas na primeira semana do corrente mês. Em Junho, mataram-se quatro reclusos, um na cadeia da Guarda, dois na prisão de Lisboa e um quarto na prisão de Tires.

Festa em Mafra

Na IX Feira Agro-Pecuária e Industrial de Mafra, que decorre até ao dia 29 do corrente mês, actua hoje, às 18 horas, a Filarmónica da Ericeira. Amanhã, à mesma hora, exhibe-se o rancho de S. Miguel de Alcainça e no dia 26, quinta-feira, a banda e orquestra ligeira da EPI, e Raúl Ouro Negro. Na sexta é a vez de Marco Paulo, com o espectáculo marcado para as 22 horas e 30. O grupo de música popular portuguesa Trigo Limpo actua dia 28 e a tarde do dia 29 será preenchida com Maria do Amparo, Samuel e Avô Cantigas.

Abastecimento de carne afectado

O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Norte disse que «as elevadas percentagens de adesão à greve dos trabalhadores do Instituto Regulador e Orientador dos Mercados Agrícolas (IROMA) pode afectar o normal abastecimento de carne». Hoje foi o primeiro dia de uma greve de cinco dias convocada pela Federação Nacional da Função Pública, para reivindicação de respostas relativas ao futuro dos trabalhadores do IROMA, formação e reconversão profissional, bonificação do tempo de serviço para aposentação e aplicação do sistema retributivo às carreiras específicas. Os dirigentes sindicais alertam para a possibilidade de ocorrência de abates clandestinos de gado, devendo a população tomar precauções quanto ao consumo de carne.

Vila de Rei sem água

«O problema de abastecimento de água ao concelho de Vila de Rei é gravíssimo, pois de dia para dia estão a secar os furos artesanais», disse a presidente do município, Irene Barata. Segundo a autarca, «a falta de água está a afectar muitos dos 80 lugares do concelho e, para poupar, podemos mesmo ter que vir a fazer cortes no abastecimento». A causa principal de a maior parte dos furos estar a secar é, na opinião dos técnicos, a pobreza do solo em lençóis de água e a pouca capacidade de absorção de água em tempo de chuvas.

Exército comemora 851º aniversário

O Exército comemora amanhã o seu 851º aniversário, no dia em que foi travada a Batalha de Ourique. As cerimónias serão presididas pelo chefe do Estado-Maior do Exército, general Firmiano Miguel, e decorrerão no Regimento de Artilharia de Lisboa. Neste mesmo dia celebra-se também S. Tiago, padroeiro das forças militares cristãs da Península Ibérica, no século XII.

ECONOMIA

B R E V E S

Pinto & Sotto Mayor coopera com Angola

O presidente do Conselho de Gestão do Banco Pinto & Sotto Mayor, Teixeira de Almeida, manteve em Luanda contactos ao mais alto nível com vista a analisar o quadro de condições jurídico-financeiras que regula o investimento português em Angola e a propor algumas soluções que o torne mais fácil.

Gestifer aumenta capital para um milhão

A Gestifer, holding de um grupo do sector da construção civil, vai aumentar o seu capital de 500 mil para um milhão de contos. As empresas do grupo (Edifer, Edimetal, Carpinfer, Meliobra, Edifore e Edimecânica) facturaram em 1989 cerca de 14 milhões de contos, com um crescimento de 70 por cento relativamente a 1988.

Laboratório de informática para apoiar formação

A IBM Portuguesa e o Instituto Luso-Americano para a Formação vão criar um laboratório de informática para suporte dos cursos e acções de formação da segunda instituição, cuja actividade visa essencialmente o desenvolvimento de competências dos quadros das empresas, particularmente gestores e supervisores.

Filadélfia na rota da Swissair

Em Agosto, a Swissair vai acrescentar Filadélfia à sua rede mundial, sendo a primeira vez que uma companhia internacional oferece a ligação directa entre aquela cidade norte-americana e a Suíça. Este voo alarga a rede de destinos da companhia suíça para 111 cidades em 68 países.

Hertz Portuguesa instala-se em Viseu

A Hertz Portuguesa abriu um balcão em Viseu, alargando, deste modo, para 31 os seus pontos de venda em Portugal, onde está a desenvolver uma estratégia do mercado do interior. A Hertz é a primeira companhia mundial de serviço de aluguer de automóveis sem condutor.

O banco central da Alemanha Federal considera que, se não for acompanhada por produtividade, a subida dos salários é perigosa para a competitividade e ameaça os empregos

Aumentos salariais na RDA preocupam Bundesbank

Aumentos salariais muito significativos na República Democrática Alemã (RDA) podem enfraquecer a economia deste país face à concorrência mundial e ameaçar também os empregos, caso não sejam acompanhados por uma melhoria da produtividade, adverte o banco central da Alemanha Ocidental (Bundesbank) no seu último relatório mensal.

O nível dos salários é um dos elementos-chave que determinará a competitividade da economia da RDA, afirma o Bundesbank, que se mostra inquieto com os últimos acordos salariais assinados na Alemanha do Leste.

No passado dia 13 de Julho, os salários dos metalúrgicos da região Berlin-Brandebourg tiveram um aumento de cerca de 25 por cento, acordo que entrará em vigor no dia 1 de Outubro próximo.

A produtividade da Alemanha do Leste está actualmente situada em 40 por cento menos que a da economia da Alemanha Ociden-



Reunificação económica: os problemas começam agora

tal, revela o Bundesbank.

No seu relatório, o banco central da RFA chama igualmente a atenção para o perigo que representa um apoio financeiro prolongado às empresas da Alemanha do Leste pelos poderes públicos da RDA e da RFA.

«Este apoio não pode justificar-se se não como uma ajuda de arranque para facilitar a transição», afirma o Bundesbank, acrescentando

que se torna necessário que as empresas da Alemanha do Leste se capacitem rapidamente do que são as realidades da economia de mercado.

Novos problemas

A entrada em vigor da união monetária inter-alemã, no passado dia 1 de Julho, trouxe consigo toda uma série de novos problemas para o Bundesbank na efectivação

prática da sua política monetária», diz o banco central.

Desta forma, aquela política deve igualmente adaptar-se à nova situação que é reflectida pelas estatísticas monetárias, mas a verdade é que o Bundesbank se vê privado de intervir na RDA com os seus instrumentos habituais, devido, essencialmente, ao desconhecimento de determinadas práticas financeiras e monetárias pelas empresas da Alemanha do Leste.

Contudo, os sistema bancário da RDA, em total reestruturação, está em vias de se adaptar às regras da economia de mercado, mas o seu comportamento monetário continua ainda a ser uma grande incógnita.

«Enquanto não houver um melhor conhecimento do panorama, o Bundesbank deve, mais do que nunca, intervir em caso de necessidade sobre o mercado monetário da Alemanha do Leste», afirma o banco central.

DL/AFP

Combustíveis: liberalização já não vai a tribunal

A Comissão das Comunidades Europeias decidiu suspender até Outubro o envio ao Tribunal do Luxemburgo do dossier relativo à adaptação do mercado petrolífero português às regras da livre concorrência.

Segundo fonte da Secretaria de Estado da Energia, esta decisão vem pôr termo ao diferendo entre a CEE e o Governo português relativamente à adaptação do mercado petrolífero nacional às regras comunitárias. Para ela contribuiu a intenção expressa pelo Governo de alterar o actual regime fiscal relativo a esta área.

Na verdade, diz a mesma fonte, o

Governo vai adoptar um conjunto de medidas de alteração das normas em que vai operar o mercado dos combustíveis em Portugal, no sentido da sua liberalização e consequente adaptação às regras comunitárias através da desactivação gradual dos mecanismos de protecção existentes.

Em Portugal, o regime fiscal é penalizador em relação aos produtos importados, pelo que vai ser redefinido o Imposto sobre os Produtos Petrolíferos, o que deverá acontecer aquando da aprovação do Orçamento de Estado para 1991.

Segundo o projecto já elaborado, este imposto irá ser substituído por um preço

européu médio, regime que será constituído com base num preço tomado como referência adoptado por um conjunto de países europeus, o que implicará que o preço dos produtos petrolíferos seja igual para todos os operadores nomeado, quer para os que recorrem à importação quer para os que se abastecem na Petrolgal. No que respeita aos contingentes de importação, a Comissão Europeia considera a situação portuguesa «aceitável», uma vez que não há nenhum elemento que permita constatar que este sistema de gestão de contingentes restringe as importações de outros Estados-membros.

Centralcer privatizada no final do Verão

A Central de Cervejas (Centralcer) será privatizada no final do mês de Setembro, afirmou Elias da Costa, secretário de Estado das Finanças.

Esta empresa apurou em 1989 um resultado líquido de 929 mil contos (mais 91 por cento que no ano anterior), para vendas de 27 milhões de contos (mais 38 por cento).

Está, entretanto, a desenvolver um programa de modernização da sua fábrica em Belas orçado em 200 mil contos. Mediante este investimento, a empresa vai automatizar as linhas de fabrico, criar uma linha de enchimento

e construir um laboratório para controlo de qualidade.

Com uma capacidade de produção de 50 milhões de litros de cerveja e de 30 milhões de litros de refrigerantes, Belas é a única unidade industrial portuguesa a fabricar a cerveja Carlsberg. Esta fábrica foi, em 1989, a primeira produtora do mundo, entre as licenciadas, e a segunda melhor em qualidade, de acordo com os testes de qualidade.

Belas é uma das três unidades industriais da Centralcer, onde são produzidas as marcas de refrigerantes Jói e

Star e as marcas licenciadas GreenSands e Carlsberg. Aqui são também produzidas três *mixer* da companhia de Copenhaga: a Água Tônica, a Ginger Ale e a Bitter Lemmon.

A Carlsberg, tipo Gold e Pilsener, é a cerveja estrangeira mais vendida em Portugal, facto que associado à portuguesa Sagres, faz com que a Centralcer possua as marcas líderes do mercado nacional. No ano passado colocou no mercado 3,5 milhões de hectolitros de cerveja. O molde escolhido para a operação (oferta pública de venda) deverá ser o mesmo para todas

as outras empresas sob propriedade do Estado e cuja privatização está prevista até 1993: Tranquilidade, Aliança Seguradora, Mundial Confiança, Bonança, Império, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Totta & Açores, Crédito Predial Português, Banco Português do Atlântico, Banco Pinto & Sotto Mayor, Banco Fonseca & Burnay e a Sociedade Financeira Portuguesa. A excepção poderá ser verificada pela Cimpor, que, «por razões estratégicas», poderá ser privatizada por concurso público.

DL/Lusa

COTAÇÕES



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

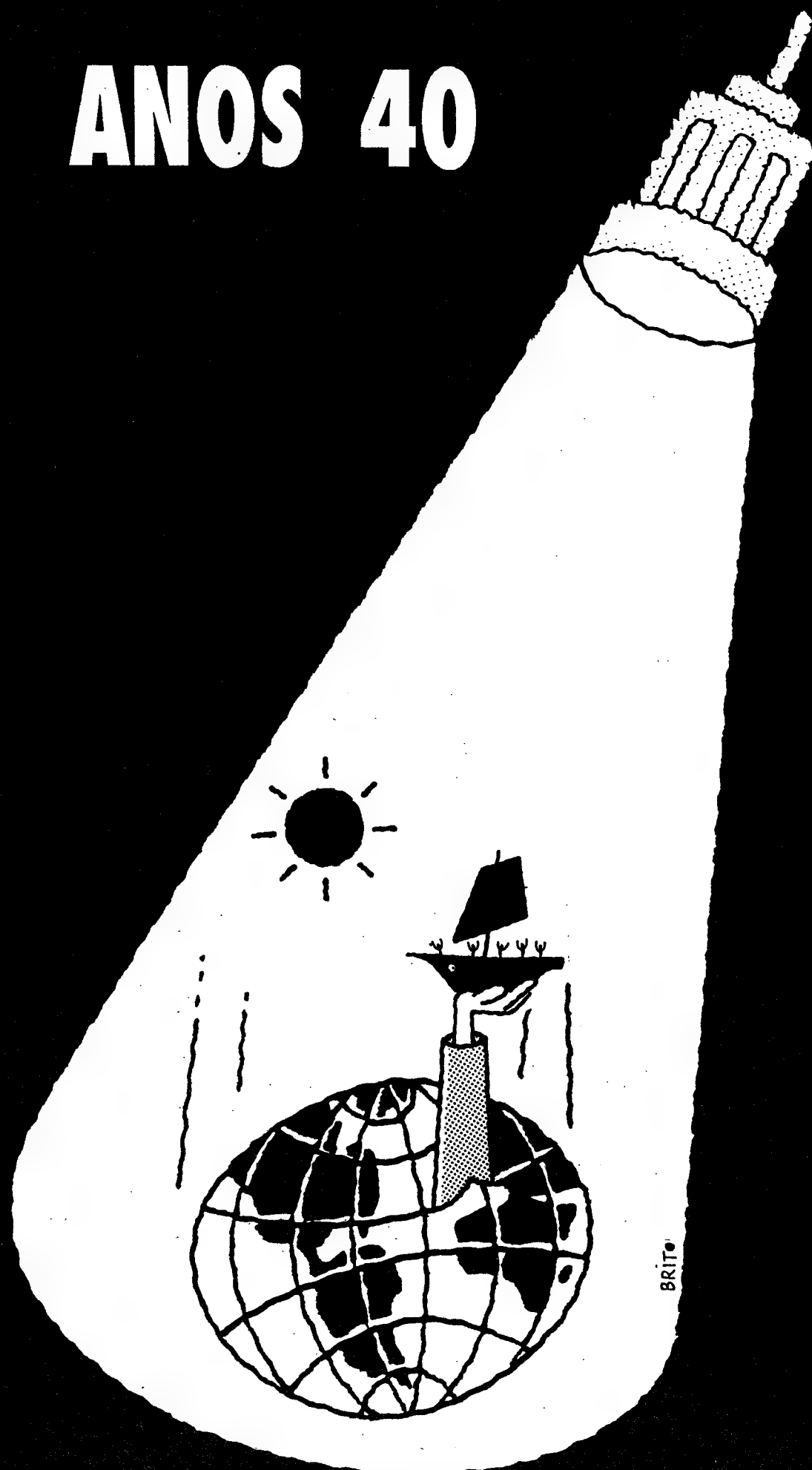
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	39\$15	45\$15
ALEMANHA FED. (marco)	86\$80	88\$00
AUSTRIA (xelim)	12\$35	12\$55
BÉLGICA (franco)	4\$021	4\$271
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	122\$80	125\$30
(notas de 5 a 1000)	123\$30	125\$80
DINAMARCA (coroa)	22\$80	23\$20
ESPAÑA (peseta)	13\$381	13\$501
EUÁ (dólar — notas de 1 e 2)	142\$20	145\$70
(notas de 5 a 1000)	142\$70	146\$20
FINLÂNDIA (marka)	37\$10	37\$70
FRANÇA (franco)	25\$90	26\$60
HOLANDA (florim)	77\$05	78\$15
IRLÂNDIA (libra)	233\$90	237\$90
ITÁLIA (lira)	\$108	\$123
JAPÃO (iene)	\$914	\$969
NORUEGA (coroa)	22\$60	23\$10
REINO UNIDO (libra)	259\$45	263\$95
SUÉCIA (coroa)	23\$95	24\$45
SUIÇA (franco)	101\$60	103\$10
VENEZUELA (bolívar)	28\$25	38\$25

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

Lisboa e a Exposição do Mundo Português

ANOS 40



ORGANIZAÇÃO DO Diário de Lisboa
E DA CINEMATECA

PROGRAMA

SÁB., 21, às 15h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
A EXPOSIÇÃO DO MUNDO PORTUGUÊS/1941
de António Lopes Ribeiro

SÁB., 21, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
INAUGURAÇÃO DO ESTÁDIO NACIONAL/1944
de António Lopes Ribeiro

A MORTE DO ENG.º DUARTE PACHECO/1944
de António Lopes Ribeiro

SÁB., 21, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O PAI TIRANO/1941
de António Lopes Ribeiro
c/Vasco Santana, Ribeirinho, Leonor
Maia, Graça Maria, Teresa Gomes

SEG., 23, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
FEITIÇO DO IMPÉRIO/1940
de António Lopes Ribeiro
c/Alves da Cunha, Madalena Sotto,
Luís de Campos, António Silva,
Ribeirinho
- só banda imagem -

SEG., 23, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O PÁTIO DAS CANTIGAS/1941
de Francisco Ribeiro (Ribeirinho)
c/António Vilar, Ribeirinho, Vasco
Santana, António Silva, Graça Maria

TER., 24, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O CORTEJO HISTÓRICO DE LISBOA/1947
de António Lopes Ribeiro

LISBOA DE HOJE E DE AMANHÃ/1948
de António Lopes Ribeiro

TER., 24, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O COSTA DO CASTELO/1943
de Arthur Duarte
c/António Silva, Maria Matos,
Milú, Fernando Curado Ribeiro

QUA., 25, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
UM HOMEM ÀS DIREITAS/1944
de Jorge Brum do Canto
c/Barreto Pereira, Julieta Castelo,
Carmen Dolores, Maria Matos,
Virgílio Teixeira

QUA., 25, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
O LEÃO DA ESTRELA/1947
de Arthur Duarte
c/António Silva, Erico Braga,
Milú, Maria Eugénia, Fernando
Curado Ribeiro

QUI., 26, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
DOCUMENTÁRIOS DE ACTUALIDADES
DOS ANOS 40
Seguido de debate com:
César de Oliveira
Fernando P. Santos
Fernando Rosas
Manuel Braga da Cruz

QUI., 26, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
A MENINA DA RÁDIO/1944
de Arthur Duarte
c/Maria Eugénia, Fernando Curado
Ribeiro, António Silva, Maria Matos,
Ribeirinho

SEX., 27, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
OS VIZINHOS DO RÉIS-DO-CHÃO/1947
de Alejandro Perla
c/António Silva, Fernando Curado
Ribeiro, Eunice Muñoz, Milita Meireles

SEX., 27, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
FADO/1947
Perdigão Queiroga
c/Amália Rodrigues, Virgílio Teixeira,
Vasco Santana, António Silva

SÁB., 28, às 15h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
SOL E TOIROS/1949
de José Buchs
c/Manuel dos Santos, Leonor Maia,
Ana Paula, Erico Braga

SÁB., 28, às 18h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
DOCUMENTÁRIOS DOS ANOS 40

SÁB., 28, às 21h30
TEMPO DO MUNDO PORTUGUÊS
CANTIGA DA RUA/1949
de Henrique Campos
c/Alberto Ribeiro, Deolinda Rodrigues,
Maria Olguim

C
I
N
E
M
A
T
E
C
A
P
O
R
T
U
G
U
Ê
S

Eles têm uma atitude aberta com a situação.

Jovens s

Ivan, Diana, André e Paulo têm idades semelhantes aos personagens do filme. Queremos saber o que pensavam deste tema. Para tanto organizámos um debate em que também participou o psiquiatra Dias Cordeiro. Estes jovens, vindos do Liceu Pedro Nunes, em Lisboa, têm uma atitude aberta face à homossexualidade, embora nunca um amigo os tenha confrontado com semelhante problema. Admitem que a sociedade, espalhada em rígidos códigos, os impele muitas vezes à chacota, um jogo fácil no qual as expressões «maricon» e «bichona» têm lugar. O medo da possível identificação leva muitas vezes o grupo a rejeitar um companheiro, dizem. «Os comportamentos estão viciados à partida», frisa Diana Barbeitos.

Ivan Nunes - Nunca me vi confrontado com uma história destas. Creio mesmo que a sociedade norte-americana é mais conservadora. Não sei se nos liceus portugueses existe um tal conservadorismo e, no caso de existir, se chega ao ponto de as pessoas nem quererem falar de homossexualidade com os seus amigos ou colegas mais próximos. O ambiente nas nossas escolas parece-me mais aberto. Se um colega meu se assumisse como homossexual não encontraria boa receptividade junto do meio familiar nem dos amigos, mas ultrapassava mais rapidamente a situação de Todd, a personagem do filme.

André Belo - Acho que isso não é extensivo a todas as escolas. Há sítios na província onde é capaz de existir muito conservadorismo.

Diana Barbeitos - Apesar de todo o enraizamento de valores, nos EUA é mais fácil assumir aquela postura porque há estruturas sociais de apoio. Os liceus portugueses funcionam em grandes aglomerados. As pessoas não têm ambiente, nem espaço, para se revelarem homossexuais aos colegas.

Em relação ao filme, Todd não tinha uma ideia muito determinada sobre o seu comportamento... Foi impelido pelas circunstâncias, sem que a identificação homossexual tenha sido muito sólida.

Ivan Nunes - Na idade dele é muito difícil assumir o que se é ou se crê ser. No filme ele vive o conflito em torno de uma ideia.

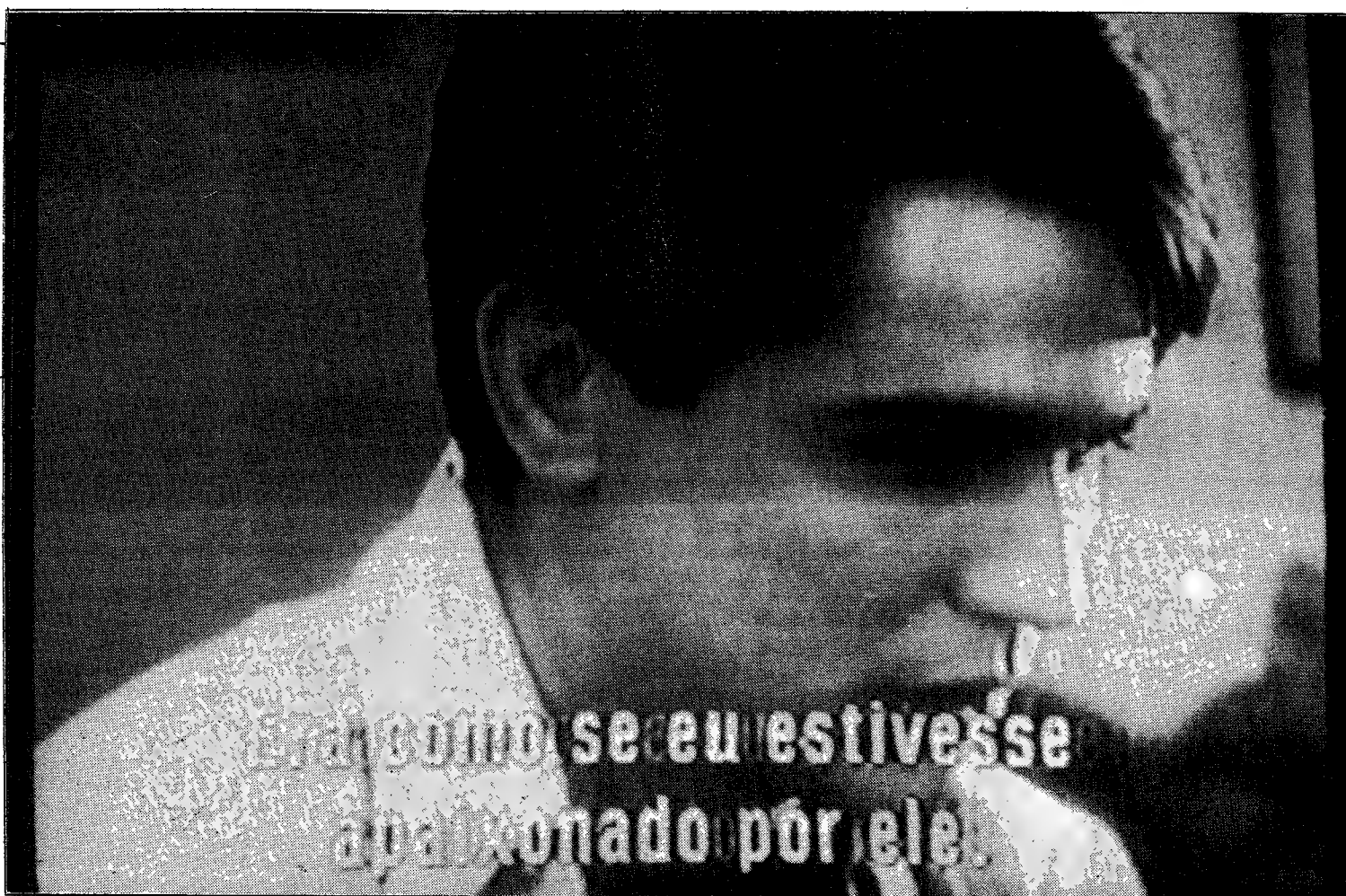
Diana Barbeitos - É preciso ver que ele já tinha lido algumas coisas sobre o assunto antes de colocar a hipótese de ser homossexual.

André Belo - A intenção do filme, na minha opinião, é a de questionar todo um processo de formação da identidade sexual. É equacionada uma série de questões importantes: desde o conflito interior, passando pela conflituosa relação com os amigos, até à decisão de Todd se assumir como homossexual. Talvez seja esse o caminho de todas as pessoas. Nas mesmas circunstâncias. É difícil admitir que se é homossexual numa sociedade que renega esse comportamento.

Bode espiatório

Paulo Noriega - Desde o início que ele tenta fugir à homossexualidade. Faz isso sendo o mais crítico para com os homossexuais, tentando namorar com uma rapariga, pretendendo mostrar - e ter - um comportamento igual ao dos outros companheiros.

Dias Cordeiro - Pergunto: será Todd realmente um homossexual? Na idade dele é natural e normal ter dúvidas sobre a masculinidade. O receio de ser homossexual acompanha essas dúvidas. As daquele rapaz baseiam-se na idolatração de determinadas figuras masculinas. Em vez de sair com raparigas e sentir-se bem junto delas, idealiza uma relação com os seus heróis. Surge uma relação intensa com as figuras idealizadas.



Todd, a personagem do filme, passa por muitas dúvidas antes de assumir a sua homossexualidade

O filme norte-americano, com o título original «What if I'm gay?» retrata uma realidade que podemos testemunhar com frequência. A história de Todd, Kirk e Allen podia ser vivida por qualquer jovem português, com as mesmas dúvidas, rejeições - mas talvez sem o fim feliz

E se eu sou gay?

Todd, Kirk e Allen são amigos inseparáveis. Têm as mesmas idades (entre os 17 e 18 anos), frequentam a mesma escola, encontram-se para ir ao cinema, convivem em casa uns dos outros, perfilham os mesmos interesses.

O único que se distingue entre os três é Allen. Não namora, tal como Todd e Kirk, gosta de jazz, não joga futebol. «Tem um comportamento estranho», como dizem os amigos, considerados «normais» por uma sociedade com regras, costumes e tradições. Mas Allen vive bem como é, não abdica da sua maneira de ser nem tão pouco se incomoda com as considerações que os amigos fazem a seu respeito.

Um dia, em casa de Todd, Allen depara-se com uma revista com fotografias de homens nus e musculados e mostra-a Kirk.

«Já viste o que ele tem aqui?», pergunta Allen rindo conjuntamente com Kirk, que pegou, de imediato, na revista.

Todd tenta acabar com a brincadeira, fica incomodado e diz que a comprou porque tinha lá um artigo que lhe interessava.

«Se já leste esse artigo, podes deitar fora a revista», diz Allen.

«Claro que sim...», responde Todd, um pouco renitente.

Mais tarde, depois de Allen e Kirk terem saído de casa do amigo, Todd não consegue deixar de pensar naquela revista.

Sente-se cada vez mais confuso e instala-se, dentro de si, uma revolta aparentemente inexplicável. Um sentimento de fúria que ele tenta expelir sempre que encontra um pretexto para o fazer.

Numa partida de futebol, Kirk jogava na equipa adversária à de Todd. Surge uma situação vulgar de disputa da bola, entre os dois amigos. Todd não aguenta, empurra Kirk atirando-o ao chão e deixa transparecer uma raiva incontrolável. O treinador suspende-os do jogo e manda-os para os balneários.

Kirk não percebe o que se passa. O amigo nunca tinha agido daquela maneira.

«Mas afinal o que tens?! Desde aquele dia em que vimos aquela revista em tua casa estás diferente...», diz Kirk.

«Não tenho nada», afirma Todd, voltando as costas para Kirk. Os seus gestos são mais significativos e expressivos do que as palavras. Por muito que Todd tente esconder o seu conflito interior, Kirk tira as suas conclusões.

«Não me digas que tu... tu és maricas?!», pergunta, indignado, Kirk.

«Deixa-me explicar...», pede Todd, aproximando-se do amigo.

«Não me toques! Não precisas de explicar nada, porque eu já percebi tudo!» Kirk sai dos bal-

neários a correr deixando Todd ainda mais depressivo.

O boato sobre a homossexualidade de Todd depressa se espalha por toda a escola. A rejeição é total e as provocações vão surgindo. Allen é o único que apoia Todd. Ouve-o e diz-lhe que ele tem de se encontrar a ele próprio e assumir-se tal como é para poder ser feliz.

«Acho melhor afastares-te de mim por uns tempos. Ainda vão dizer que és homossexual por andares comigo», diz Todd.

«Nem penses numa coisa dessas. Eu estarei sempre contigo e não me importo com o que os outros possam dizer», afirma Allen.

Na escola o ambiente deteriora-se. Todd e Allen são alvo de provocações e acusados de serem homossexuais. Ninguém se aproxima deles, como se receassem serem contagiados por uma qualquer doença infecciosa.

Apesar de ter a companhia e compreensão de Allen, Todd sente-se cada vez mais sozinho. Fala com a ex-namorada e explica-lhe o seu dilema, na esperança de que ela o entenda.

«Quer dizer que tu sentes pelos homens o mesmo que os outros rapazes sentem pela raparigas? Tu preferes sair com rapazes do que comigo?!», perguntava a jovem, indignada.

Todd, em silêncio, admitia e respondia afirmativamente às

sucessivas questões da ex-namorada.

«Porque namoraste comigo?», perguntou ela.

«Eu queria ser como os outros. Queria ter uma namorada...», Todd tentou justificar-se mas não aguentou mais aquele diálogo e afastou-se, apressadamente, da rapariga.

As únicas pessoas que o entendia eram, decididamente, Allen e, por fim, um professor. Foi com este último que Todd decidiu encontrar-se.

«Não há mal nenhum em ser-se homossexual. Tu és como és e ninguém tem nada a ver com isso. O máximo que pode acontecer é alguns dos teus colegas deixarem de te falar. Mas os teus pais vão continuar a gostar de ti», diz o professor.

«Eu já perdi todos os meus amigos...», lamenta Todd.

«Olha, acho que devias, em primeiro lugar, falar com os teus pais. Depois diriges-te a Kirk e dizes-lhe que cada um é como é. O facto de ele ser teu amigo não quer dizer que seja homossexual», aconselhou o professor.

Todd sente-se mais leve depois desta conversa. O seu conflito interior começa a ser resolvido e o jovem decide enfrentar Kirk. No início não foi fácil, mas Todd conseguiu assumir-se perante o amigo, que acabou por aceitá-lo.

Em resumo foi esta a história que nos serviu para o debate.



Auto Monumental do Arceiro
S.A.



CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

aberta. Recusam-se a criticar quem é considerado «anormal». Não enjeitam, porém, a possibilidade de brincarem. É porque a sociedade onde vivem ajuda à chacota, ostentando o «fantasma» do contágio homossexual

sem medo da homossexualidade

Volto a reforçar a questão: será que ele é mesmo homossexual, ou foi a sociedade e o grupo de colegas que o encaminharam para isso? Todos nós somos, biologicamente, bissexuais. A determinada altura da gestação, de acordo com a diferenciação cromossômica, dá-se um atrofiamento hormonal. Isto é a chamada programação genética. Mais tarde, na puberdade, verifica-se uma grande descarga de hormonas. Nesse período, há uma indiferenciação sexual. Ela subsiste até uma definição ulterior. Por outro lado, ter ídolos masculinos, no caso dos homens, é perfeitamente normal na adolescência. Isso é mal compreendido, no caso de Todd. Ele é o bode expiatório de todos aqueles que têm dúvidas. O que não gostamos em nós, projetamos nos outros. O rapaz do filme passa a transportar o crime da homossexualidade universal do Homem. O grupo reage mal à descoberta porque tem as suas próprias angústias. Porém, a rejeição da sociedade - dizendo «tu és anormal» - leva-o a ser portador do medo inconsciente de toda a gente.

O gozo inconsciente

Ivan Nunes - Já tenho pensado na possibilidade de um dos meus amigos ser homossexual... não me parece que fosse motivo de gozo. Já brinquei com o assunto muitas vezes, porque não conhecia as pessoas em causa. Mas se se tratasse de alguém próximo não o fazia.

André Belo - Eu e o meu grupo de amigos não teríamos uma reacção de rejeição do tipo: «Eu sou o normal e tu és o anormal!»

Diana Barbeitos - Seria desejável que as pessoas se inibissem de gozar com os homossexuais. São pessoas como as outras e isso basta para as considerar.

Paulo Noriega - Estou certo de que se aparecesse uma pessoa no nosso grupo que fosse homossexual não seria gozada. Mas também me parece que, de uma forma geral, há sempre um gozo inconsciente para com as pessoas desconhecidas nas mesmas con-

dições. Nessa altura, empregamos as expressões «maricon» ou «bichona», tanto mais agravadas quando sabemos que determinado indivíduo público é homossexual.

André Belo - Aqui temos uma atitude progressista ao dizermos «Não!» ao gozo. Já inseridos num determinado contexto, aliado ao medo da identificação, acabamos por nos esquecer das boas intenções. O meio e o grupo de amigos levam-nos a ter determinado tipo de reacções inesperadas. Lembro-me de uma professora que se dizia ser lésbica, e isso servia de motivo de chacota frequente na nossa turma.

Ivan Nunes - É mais fácil uma pessoa declarar-se homossexual perante um grupo de amigos do que assumir esse comportamento perante uma turma.

Paulo Noriega - Antes de se saber que uma pessoa é homossexual vai-se ao cinema com ela, brinca-se sem pensar, etc. Depois, quando se sabe, começa o afastamento do outro, devido ao receio que nos identifiquem com ele. Então numa relação estreita entre dois amigos este tipo de rejeição ainda é mais acentuado.

André Belo - Se passarmos da turma e dos dois amigos para a sociedade, o problema do corte de relações agrava-se.

Comportamentos viciados

Dias Cordeiro - A sociedade aceita, pontualmente, jogos e rituais com um cunho homossexual, patentes, por exemplo, nas expressões de contentamento entre jogadores de futebol, onde se vai até ao beijo e ao abraço calorosos. As mesmas reacções, fora deste contexto, são fortemente reprimidas e mal vistas pela comunidade.

Diana Barbeitos - O comportamento das pessoas está viciado à partida. Os rapazes evitam dar beijos uns aos outros, mas abraçam-se... Vão até onde os códigos sociais permitem, ainda que, muitas vezes, queiram exprimir sentimentos de outras formas.

André Belo - As normas sociais estão mui-



«A rejeição da sociedade leva o homossexual a ser portador do medo inconsciente de toda a gente»

Dias Cordeiro



«A sociedade ocidental ainda considera a homossexualidade uma doença»

André Belo



«As pessoas agem, desde pequenas, segundo as normas sociais»

Diana Barbeitos



«É frequente os rapazes darem um beijo noutro só para mostrarem que não têm medo...»

Ivan Nunes



«Há sempre um gozo inconsciente e nessa altura empregamos as expressões «maricon» ou «bichona»»

Paulo Noriega

to interiorizadas, pesam. É difícil quebrá-las.

Ivan Nunes - É frequente os rapazes darem um beijo noutro só para mostrarem aos outros que não têm medo de ser homossexuais. Afastam, deste modo, o «fantasma» de tal possibilidade e libertam o medo de virem a assumir um comportamento semelhante.

André Belo - Hoje, é menos frequente imitar os homossexuais, só para mostrar que se é «Homein», mas ainda acontece. Os «tiques» e o não gostar de futebol, entre outras coisas, deixaram de definir o comportamento homossexual. Porém, esses tabus são-nos transmitidos deste muito novos. Um dos meus amigos era considerado «maricas» porque, no ciclo preparatório, não jogava à bola e andava sempre no meio das raparigas.

Dias Cordeiro - No meu consultório aparecem muitos pais preocupados com os filhos, entre os dois e os cinco anos. No caso dos rapazes têm dúvidas se são homossexuais ou se poderão vir a sê-lo. Em relação às raparigas é se elas são taradas sexuais. O inconsciente colectivo pesa nestas preocupações: os rapazes simbolizam a procriação e as raparigas o agente passivo dessa mesma função. Não lhes é permitido serem «depravadas».

Diana Barbeitos - De facto, as pessoas são levadas a agir, desde pequenas, segundo essas normas sociais.

Dias Cordeiro - Uma pessoa que sofre com o facto de ser homossexual é egodistónica. Essa pessoa é que precisa de apoio psicológico. A homossexualidade ainda é um desvio à média mas isso não significa que seja um desvio ao normal. Ainda existe polémica se ela é inata ou adquirida. Posso dizer que a maioria dos homossexuais tem mais a ver com o meio psicossocial. São pessoas que fogem ao seu programa sexual por condicionantes ambientais e não biológicas.

André Belo - Mas, quer queiramos quer não, a sociedade ocidental ainda considera a homossexualidade uma doença.

Gisela Oliveira e Paula Sá

CULTURA

B R E V E S

Diogo Dória em Londres

O actor Diogo Dória parte em Setembro para Londres, onde, no teatro New Vic, vai ser assistente de encenação da peça «The Pilgrim». A peça que com este título surge em inglês é, nem mais, do que «Frei Luís de Sousa», de Almeida Garrett, que aquele teatro londrino leva a cena na «rentrée» com encenação de Rolin Mugley.

Finalistas de teatro em cena

«Esta Noite Improvisa-se», de Luigi Pirandello, é a peça que os alunos finalistas dos cursos de Formação de Actores e de Realização Plástica de Espectáculo estreiam amanhã no Teatro da Malaposta. A estreia ocorre pelas 21 e 30, repetindo-se o espectáculo nos dias 26 e 27 à mesma hora, no dia 28 às 16 e 21 e 30 e no dia 29 só às 16 horas. A encenação é de José Valentim Lemos.

Amália na TV galega

O quinto aniversário da TV da Galiza vai ser comemorado amanhã, com uma transmissão em que participam Amália e Waldemar Bastos. O espectáculo será transmitido a partir de Santiago de Compostela e Amália, que ontem completou 70 anos, actua a encerrar.

Duas mortes em França

Morreram em França na semana passada o actor Georges Flamant, de 86 anos, e o encenador e também actor Sacha Pitoeff, de 70. Flamant foi revelado em 1931 por Jean Renoir, em «La Chienne», e «partenaire» de Vivian Romance no filme de Abel Gance, «Vénus Aveugle». Pitoeff, de origem russa, levou a cena, em Paris, numerosas peças de Pirandello, Tchekov, entre outros.

Natália Correia no júri Nike

Natália Correia é a única portuguesa que integra os júris do Prémio Nike/90. A escritora integra o júri da secção Ficção/Divertimento destes prémios de televisão a que concorrem duas dezenas de países europeus. A entrega dos prémios realiza-se dia 9 de Novembro, em Atenas.

Itália: realizadores contra anúncios no meio dos filmes

Várias personalidades do mundo cultural italiano (Fellini, Bertolucci, os irmãos Taviani, Ettore Scola, Tornatore, Lizzani, Avati e Moravia) lançaram um apelo para que seja proibida a publicidade na televisão durante a exibição de filmes. A lei que regula a matéria é votada no Parlamento a partir do dia 27. Contra estão os interesses da televisão privada, a começar no grupo de Berlusconi. A favor está toda a oposição parlamentar. A lei foi já aprovada pelo Senado, durante uma votação surpresa em que uma proposta do PCI passou devido à falta de deputados da maioria. Nos termos do apelo subscritos pelos realizadores e intelectuais italianos, a interrupção contínua dos filmes pelos anúncios constitui um verdadeiro massacre das obras de arte e o Estado deve recusar-se a institucionalizá-la.

Coral Luísa Todi

O presidente do Coral Luísa Todi acusa a Secretaria de Estado da Administração Local de bloquear as verbas para a construção do seu edifício-sede. Segundo o porta-voz do Coral Luísa Todi estão empatados no edifício 49 mil contos (30 mil dos quais dados pelo Estado) e agora o Governo resolveu cancelar o subsídio, asfixiando o projecto.

Contactada pela Lusa, que dá a notícia, aquela Secretaria de Estado diz que o projecto foi alterado sem prévio acordo, devendo as alterações ser (ou não) aprovadas até ao fim do ano.

Morreu Perez Vidal

O antropólogo espanhol José Perez Vidal, que realizou trabalhos de investigação linguística e etnológica em Portugal e em França, morreu na ilha de La Palma, nas Canárias, de onde era natural.

Perez Vidal, em 1986 foi galardoado com o Prémio Canárias pelo conjunto do seu trabalho.

Prossegue hoje o ciclo de cinema promovido pelo «DL» com o apoio da Cinemateca. À tarde, exibem-se dois documentários de Lopes Ribeiro, num dos quais se pode ver o Cortejo Histórico de 1947, no outro a Praça da Figueira ainda de pé e o Bairro de Alvalade em construção. O filme da noite («O Costa do Castelo») é praticamente a estreia da maior vedeta feminina do cinema português dos anos 40: Milu

Lisboa: a vida e o sonho

O ciclo de cinema «Tempo do Mundo Português», iniciativa do «DL» com o apoio da Cinemateca, prossegue hoje, às 18 e 30 e 21 e 30. À tarde, passam dois documentários de António Lopes Ribeiro e à noite o filme de Arthur Duarte, «O Costa do Castelo».

Os documentários de Lopes Ribeiro, realizados, respectivamente, em 1947 e 1948, são «O Cortejo Histórico de Lisboa» e «Lisboa de Hoje e de Amanhã», constituindo ambos reportagens mas de índole diversa. Enquanto o documentário de 1948 visa propagandar a Lisboa do futuro, em grande parte saída ainda do pensamento de Duarte Pacheco, falecido quatro anos antes, o documentário sobre o Cortejo Histórico preocupa-se mais em fixar para a posteridade aquele que terá sido o maior espectáculo da década na cidade, depois da Exposição do Mundo Português.

Para nós hoje, porém, qualquer dos documentários é uma fonte iconográfica de grande importância. Em «Lisboa de Hoje e de Amanhã», por exemplo, vê-se ainda a Praça da Figueira que seria demolida um ano depois. Lopes Ribeiro, no comentário em «voz-off», referindo-se ao velho mercado, diz apenas: «Conhecem-na? Pois tem que desaparecer...».

Sabendo-se como Lopes Ribeiro era quase épico nos

seus comentários apologeticos das obras do Estado Novo, a brevidade como se refere ao destino da Praça da Figueira revela que ele, se não estava contra a demolição decidida pelo Governo, a favor também não estaria. Mais: este é um dos raros momentos da sua obra de documentarista em que a câmara o trai. Ao dizer que a Praça da Figueira tem que desaparecer, Lopes Ribeiro mostra-a, contudo, ainda de pé e de tal modo que os seus planos sobre o mercado são o melhor testemunho que deles nos restam em imagens em movimento.

Mas, do ponto de vista documental, «Lisboa de Hoje e de Amanhã» tem ainda outros planos dignos de interesse, com destaque para os da construção do Bairro de Alvalade e os de uma Avenida de Roma de que se vê apenas o traçado, tudo terras de um lado e de outro.

O Cortejo Histórico

A reportagem sobre o Cortejo Histórico mostra-nos o último grande espectáculo popular promovido pelo Estado Novo na cidade de Lisboa, o primeiro sabe-se qual foi - a Exposição do Mundo Português. Em ambos pôde Salazar contar ainda com homens que, embora afectos ao regime, tentavam para ele recuperar o que de melhor havia nas artes e letras do País.

Se a Exposição pôde contar com António Ferro, o Cortejo teve em Leitão de Barros o grande animador. Se Ferro fora na segunda década do século (apenas com 18 anos) o editor do Orpheu e personalidade participante da aventura do Primeiro Modernismo, Leitão de Barros, não o esqueçamos, tinha assinado ainda no mudo e já no sonoro, filmes como «Nazaré, Praia de Pescadores» e «Maria do Mar».

Mas Leitão de Barros era o homem-espectáculo, num tempo em que a expressão «sociedade-espectáculo» não tinha ainda sido inventada, Lisboa nesses anos 40 seria uma cidade mazomba e cinzenta.

O Cortejo Histórico que celebrava os oito séculos de conquista de Lisboa aos mouros transformou-se assim num acontecimento: seis horas a desfilar, janelas alugadas a 800\$00, passeios peçados de gente, toda uma cidade na rua... de tal modo que houve que repetir o cortejo quinze dias depois.

O filme de Lopes Ribeiro dá menos conta deste entusiasmo do que fixa aquilo que o provocou: a surpreendente «féerie» dos carros alegóricos, e eram múltiplos desde o de Lisboa no século XII até ao carro da Cidade com as quatro rainhas (Lisboa Eterna, Lisboa Pombalina, Lisboa Brigantina e Lisboa Primitiva), eleitas por concurso aberto

pelo «Diário de Notícias». Pelo meio, era um pouco a História da Cidade, de Portugal... e do Império (como então se dizia) que passava em alegorias diversas.

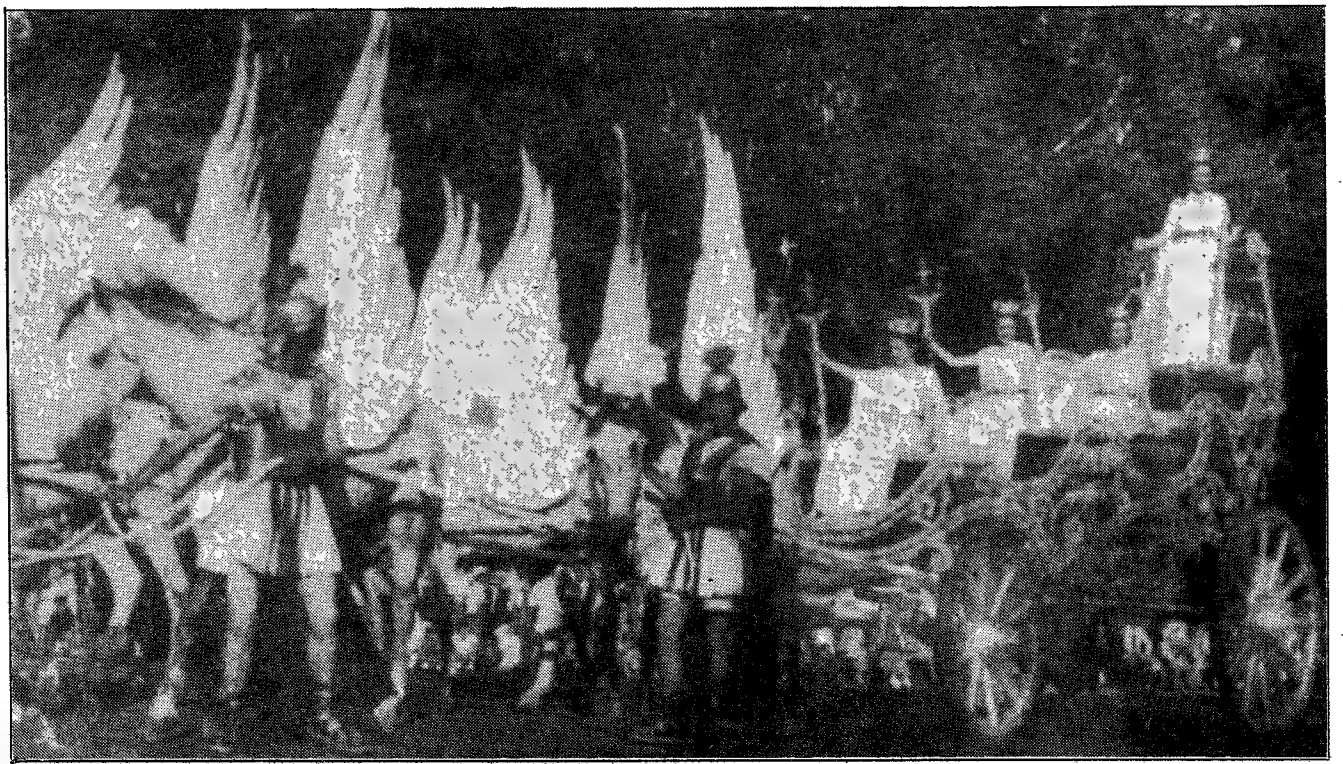
Milu aos dezasseis anos

O filme da noite, «O Costa do Castelo», é sobejamente conhecido. Recorde-se apenas, por curiosidade, que é nele que praticamente se estreia aquela que viria a ser a grande vedeta feminina do cinema português dos anos 40 e um dos seus mais belos rostos de sempre: Milu.

Com 12 anos, Milu estreara-se em «Aldeia da Roupas Branca» (1938) de Chianca de Garcia, mas a sério foi aqui, em «O Costa do Castelo» (1943) que, com 16 anos, ela se tornou vedeta. É neste filme que ela canta a célebre cantiga «Que saudades/que eu já tinha/da minha alegre casinha/tão modesta como eu» que... 40 anos depois conheceria uma nova versão pelos Xutos & Pontapés.

O ciclo prossegue amanhã, respectivamente à tarde e à noite, com «Um Homem às Direitas» (1944) de Jorge Brum do Canto; e «O Leão da Estrela» (1947), de Arthur Duarte. Milu surge de novo, aqui, no filme de Arthur Duarte, com o esplendor de quase sempre até 1980, quando reapareceu (pela última vez... até agora) no «Kilas, o Mau da Fita».

R. da S.



O Cortejo Histórico de 1947: o Carro da Cidade com as quatro rainhas (Isabel Julianna de Meneses, Maria José Frazão Marques, Maria Laura Fernandes Costa e Hortense Ferrelle Mala). Por uma vez, a glória destas rainhas de um dia não foi fugaz: a sua popularidade era tanta que, com os seus nomes próprios, elas entrariam numa sequência do filme «Fado», uma a uma, apresentadas, então, a uma fadista que nascia, Amália

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Feedback é simultaneamente o nome de uma editora discográfica e de uma compilação de grupos nacionais há pouco posta no mercado. A iniciativa tem contornos inéditos e pretende demonstrar que a música moderna portuguesa ainda mexe. Assim possa merecer algum sucesso

Contra e a favor

«Este disco é feito contra a ausência de iniciativas editoriais independentes em Lisboa. É feito contra todos aqueles que dizem que a realidade é uma merda e contribuem diariamente para que ela fique cada vez mais na mesma, sem tentarem fazer nada para a modificar. É feito contra a estupidez porque é graças a pessoas estúpidas e a razões estúpidas que muitas realidades são ocultadas e muitas ficções ideológicas divulgadas. Não pretendemos representar nada nem significar nada - o disco é o que é!» Assina: Feedback, editora discográfica constituída à margem de todos os circuitos estabelecidos, incluindo os independentes, nome de guerra que só por si explica muitas das intenções de quatro jovens músicos dispostos a mostrar que em Portugal ainda há vitalidade e imaginação a sucederem à degeneração do rock e da chamada «música moderna portuguesa»...

A João Duarte, Pedro Mariz, Luís Morgadinho e Miguel Marques assiste a ingenuidade de ainda quererem tentar algo que valha a pena apesar de tudo o que se sabe, e esse estado de «inocência», somado a uma força de vontade só explicável pela pouca idade, se é previsível que nunca venha a transformar a cena musical deste país tem do seu lado a força mais do que suficiente da **autenticidade**, um valor que em música vai sendo esquecido com prejuízo para todos nós. Pode ser que o material registado neste disco não seja de uma qualidade muito extraordinária, tanto ao nível da produção sonora como até das capacidades das bandas incluídas, mas a verdade seja dita: poucas vezes se terá ouvido em disco Made in Portugal música tão poderosa.

K4 Quadrado Azul, Cianeto, Micróbio Cósmico, Ocaso Épico, Neon Hippies, Newhardnoiseheavyrockcyberspeedsonicmetalspunkacid sound (ufa!), Censurados, Hesskhé Yadalana, VSS200RX21 e Psicotrão são grupos situados numa área que se poderá enquadrar entre o *hardcore* e o *noise*, feições

terminais do rock enquanto não se entra, por estes lados, na era pós-industrial. Em comum, e salvo uma ou outra excepção, estes são nomes que o público jovem não conhece, seja pela atitude assumidamente retirada dos instrumentistas que constituem esses projectos ou por desinteresse das companhias discográficas e dos produtores de espectáculos. As opções musicais, mas também o estatuto alternativo, unem-nas num mesmo espaço, um espaço que procura a projecção possível. «Formar a editora foi o passo formal que tínhamos de dar, de modo a conseguir-se um meio de expressão condizente com projectos que são novos e merecem uma audiência mais vasta», disse ao «DL» um dos animadores da Feedback, João Duarte, uma voz da saudosa Rádio Universidade Tejo, onde mantinha um programa exclusivamente dedicado à música portuguesa.

«Avançamos com as nossas economias ou pedimos emprestado aos nossos pais. Não pedimos subsídios nem ficamos endividados, mas é preciso ter em conta que não tivemos gastos de edição. Emcarregámo-nos apenas dos custos de edição - capas, distribuição, etc. Os custos de produção foram pagos pelas próprias bandas, e logo quando gravaram as maquetas que nos entregaram. Fomos uma única vez ao estúdio para o alinhamento dos temas, e se há faixas que têm maior qualidade de som do que outras, isso tem a ver com os materiais de que cada grupo dispôs para obter essas gravações», disse-nos João Duarte. Ou seja, para a presente compilação colaboraram materialmente todos os intervenientes, uma forma de prosseguir objectivos que decorre mais de uma técnica do «desenrascas» do que de uma teoria cooperativista, mas para lá caminha.

O sistema já estava a ser praticado por editoras independentes de Coimbra ou Braga, mas para comercialização de cassetes. Daí a afirmação do dinamizador da editora Feedback: «Somos inovadores em termos nacion-

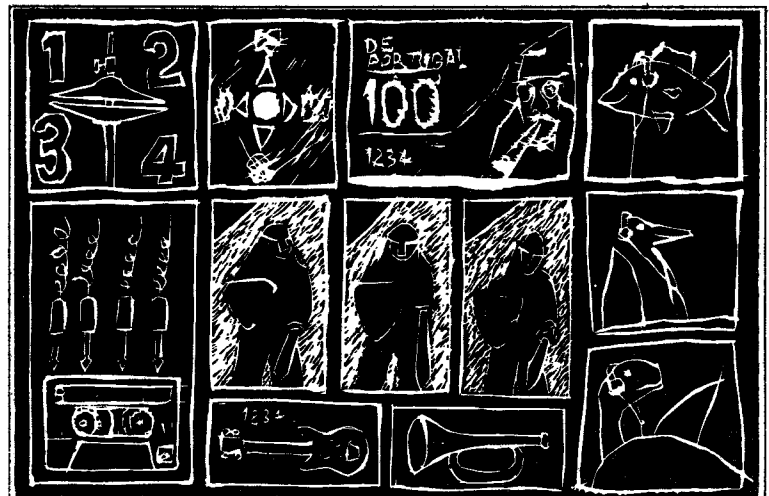
ais.» E eis que, ao contrário do que se pensava, ou do que convinha que se pensasse, «uma tarefa destas é perfeitamente portátil, uma vez ultrapassadas certas dificuldades»... e ainda que se constate que a principal é particularmente gravosa. João Duarte confessa: «Há problemas com a distribuição do disco.» Necessariamente: a colectânea da Feedback é posta no mercado mediante o contacto directo com as lojas, as mesmas lojas, precisamente, que recebem material das grandes cadeias de distribuição. «Como o nosso procedimento não é o vulgar, os comerciantes ficam desconfiados, e muitos não querem ficar com o disco. Há excepções, claro: nas lojas que comercializam "independentes" ou seguem critérios que ultrapassam o mero consumismo somos bem recebidos.»

Seria pouco se não houvesse algo mais, e regista-se neste ponto uma outra novidade trazida pela recém-estreada etiqueta portuguesa: metade das vendas da antologia «Feedback» são feitas por encomenda postal, directamente do editor para o consumidor. Parece ser este, aliás, o campo de intervenção que os seus quatro proprietários pretendem desenvolver, beneficiando de uma dimensão baseada na pequenez das estruturas montadas que permita compensar «o desinteresse

geral dos media de âmbito nacional» pela investida em domínios localizados e sectoriais da Informação, como as rádios locais ou os fanzines. «Estamos sempre a receber cartas», informou-nos João Duarte a propósito.

«O que nós fazemos mesmo é descobrir os projectos musicais que pela sua radicalidade enfatizam este facto: a música moderna não estagnou, há outras saídas, propostas novas, gente diferente que está a aparecer. Os poucos meios de que dispomos definiram o nosso estilo, interessa-nos o aspecto documental e mais nada. A situação não dá para nos lamentarmos, é preciso sim tomarmos iniciativas, vermos qual é afinal o "state of the art" da música portuguesa, ainda que só cheguemos à lisboeta. Somos a prova de que as adversidades podem ser viradas do avesso e transformadas em vantagens. Não obedecemos a critérios de lucro, preocupamo-nos com a integridade estética e já dá para ver que vale a pena furar o bloqueio», considerou ainda João Duarte. A «Feedback» está instalada na R. António Patrício, nº5, 1º, 1700 Lisboa, a quem interessar, já que para além de ser «contra» é a favor. A favor da música.

Rui Eduardo Paes



Festival da Figueira da Foz: Cinema belga em destaque

Realizou-se no domingo a conferência de imprensa de apresentação do 19º Festival de Cinema da Figueira da Foz, que decorrerá de 6 a 16 de Setembro.

A apresentação do festival realizou-se no Auditório do Museu Municipal Dr. Santos Rocha, naquela cidade, tendo estado presentes, Fernando Castro, da Sociedade Figueira Praia, Melo Biscainha e o director e grande impulsionador do certame, José Vieira Marques e o presidente da edilidade.

Os dois factos mais salientes deste ano serão o destaque dado ao cinema belga, «é a cinematografia homenageada este ano», referiu Vieira Marques na apresentação e a ante-estreia, em Portugal, do muito esperado e aplaudido filme de Nanni Moretti, «La Pombinha Vermelha», na tradução portuguesa).

Quanto ao cinema belga, vejamos: André Delvaux, cineasta belga já vencedor do Grande Prémio do festival com o filme L' Oeuvre au Noir, de 1988, garantiu a sua

presença e serão exibidos nove dos seus filmes. Por outro lado, na secção «Cinema da Bélgica - Anos 80» serão projectados filmes de Bruxelas, da Flandres e Walónia. Haverá, também uma secção dedicada às «Novíssimas Curtas Metragens da Bélgica», organizada com a co-

laboração de Jean-Claude François, director do Festival da Curta Metragem de Namur. Por fim, terá lugar uma exposição didáctica belga sobre «Como Fazer um Filme».

Uma outra presença a des-

taçar será a do cineasta norte-americano Les Blank, quase desconhecido entre nós, um dos pioneiros do cinema independente daquele país, em especial do documentário. A selecção dos filmes a apresentar será da responsabilidade do próprio realizador

que se ocupa, muito especialmente, nas suas obras, das minorias étnicas (índios e os cajun), musicais (country e folk) e hábitos e costumes ancestrais. As obras destes dois realizadores constituirão os programas monográficos do festival deste ano.

No âmbito dos programas especiais, também extra-concurso, serão apresentadas, para além dos já citados «Cinema da Bélgica - Anos 80» e «Novíssimas curtas Metragens da Bélgica», as secções «Olhar sobre a História do Cinema», «Descobrimientos, Expansão e Colonialismo» (com filmes franceses e portugueses), «A Floresta» e «Cinema Europeu para os Anos 90» (correspondendo à vastíssima oferta - mais de uma centena de cassetes e pedidos de inscrição recebidos - de filmes de jovens realizadores).

Ainda no que respeita aos programas especiais o festival apresentará as secções «Cinema para Crianças», «Curtas Metragens», «Ante-estreias da época de 1990-91» (onde se inclui o filme já refe-

rido de Moretti) e «Cinema Português - Anos 80».

Da selecção oficial constarão filmes de ficção e longos documentários dos quais podemos destacar, a título meramente exemplificativo, «Austrália», do belga Jean-Jacques Andrien, «Salto sobre a Fronteira», dos suíços Nicolas Humbert e Werner Penzel, «A Montanha de Pestalozzi», do também suíço, Peter von Gunten, «Dormir com Ódio», do norte-americano Charles Burnett, «Dinheiro e Saudade», do alemão federal Václav Reichl e «City Life», de doze realizadores de diferentes países e continentes.

Entre as confirmações esperadas contam-se a de filmes soviéticos, em especial das cinematografias bálticas e, também, de filmes do Extremo Oriente (Novo Cinema japonês, Coreia do Sul, China e Hong-Kong).

Na sua edição de amanhã o «DL» dará, de forma mais alargada, uma panorâmica do vasto programa de dez dias do Festival da Figueira da Foz.

M. R.



«Salto sobre a Fronteira», dos suíços Humbert e Penzel

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Do início do século aos nossos dias, a criação fotográfica na Checoslováquia centra-se em três figuras dominantes: Drtikol, Sudek e Saudek, o primeiro mais expressionista, o segundo romântico, o terceiro barroco, todos três estão presentes, através, da sua obra, nos XXI Encontros Internacionais de Fotografia de Artes

Homens e mulheres da Boémia

Quando, em meados dos anos 70, é encontrada amontoadas sob espessa camada de pó a quase totalidade da obra de Frantisek Drtikol, já este estava há muito mergulhado no esquecimento. Mundialmente reputado nos anos 20 - muito antes de ser considerado inclassificável e, finalmente, ultrapassado -, celebrou-se na Austrália, na África, na China. No auge da sua glória, Drtikol contribuiu para o aperfeiçoamento do clima artístico do seu tempo; a sua obra é o reflexo do temperamento não apenas de um homem mas de todo o povo.

Oriundo de Pribram, na Boémia, onde nasceu em 1833, Frantisek Ferdinand Drtikol quis primeiro ser pintor, mas, após os seus estudos em Munique onde descobre Cranach, Dürer e Rembrandt, torna-se fotógrafo, satisfazendo os desejos de seu pai, um honrado merceiro. Começa em 1901 como retratista, na época em que a fotografia comercial está em plena ascensão, mas faz também paisagens; o seu estúdio está instalado num vasto «atelier» de dois pisos por onde desfilam actores e atrizes de teatro e até, mais tarde, em 1925, o primeiro Presidente da República. Sonhador e taciturno por natureza, Drtikol decide, a partir de 1909, consagrar-se essencialmente ao nu feminino. Sob a influência da arte nova e do simbolismo submete-se à moda pictorialista, levado pela sua concepção da fotografia, que continua a praticar como uma disciplina artística. O seu primeiro período respeita as leis da composição clássica e caracteriza-se pela utilização de retoques pintados e de fundos feitos à mão. De desejo de se aproximar das artes gráficas e da pintura, Drtikol experimenta os mais diversos processos técnicos (borracha cromada, carvão, «bromoil», tinta de óleo), o que dá aos seus trabalhos o aspecto aveludado, granuloso, próximo da água-forte e da litogravura em meia-tinta e os torna praticamente impossíveis de reproduzir.

Bebendo a sua inspiração nas fontes da arte moderna, Drtikol envereda por uma expressividade cada vez mais acutilante. Em 1925 casa com a bailarina Ervina Kopserova. Ela serve-lhe de modelo, tal como as bailarinas do grupo Mary Wigman, que lhe inspiram graciosas caligrafias anatómicas; utilizado como elemento gráfico puramente formal, o corpo, à mistura com «décors» abstractos, cubistas ou ge-

ométricos, já não é apenas «um invólucro da alma», mas antes um elemento da composição, cujas ondulações Drtikol acentua através da luz, como prova o seu soberbo estudo cinematográfico do movimento «A Vaga» (1926), a propósito do qual escreve: «A vida é como uma vaga. A sua crista signfica a alegria, a felicidade; a sua baixa, a infelicidade, a tristeza. Se o homem tivesse uma vontade forte organi-

retrato como Cristo e que escreve a Eliska Janska, sua noiva de dezasseis anos: «Sou apenas um zero, um nada... Ao examinar as minhas obras, vejo agora que são idiotices de primeira ordem.»

Em 1934 Drtikol renuncia definitivamente à fotografia. Guru de uma seita de fiéis, isola-se numa moradia nos arredores e consagra-se à pintura, à meditação e à filosofia oriental. Um auto-

(1896-1945) é seduzido pela «avant-garde» soviética de Rodtchenko e pela nova objectividade alemã. Apóstolo do modernismo, entrega-se, como artista teórico de estilo transparente, a uma experimentação permanente em todos os domínios. E consegue conjugar o funcionalismo, o surrealismo e a crítica social.

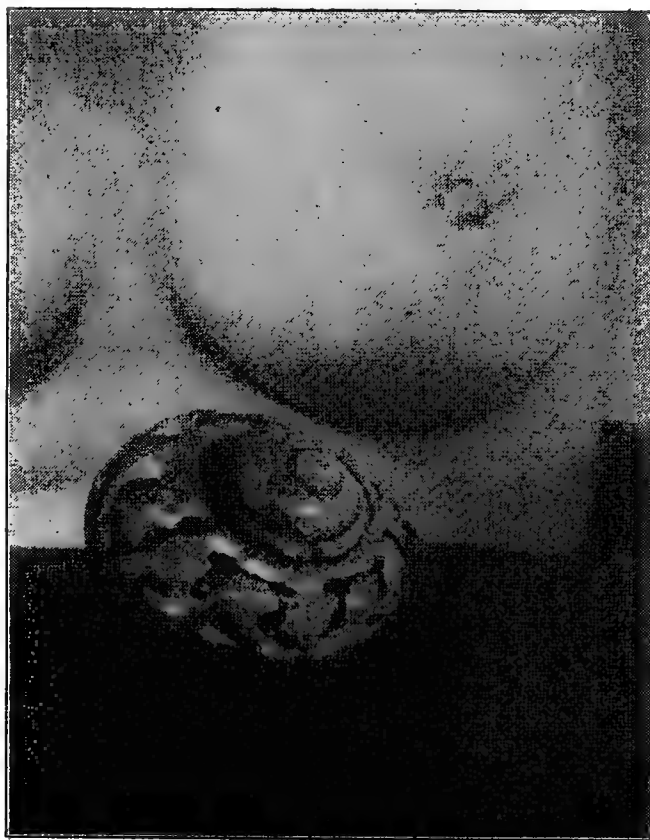
Tal como Funke, Josef Sudek é um defensor da fotografia pura que põe em oposição à fotografia decorativa. Filho de um pintor da construção civil e órfão desde os três anos, o mais célebre dos criadores checos começa por ganhar a vida modestamente, fotografando aniversários e casamentos. Mobilizado na Boémia durante a Grande Guerra, é ferido gravemente e é-lhe amputado o braço direito, o que não o impede de manejar aparelhos

incómodos nem de fazer as suas provas. Do Casteo à Ponte Carlos tira vistas da cidade e faz alguns nus, mas concentra-se no que mais de perto o rodeia, no seu «atelier» de madeira, no coração da velha Praga, que ele descobriu em 1928. E onde irá hibernar até à morte, em 15 de Setembro de 1976.

Sudek é um deficiente genial e um melómano, que cria um mundo sem acontecimentos cujo único actor é a luz: «A beleza das coisas está no seu mistério», dizia. E é exactamente essa a impressão que se tem perante a interpretação quase musical que ele dá aos objectos mais simples (um ovo, um copo). A magia do seu universo cristaliza-se também na intimidade do seu jardim ou numa árvore como ele mutilada, vista através das janelas cobertas de geada ou embaciadas da sua cabana.

Deste posto de observação, Sudek capta com o olhar emocionado, as metamorfoses do mundo exterior. A obra intransigente e límpida deste asceta é um poético hino à vista. As suas fotos em formato pequeno, sem retoques e sem ampliações, representam a absoluta quintessência do desenho fotográfico.

«A nostalgia e a melancolia de Sudek inspiram toda a obra de Jan Saudek», escreve a grande historiadora Anna Farova, que redescobriu, entre outras, a obra de Drtikol. Também ele eremita exilado na sua caverna, Saudek contribuiu muito para o esplendor da cultura checa contemporânea. Nascido em Praga em 1935 - quando Drtikol abandona a fotografia - Saudek vem para a imagem fixa atraído pelo fascínio da «Life» e da «Family of Man»



Josef Sudek, «Nature morte», 1951-54

zava a sua vida como uma linha recta...

No começo dos anos 30, Drtikol renuncia aos modelos vivos. Substitui-os por figurinos recortados em cartão, que ele refotografa obtendo surpreendentes efeitos de sombra. Estas criaturas estilizadas incarnam o ideal de beleza feminina, que este mestre de iluminação artificial, vagamente misógino, de pijama deseda preta e charuto na boca, se esforça por representar em quadros platónicos e virtuosos.

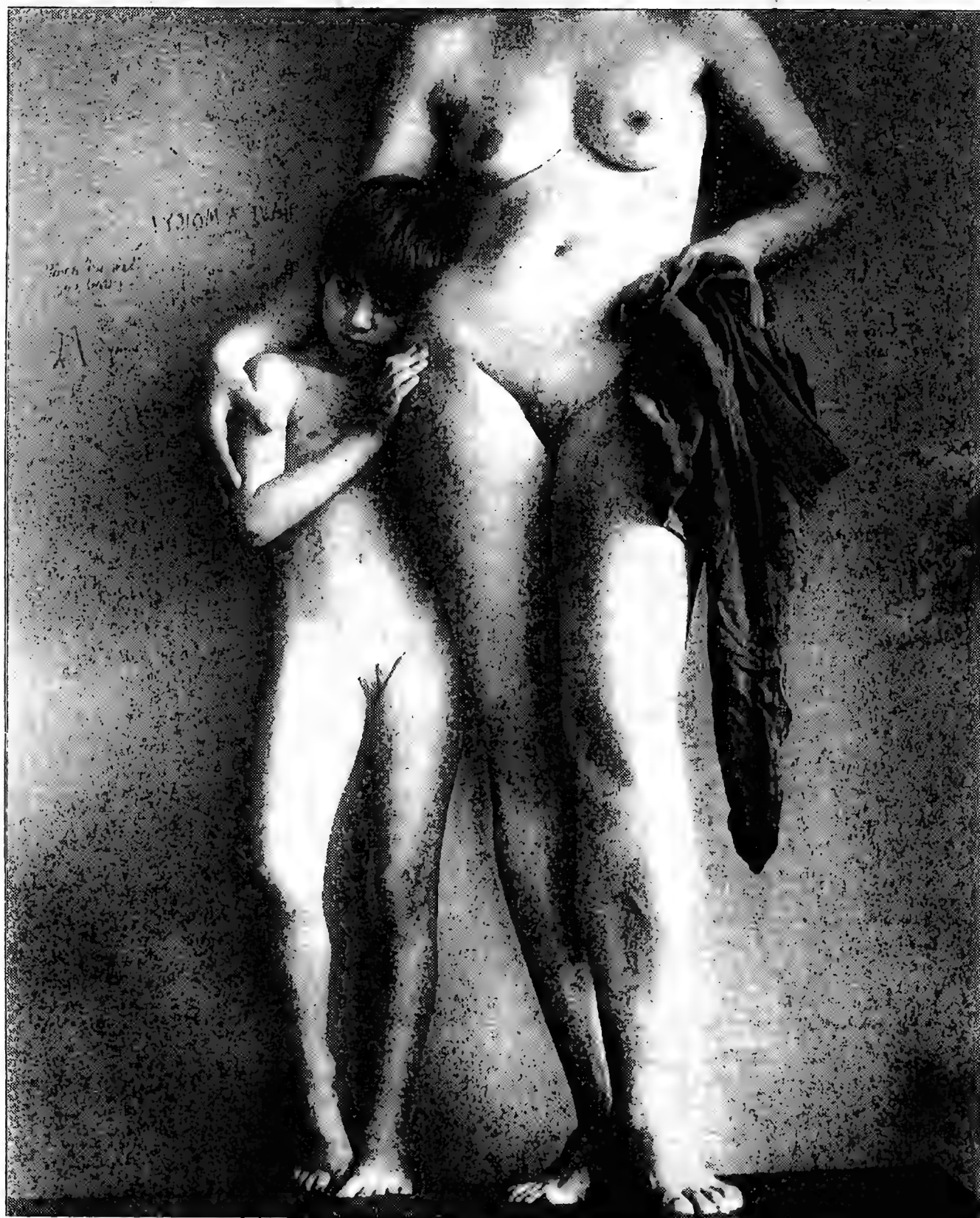
Exaltação de um desejo insatisfeito, virgem ou fatal, fortemente maquilhada, de corpo esguio, alternadamente deusa, madona, vampiro ou demónio ou mesmo heroína de filme, a mulher é uma figura sobre-natural, incarnada por Cleópatra ou por Salomé. Cabeça de Holofernes, crânio, chapéu, são os acessórios féticos das fantasias com títulos sugestivos como «O Grito» ou «O Medo», imaginadas por este demiurgo místico, que desde 1914 faz o seu auto-

retrato nu mostra-o em oração na posição de lótus. Morre em Praga a 13 de Janeiro de 1961, completamente esquecido. Formado por Drtikol, de quem foi assistente, Jaroslav Roessler, nascido em 1902, pertence à «avant-garde». Instala-se em Paris e interessa-se pelas experiências de Man Ray, Christian Schad e Moholy-Nagy, cujos conhecimentos aprofunda. Misturando desenhos, colagens, montagens, composições tipográficas e fotogramas, as suas pesquisas, baseadas na abstracção das formas, opõem-se às dos defensores da fotografia pura, como Drahomir Josef Rozicka, aluno de Clarence H. White nos Estados Unidos. Mas os dois mais célebres alunos de Drtikol, simultaneamente contestatários e respeitadores, são Funke, o racionalista e Sudek, o romântico, que se opôs ao seu estilo e afirmou: «Drtikol pensava que era um pintor que fotografava, mas era um fotógrafo que pintava.» Partidário do verismo fotográfico, Jaromir Funke



Drtikol, «Autoportrait avec modèles», 1932

CULTURA E ESPECTÁCULOS



Jan Saudek, «The Mother», sem data

(1955). Inspira-se tanto nos cromos populares do século passado como nos «comics» americanos, sem esquecer a criação internacional. Emoção, sonho, ironia, animam o teatro existencial deste humanista barroco, próximo pelo espírito das composições de Mucha, que utilizava a fotografia como esboço preparatório para os seus desenhos e os seus quadros.

Sonhar e recriar a vida real

«Somente no amor a mulher pode ser grandiosa: só na cama a mulher pode ser original», dizia Drtikol. Poeta selvagem, Saudek foi durante muito tempo considerado pornográfico na sua terra e partilha com Drtikol a obsessão pelo nu feminino. A mulher adulada, desafiada, mas também desconsiderada, pintada, violada, grávida ou enforcada, incarna o símbolo da terra mãe e da origem do mundo que Saudek recria à porta fechada na sua cave-«atelier», simultaneamente berço e

tumba, situada dois andares abaixo da terra. Este visionário com físico de ginasta lá viveu durante sete anos com mulher e filhos. «Aqui temos de viver com nós próprios», diz ele.

O universo ilusório de Saudek afasta-se do maneirismo de Drtikol pela sua exuberância trágica ou burlesca e pela sua paixão pela ambivalência da relações homem-mulher. Mas reencontra-o no processo pictorialista do retoque. Do mesmo modo que Drtikol pintava e envernizava os seus negativos, Saudek elimina todo o realismo com a cor que, como uma luz mágica, põe nas suas fotos. Apesar de todo o seu sucesso, Saudek pouco influenciou os jovens criadores checos. Misto de respeito e de fidelidade, as suas obras têm todavia em comum o facto de fantasiarem e recriarem a vida real. Ao assumir a herança conjugada do Leste e do Oeste, a energia criadora desta geração aberta à influência das principais correntes europeias traduz

uma mesma angústia, um mesmo sentimento trágico do tempo que se vive: «Tudo no mundo se desgasta», dizia Drtikol.

Tirando a reportagem, a criação actual desenvolve-se entre dois pólos. Há os que asseguram a continuidade da tradição. Deste grupo fazem parte Miro Svolik e as suas montagens de personagens vivas, prosseguindo a tradição checa da colagem fotográfica; Jan Reich e as suas preciosas naturezas mortas, à Saudek; e Peter Zupnik, cujas intervenções sobre negativos prolongam a invenção plástica dos autores de entre as duas guerras.

Há também aqueles para quem a fotografia é uma arte moderna e que se colocam deliberadamente no campo da criação internacional. O seu trabalho desenvolve-se na liberdade do estúdio e centra-se no riso e na brincadeira. É o caso de Ivan Pinkava (nascido em 1961) e dos seus curiosos retratos de grande figuras literárias. E principalmente de Tono

Stano (nascido em 1960), o mais brilhante de todos, menos influenciado pelos seus ilustres antecessores do que por Irving Penn e Helmut Newton, de quem cultiva a sensualidade, a força gráfica, o humor e a invenção. Alia a espontaneidade ao artifício, com um gosto pelo estranho e pelo fantástico que é uma constante da arte checa.

«A fotografia checa é, antes de tudo o mais, europeia», escrevia Anna Farova no catálogo de uma exposição apresentada no Museu de Arte Moderna em 1983. A importante obra de Frantisek Drtikol nasceu no tempo do velho império austro-húngaro e a promissora obra de Tono Stano desabrocha no dealbar de uma República democrática completamente nova. Original, independente e orgulhosa das tradições, a fotografia checa continua a ser única.

Patrick Roegiers
Serviço exclusivo
«Le Monde»/«DL»

Tradução de Maria Otília
Moreira

COMENTÁRIO

Controlo de qualidade

Na Transilvânia, antes da queda de Ceausescu, ainda se admitia quatro jornais do fim-de-semana, abrirem o serviço noticioso da TV com a principal manchete: o primeiro-ministro visitou as cidades X e Y, observou as obras em curso e prometeu a conclusão das ditas obras. Na Transilvânia era assim, antes de Ceausescu ser afastado. Era um país comunista e estalinista, e a informação televisiva seria também naturalmente de cariz ditatorial. E também ninguém estranhará que o partido laranja manipule a televisão: se o fizer com qualidade e estilo, a gente, se calhar, nem dá por isso, a tentação do controlo do pequeno ecrã é grande — o espírito será, porventura forte mas a carne é fraca e não resiste às sereias do Verão quente. Mas manipular a televisão tão descaradamente como no último fim-de-semana é que não vale. A RTP está a fazer de nós todos transilvanos, índios berberes de uma obscura região dos Cárpatos, tão primitivos que nem aprenderam ainda a distinguir o gato da lebre. A lógica laranja consiste em apresentar como feitos valorosos o cumprimento dos mais elementares deveres cívicos. O primeiro-ministro dispõe de rios de dinheiro para investir na promoção do atraso nacional. Faz umas ligeiras flores — e logo o facto passa a ser notícia com honras de primeira página. Segundo essa lógica, eu que não passo cheques carecas, que pago as contas da água e luz atempadamente, que não vivo do negócio da droga, deveria ser também manchete dos serviços noticiosos.

Por isso, na RTP falta controlo de qualidade na secção de propaganda da marca laranja. Os responsáveis pela imagem pública do primeiro-ministro deveriam pedir conselhos à agência que publicita os sabonetes FA ou os carros BMW para que o consumidor não se sinta numa qualquer Roménia, atraso de vida em relação às leis do marketing.

Depois, na versão portuguesa da *Mãe Coragem* do Brecht voltou a faltar a qualidade. O teatro excessivamente declamado, característica do teatro português do princípio do século, poderá ainda ter cabimento em certos autores. Mas no Brecht da *Mãe Coragem*, certamente, não. A Mãe Coragem é heroína, segundo a ideia de Brecht, precisamente por continuar a prosperar nos negócios através da pavorosa Guerra dos Trinta Anos. O próprio autor avisou, ter pretendido com a peça demonstrar que «a guerra é o prolongamento do negócio mas com outros meios».

É não ficou patente na encenação a dialéctica psicológica entre duas espécies de heróis: a mãe que continua no negócio, e os seus próprios filhos, vítimas da guerra. A mãe que faz negócio na guerra e os filhos, ídolos caídos nessa mesma guerra.

Duvido que esta peça do Brecht se consiga encenar em cheio fora do âmbito cultural germânico — ela foi escrita em 1939 e estreada em 1941, em plena guerra, portanto. Também duvido que a melhor companhia teatral de

Hamburgo ou de Berlim consiga encenar com êxito o *Quem Tem Farellos*, do nosso Gil. Há autores intraduzíveis — Gil Vicente e Brecht fazem parte da lista. Mas tentar «classificar» Brecht não é mérito de qualidade.



José Sousa Monteiro

Ópera de William Walton

«O Urso» na Cornucópia

William Walton (1902-1983) é uma das mais destacadas figuras do moderno renascimento musical na Inglaterra, a nível da criação. Surge após o amplo esforço de, pelo menos, duas gerações operosas, incluindo o contributo de Elgar, largamente apoiado em Brahms e Wagner, o nostálgico impressionismo «sui generis» de Delius e a linha fortemente renovadora de Vaughan-Williams, que abre sugestivas perspectivas através de uma valorização muito pessoal da matéria popular e de tradições ou géneros tipicamente britânicos. Quase da mesma idade de Michael Tippett e mais velho uma dezena de anos que esse independente bulhoso e imaginativo que foi Benjamin Britten, Walton corporiza uma sensibilidade caracterizadamente britânica, no seu cosmopolitismo bastante eclético na sua sumptuosidade de um estilo que tem mais a ver com Elgar do que com qualquer dos outros compositores citados.

No amalgamar de influências diversas, que não excluem elementos do sinfonismo de Sibelius ou provenientes de Alban Berg e Hindemith, assenta uma linguagem à qual, ao fim e ao cabo, não pode deixar de reconhecer-se um teor algo individualizado, respirando embora um fundamental conservantismo e um esforço, não raro penoso, na superação de formas aqui-experimentadas. A sinfonia, o concerto, a oratória, a música de câmara e mesmo a ópera («Troilus and Cressida») ou as juntamente renomadas incursões na música para filme alimentam a parte mais substancial de uma produção animada pelos vectores estilísticos apontados.

Há, porém, uma faceta menos cultivada por William Walton mas que encerra, porventura, aspectos bastante atraentes pelo espírito de modernidade que os impregna. É

o elemento caricatural, irónico, em que o café-concerto e o jazz se misturam, um tal ou qual expressionismo imbuído de clima próximo do «Grupo dos Seis» francês, do Stravinsky da *História do Soldado* ou das *Suites para pequena orquestra*, de algum Kurt Weill. Este clima e estas sombras informam duas obras que, no âmbito da produção de Walton, ganharam particular relevância na maneira como parecem resistir ao tempo: *Faça de*, espécie de melodrama a mergulhar no «non sense», na irreverência ou no humor fantasista, através de um exercício linguístico e poético devido a Edith Sitwell e cujas sucessivas versões (incluindo a forma de bailado) se situam entre 1921 e 1942; e a ópera-buffa «*Teh Bear*» («O Urso»), baseada na peça teatral de Tchekoff e que foi sugerida ao compositor e ao seu libretista Paul Dehn pelo cantor Peter Pears.

Pois foram estas duas obras que agora se reuniram num espectáculo da «Cornucópia». Tal iniciativa redundou num êxito que importa sublinhar, pela qualidade e a efectividade estéticas e a realização músico-teatral, e pelo que significa de tentativa de renovação dos nossos hábitos culturais quanto à colaboração entre cantores, instrumentistas, encenadores e cenaristas, entre instituições como o Teatro de São Carlos e a Cornucópia (e falo assim porque a grande maioria dos músicos intervenientes — cantores, instrumentistas, maestros) — pertencem ao elenco do São Carlos ou a ele estão ligados).

Há que salientar, desde já, a deliciosa operazinha *O Urso*. Esta «extravaganza» em um acto — como a designaram os autores — teve uma versão ao mesmo tempo estruturada e extremamente meticulosa nas várias componentes cénico-musicais em jogo. Com relevo para Luís Miguel Cintra que, com

sobriedade e imaginativa, soube explorar e animar o espaço cénico dentro de um equilíbrio estilístico que não tolheu, antes valorizou, as capacidades dos cantores-actores; para Cristina Reis, que, no cenário e nos figurinos, deu mais uma prova de experiência e de inventiva (de referir em particular a maneira como vestiu «Popova», ou seja, Marina Ferreira); e para João Paulo Santos na direcção musical, tirando do conjunto orquestral um rendimento merecedor de amplos encómios. O todo soou articulado e escorreito, com uma participação excelente dos instrumentistas. Vê-se que reinou entre estes e o maestro um entendimento da melhor água.

Três também excelentes actores-cantores asseguraram, pelo lado vocal e de representação, o nível do espectáculo: o barítono Vaz de Carvalho e o baixo José Manuel Coelho, artistas-residentes do Teatro de São Carlos, e o meio-soprano Marina Ferreira, várias vezes convidada para ali actuar em épocas transactas. A começar, convém frisar que todos se encontram no seu melhor, devendo salientar-se a boa forma vocal de José Coelho, que tem dado ultimamente provas muito satisfatórias. Assim aconteceu agora no desempenho do «criado Luka», cantando com boa voz, mas igualmente representando com

à-vontade, sem cair no exagero. Dois papéis algo ingratos são, sem dúvida, os de «Popova», a jovem viúva, e de «Smirnov», o proprietário cujos modos bruscos dão origem a que lhe chamem «o urso». Marina Ferreira desenhou com talento a personagem de viúva falsamente inconsolável, sempre fechada em casa, e por isso mesmo pronta a apaixonar-se pelo primeiro homem que lhe

aparecesse, ainda que mostrando-se orgulhosa e senhora do seu nariz. Como cantora, Marina impôs-se uma vez mais por um timbre quente e uma voz ampla, bonita, bem conduzida.

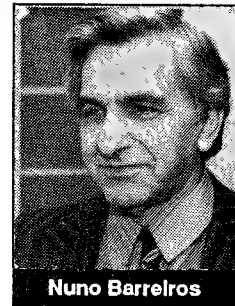
Vaz de Carvalho, outro valor da nova geração de artistas líricos, meteu-se na pele da personagem de maneira convincente. Foi um «Smirnov» arrogante, grosseiro, iracundo, acabando por se apaixonar por uma mulher que, além de formosa, não se atemoriza com os seus modos dominadores, antes sabe fazer-lhes frente. E a espinhosa tessitura não deixou de pôr em evidência uma voz fácil, potente e de qualidade.

É de justiça realçar que todo o espectáculo teve a marca de uma direcção de actores eficiente e criteriosa, predicado esse que faz jus à mestria proverbial de Luís Miguel Cintra neste capítulo.

A participação de Luís Madureira na *Faça de* foi rica de intencionalidade e de cambiantes na articulação vocal, servida por uma dicção inglesa de bom estofado. Quanto à componente musical, essencial numa obra deste tipo — talvez um tanto longa e (vamos lá) um pouco datada — recomendou-se pela justeza rítmica e o relevo colorístico.

O que não me pareceu verdadeiramente conseguido foi o dispositivo cénico a que se recorreu, por certo na mira de obviar aos inconvenientes da aludida longa.

Uma palavra de aplauso à solução positiva e pragmática do poster-programa-desdobrável, em que se inserem bem elaboradas e esclarecedoras notas sobre as obras e o compositor, devidas a Carlos Pontes Leça.



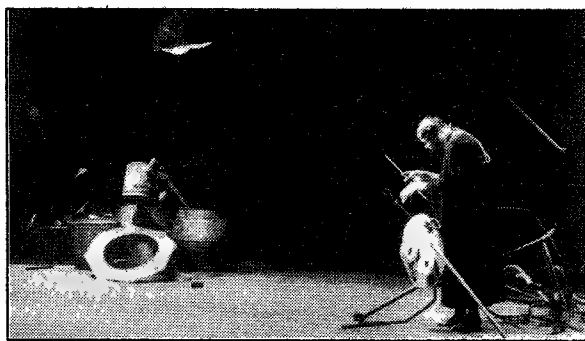
Nuno Barreiros

Crítica de teatro

Confronto cultural em Almada

Como passar de composições musicais que nos falam de velhas mitologias célticas, executadas num instrumento fascinante por um fascinante bardo barbudo — a harpa céltica nas mãos de Myrdhin é um instrumento de sonho, mas a sua voz também o é —, perguntava-me como passar desse clima no qual parecia haver qualquer coisa de mágico, cortado embora por incidente local que levou demasiado tempo a ser sanado — espero que o comprimento deste período exprima a dificuldade da passagem, como dizia, de um recital como esse da harpa céltica, para um outro espectáculo, o do Théâtre de Banlieu, grupo belga, com o título «La Nik a Wet», espectáculo de vanguarda, se ainda se pode usar o termo, que ao mesmo tempo se situa naquilo que parece ser um teatro primitivo no qual a expressão e a comunicação tem qualquer coisa de bárbaro, sem nada de comum com a delicadeza das músicas e das canções que vieram da Bretanha.

A VII Festa de Teatro de Almada põe-nos perante estes confrontos que podemos alargar e é esse um dos seus trunfos. Que podemos alargar, por exemplo, à noite em que recebemos a energia, a sensualidade, a elementaridade do conjunto «Os Netos de N'Goumbé», com música tradicional da Guiné-Bissau, com instrumentos em que a água era uma componente importante, e recebemos o jogo cómico, a finura do traço teatral de Goldoni, a



famosa «Estalajadeira», encenada por Mário Barradas e interpretada pela companhia do Centro Dramático Intermunicipal Almeida Garrett.

Voltemos ao grupo belga, dissidente do Plan K, um dos mais famosos grupos da vanguarda europeia, que participou na Festa de Almada de 88 com um espectáculo que então defini como apresentando «duas personagens de Beckett com reminiscências revolucionárias, em exercícios grotowskianos». Existem nesta frase três referências que exprimem a pluralidade de registos desse espectáculo: Beckett-teatro político-Grotowski. O espectáculo deste ano implicava, a nível de referente, uma menor capacidade expressiva, embora o rigor do trabalho, a imaginação sob o ponto de vista de criação sonora-cenográfica, através do aproveitamento do material pobre, devem ser considerados como demonstração das potencialidades

deste grupo em surpreender o hábito, a rotina do exercício e do seu impacto no espectador. O que há de mais importante no espectáculo é, por um lado, a criação de figuras cenográficas — que por vezes evocam as esculturas em ferro de Gonzalez e o partido que delas obtêm os dois intérpretes, em especial Isabelle Lamouline, sobretudo sob o ponto de vista da criação de um tecido sonoro que envolve a acção, embora não se deva esquecer o trabalho corporal, de ocupação do espaço, de gestualidade, dos dois actores.

Uma vez mais é por parte da actriz, Isabelle Lamouline, que o espectáculo adquire uma grande criatividade de tal modo o sentido musical da sua relação com os objectos, a pureza da sua voz, a sua energia exprimem valores de grande criatividade, acompanhada com talento, embora num menor grau de participação, por Alain Merrioux.

A inexistência de uma dramaturgia retira provavelmente este espectáculo do domínio estritamente teatral, mesmo que hoje as fronteiras entre os géneros estejam muito esbatidas (mas não para todos os

públicos). Acontece que me pareceu haver menor receptividade por parte do público com excepção dos jovens) nesta segunda apresentação do Théâtre de Banlieu. Talvez pelo referido empobrecimento de registos, também por um prolongamento do espectáculo, o que implicou jogos repetitivos, porventura, menos imaginativos. Isto sem pôr em causa, sejamos claros, a qualidade dos dois artistas belgas nem o interesse das suas experiências.

No dia seguinte, sexta, 13

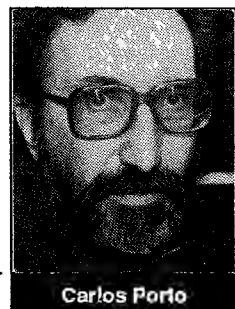
Com «A Estalajadeira» pisamos num terreno conhecido, talvez demasiado conhecido. De tal maneira que muita gente aproveitou o único intervalo, aliás mal metido, para se pôr a andar, o que o adiantado da hora também ajudou a explicar. É que o espectáculo começou com muito atraso por razões pouco perceptíveis.

Seja como for, uma peça como esta de Goldoni deve ser repensada sob o ponto de vista da sua dramaturgia o que neste espectáculo não aconteceu. O que há de mais interessante na leitura de Mário Barradas consiste na tentativa de ligar o que no texto pertence ao domínio da comédia e o que nele são ainda reminiscências da commedia dell'arte. Há nisso um aspecto pedagógico a

considerar, já que o teatro de Goldoni representa a passagem entre a commedia dell'arte e a comédia que virou a prevalecer. As cenas de commedia dell'arte, em que o encenador utilizou jogos cénicos que pertencem claramente ao imaginário da primeira, são sobretudo da responsabilidade dos apaixonados ridículos (José Gomes e José Eduardo) e dos criados (João Lagarto e Jorge Silva) e as cenas destes são especialmente felizes, sob esse aspecto.

Gondolina (a estalajadeira) está no centro do jogo da comédia, absorvendo e exprimindo os jogos amorosos com que passam por outras personagens (Valdemar de Sousa, Cremilda Gil, Rosa André). De sublinhar o carácter homogéneo do trabalho dos intérpretes, embora colocado a um nível não excessivamente alto.

O já referido grupo de músicos da Guiné-Bissau conquistou o público do Pátio do Prior do Crato, de tal maneira que a sua intervenção se prolongou para além do que estava previsto, vindo a prejudicar a apresentação do CDIA. Este facto confirma a necessidade da organização rever o critério de apresentação dos espectáculos: parece evidente que há espectáculos musicais, como este, que exigem outro tratamento.



Carlos Porto

DESPORTO

Nem tudo vai bem por esta área

DIZ-SE POR AÍ que a Fiorentina, para além do milhão de contos que pagaria ao Benfica pela transferência de Valdo, ainda remuneraria o jogador brasileiro com a módica quantia mensal de 9750 contos. Mas, não apenas, segundo diz, do Brasil, o procurador de Valdo, o dr. Parizotto (que conhecemos em S. Paulo, no dia em que o atleta foi apresentado ao professor Cavaco Silva, estava o 1.º ministro português de visita ao Brasil): para além do contrato ser válido por duas épocas, Valdo também terá direito a prémios no mínimo de 800 contos mensais, casa mobilada, automóvel à ordem, seis passagens de avião (ida e volta) ao Brasil em cada ano e, ainda, empregada doméstica. Parizotto e o empresário português de Valdo (Manuel Barbosa) apenas desconhecem se, à ordem de Valdo, também será colocado um período de férias durante o Carnaval brasileiro.

POR ISSO ELES CHEGAM AOS MONTES: sabem quanto recebe mensalmente o melhor futebolista do Américo do Rio de Janeiro? Coisa como 8000 cruzados, cerca de 16 contos portugueses. Já agora: recordam-se do seu nome? Exato: é o centro-campista Mário, que esteve no Sporting e, em Alvalade, achava que 450 contos mensais era pouco dinheiro para o seu trabalho...

SITUAÇÃO DIFÍCIL deve ser a daquela «equipa de futebol da 1.ª Divisão, com nível europeu, que aceita propostas para patrocínio na época 90/91». O anúncio vem no



No período eleitoral, Ferreira de Matos e Joaquim Cabrita foram assim divulgados na sua publicidade

nosso colega «Expresso» e parece reflectir uma certa angústia: verdade que o Campeonato ainda demora umas semanas a sair da casca mas (que diabo!) não será um pouco tarde para se arranjar um leiteiro para as camisolas que renda maquia razoável?

NÃO AQUECEU O LUGAR: um esgotamento cerebral obrigou o major Ferreira de Matos a ceder o lugar de presidente da direcção do Belenenses ao seu vice Joaquim Cabrita. No tempo em que esteve activo, aconteceram várias alternâncias no clube azul: dispensa de treinador Moisés Andrade, anúncio (depois não confirmado) do recrutamento do espanhol Paco Fortes para

chefiar o futebol do Restelo e demissão do Conselho Fiscal (comandado por Rui da Costa) face a uma auditoria solicitada às contas da gerência de Mário Rosa Freire. E aquela declaração pública de que *havia gente, dentro do Belenenses, que estava envolvida nos contratos de futebolistas, daí retirando proveitos*. Um caso de tribunal que certamente, acabou por mais enfraquecer Ferreira de Matos, que somente cumpriu mês e meio de compromisso com quem nele votou.

INÉDITO NO NOSSO ATLETISMO: em provas ocorridas em Portugal a lançadora benfiquista Elisa Costa (recordista nacional do arre-

mezzo do disco e que já estava qualificada para os campeonatos europeus), acusou «doping» no campeonato disputado na Maia, podendo estar incurso em suspensão que oscila entre três meses e dois anos, se eventual contra-análise continuasse sendo positiva. Recordar-se que, há anos, outro atleta (Elsio Rios) fora considerado dopado num «meeting» internacional ocorrido em Vigo (Espanha), sofrendo suspensão por ano e meio. Só que, desta vez nem o Benfica nem Elisa Costa pediram contra-análise, resignados ante aquilo que a atleta afirma: *fui injectada por um médico particular para tratamento de dores ósseas, com especial incidência na coluna vertebral*. Acredita-se na declaração de Elisa Costa, apenas se estranhando que, possuindo o Benfica um dos mais competentes departamentos médicos, onde os atletas são gratuitamente atendidos e não pagam um centavo pelos medicamentosos, tivesse sido necessário que a atleta preferisse consulta particular...

NAS TINTAS PARA A LEI parece estar a Federação Portuguesa de Andebol que, por livre arbítrio, arranhou maneira de ampliar os 500 escudos que os clubes pagam pelo seguro desportivo de cada atleta em muito mais rentáveis 1500 escudos, sem dar satisfação a quem quer que seja e contrariando frontalmente o que está estabelecido pelo Ministério da Tutela. E o eng.º Roberto Carneiro não diz nada?

Neves de Sousa

Roger Milla quer continuar mas nunca no futebol francês

Roger Milla, o veterano jogador da selecção dos Camarões no Mundial Itália 90, manifesta o desejo de regressar ao futebol profissional, mas exclui a hipótese de voltar a actuar em clubes franceses: *Não quero voltar a jogar em França. Durante toda a minha carreira fui explorado por clubes franceses, acusa Milla (de 38 anos), que militou em diversas equipas francesas. Agora, diz: Os clubes franceses nunca demonstraram o mínimo de respeito por mim. Foi preciso estar presente no Mundial, em Itália, para que a televisão francesa me fizesse uma entrevista.*

Milla (cujos golos ajudaram os Camarões a tornarem-se a 1.ª equipa africana a atingir os quartos de final de um Mundial) militou em cinco clubes de França até final da época de 1988/89, altura em que passou a representar a modesta equipa do St. Pierre da ilha da Reunião, no oceano Índico.

As afirmações de Milla não deixam de causar algum espanto, tanto mais que durante o Itália-90 o jogador disse várias vezes estar na disposição de regressar ao futebol francês. Porém, segundo a Imprensa desportiva belga, Milla está em conversações com o clube RWDM de Bruxelas, que regressou esta época à divisão maior. No passado sábado, o clube cipriota Apoc de Paphos manifestara a intenção de contratar Milla, apesar da veteranaria do jogador. O camaronês, indiferente ao facto de estar a atingir a barreira dos 40 anos, afirma ainda estar interessado em jogar em Itália.

Esgrima: portugueses olímpicos

Os esgrimistas Rui Frazão e José Bandeira obtiveram já os mínimos para participar nos Jogos Olímpicos de Barcelona (1992) confirma a Federação Portuguesa da modalidade. Os dois atletas garantiram os mínimos no Campeonato do Mundo de esgrima, que decorreu na cidade francesa de Lyon, durante este mês.

Sporting em Mafra: preparar o «team» com base em jovens

Sousa Cintra ganhou: Litos assinou renovação de contrato por uma temporada pela quantia que o presidente leonino oferecia e não pelo bastante mais que caprichava em exigir. Entretanto (e sabendo-se que Marinha Peres pretende ter possibilidade de erguer uma equipa para o futuro) o Sporting aposta na juventude da maioria dos seus elementos que, em simbiose com a experiência de atletas mais credenciados (Fernando Gomes, Luisinho, Ivkovic) podem fazer do «team» de Alvalade um autêntico concorrente aos melhores prémios. Apenas no que toca ao exagero de Sousa Cintra comparar o jovem brasileiro Careca com Eusébio é o próprio novo reforço verde-branco quem (no nosso colega «Record») se apressa a fazer marcha atrás: *«não sou ponta de lança nem a minha cabeça está preprada para que eu seja o novo Eusébio...»*



Exercícios físicos preparam o «cabedal» para a dura temporada futebolística



António Capela

DESPORTO

Antigos grandes «craques» agora pelo preço da chuva



Brassard e Abel: os últimos defensores

Alunos de Queiroz e Vingada

Hoje: Hungria-Portugal abre europeu de juniores

Hoje, às 18 e 30 (hora portuguesa), a turma de juniores sub/18 (comandada por Carlos Queiroz e Nelo Vingada) vai fazer a estreia no Campeonato Europeu, defrontando no Estádio Békescsaba, a cerca de 20 quilómetros da cidade húngara de Gyula, a própria formação nacional do país anfitrião. O italiano Pier-Luigi Pairetto dirigirá este Hungria-Portugal.

Os portugueses, que surgem nesta competição com o estatuto de favoritos, apostam forte na preparação que receberam, tendo em vista o Mundial-sub/19 que em 1991, se realiza no nosso país.

Carlos Queiroz, ao escolher a equipa para o Europeu da Hungria, teve o cuidado de deixar desde logo claro serem estes os elementos a convocar em 1991 para o Campeonato do Mundo e, hoje, frente à Hungria, Portugal apresentará a seguinte constituição: Brassard, Abel, Rui Bento, Jorge Costa e Paulo Torres; João Pinto e Paulo Pilar; Gil, Toni e Luís Miguel.

Com o jogador Peixe irremediavelmente afastado do duelo por castigo da UEFA e com João Pinto II lesionado num pé Carlos Queiroz refere que a recuperação de João Pinto II «está mais atrasada do que pensávamos, o que significa que não poderá jogar com os húngaros, embora seja minha intenção tê-lo no banco dos suplentes».

Porém, antes do início da partida com os húngaros, João Pinto II efectuará um derradeiro teste, onde serão aquilatadas as possibilidades do jogador poder ser eventualmente utilizado no decorrer do encontro.

O técnico português reafirma a sua confiança nesta equipa que diz ser «altamente competitiva e integrada por futebolistas com larga experiência. Portugal nunca teve uma selecção de juniores com tantas internacionalizações o que representa um capital acumulado que nos poderá ser de grande utilidade», sublinha Carlos Queiroz.

Ainda acerca da escolha da equipa titular, Carlos Queiroz refere que «esta é uma formação que foi testada frente ao Vitória de Setúbal e ao Belenenses, evidenciando grande consistência».

Os futebolistas estrangeiros, quando chegam, custam uma fortuna aos clubes italianos mas, quando estas equipas têm necessidade de transferi-los, para contratar outros, a verba que recebem é irrisória.

É o caso do brasileiro Geovanni (que o Bolonha comprou ao Vasco da Gama), do soviético Aleinikov (que se transferiu do Dínamo de Kiev para a Juventus) e, também, do argentino Troglio (que transitou da Verona para o Lazio). Ao uruguaio Perdomo, nem a participação no Itália-90 lhe valeu para aumentar a sua cotação. O Génova pagou por ele 1,2 milhões de dólares (cerca de 180 mil contos) e o seu valor actual é de 833 mil dólares (cerca de 125 mil contos). Em idênticas condições estão os argentinos Barbas, Pasculli, Lorenzo e Dertycia, o jugoslavo Dukic, o sueco Holmqvist, o checoslovaco Kubik e o uruguaio Paz.

No total, são 13 os jogadores que, há cerca de um ano, estavam cotados, no mercado de transferências, com verbas elevadíssimas e, agora, se vendem a preços de saldo o que deixa supor um desastre financeiro para os clubes.

Fortunas na balança

Mesmo assim, há colectividades que (ciclicamente) vão renovando o circuito: o romeno George Popescu (22 anos) trocou a Universidade de Craiova pelo PSV Eindhoven (Holanda). Junta-se, assim ao brasileiro Romário e ao checoslovaco Jozef Chovanec. Os regulamentos da Federação Holandesa de Futebol permitem apenas a utilização de dois jogadores que não pertençam a países da CEE, facto que vai levar ao técnico Bobby Robson a decidir qual o preterido e muito dinheiro fique sem render qualquer juízo.

O romeno Ion Lupescu assinou um contrato por três épocas com o Bayer Leverkusen, clube alemão-federal. O médio Ion Lupescu, que conta nove internacionalizações pela selecção do seu país, militava na formação romena do Dínamo de Bucareste, e a sua transferência envolveu a verba de aproximadamente um milhão de dólares (cerca de 150 mil contos).

O técnico do Bayern Leverkusen o alemão, Juegen Geldsdorf, decidiu a contratação de Lupescu após ter observado a sua exibição no encontro Roménia-Argentina, a contar para o Mundial.

Quanto a Tab Ramos, médio da selecção norte-americana, assinou contrato com a Figueras, equipa da 2.ª Divisão espanhola. Ramos (23 anos) mostra-se agradado com esta transferência: como filho de emigrantes espanhóis,

poderá (assim) conhecer a terra dos seus pais.

O Figueras é uma localidade de 120 quilómetros de Barcelona, cuja equipa aspira a subir ao escalão principal. Tab Ramos é o 1.º futebolista norte-americano a concretizar uma transferência para o estrangeiro.

Neste momento, o Volendam (da 1.ª Divisão holandesa) está prestes a contratar Peter Vermes e o Raba Eto (1.ª Divisão húngara) ultima pormenores para adquirir o passe do Chris Sullivan.

Soviéticos travados

Em contrapartida, a Federação Soviética de Futebol recusou assinar a autorização para a concretização das transferências de Oles Protasov e Igor Dobrovolsky para o Olympiakos do Pireu (Grécia). O presidente da federação soviética, Vyacheslav Koloskov, (que é, igualmente, um dos vice-presidentes da Federação Internacional de Futebol) foi o porta-voz desta decisão.

Na base desta tomada de posição, está uma regulamentação antiga e que parecia já ultrapassada, segundo a qual os futebolistas soviéticos só poderão transferir-se para o estrangeiro caso tenham mais de 28 anos de idade. Acontece que Oleg Protasov (do Dínamo de Kiev), tem 26 anos e Igor Dobrovolsky (do Dínamo de Moscovo) apenas 24.

Porém, os dirigentes do Dínamo de Kiev, que haviam já autorizado a transferência do jogador para o futebol grego, dizem não aceitar a posição da Federação, visto terem abandonado aquele organismo para se filiarem numa associação autónoma da Ucrânia. A Federação Soviética não tem nada que emitir pareceres ou tomar decisões sobre organismos e entidades que não estão lá filiadas, disse um dirigente do clube.

Quanto a Dobrovolsky, a situação torna-se ainda mais confusa, pois nenhum dirigente do Dínamo de Moscovo admite (sequer) ter negociado com alguém do Olympiakos a eventual transferência do futebolista.

Venglos no Aston Villa

Por seu lado, Jozef Venglos, técnico da selecção checoslovaca, foi nomeado treinador do Aston Villa, da 1.ª Divisão inglesa de futebol e uma das duas equipas do país recentemente admitidas nas competições da UEFA.

Venglos (54 anos) substituiu, no Aston Villa, o treinador Graham Taylor (o novo chefe da selecção inglesa de futebol) e pretende manter John Ward como técnico adjunto. O anti-

go treinador do Sporting deverá assinar um contrato de dois anos com o Aston Villa, com início a 1 de Agosto.

«Tenho seguido atentamente o futebol inglês ao longo dos anos e tenho também experiência como jogador que defrontou muitas vezes equipas inglesas. Eu sei que o futebol aqui não é só um desporto, mas tem também uma parte de religião», afirmou Venglos.

Venglos tornou-se conhecido como futebolista ao serviço do Slovan Bratislava e, mais tarde, já como treinador, trabalhou na Austrália, Malásia e Portugal e foi técnico adjunto da selecção checoslovaca que se tornou campeã europeia em 1976. Jozef Venglos conduziu a selecção do seu país ao 3.º lugar no Campeonato da Europa de 1980, mas demitiu-se do cargo após o Mundial de Espanha, sem qualquer vitória. Em 1988, Venglos aceitou de novo treinar a selecção e, conseguiu uma honrosa presença nos quartos de final do Itália-90, onde a Checoslováquia perdeu (1-0) com a Alemanha Federal, que viria a conquistar o título de campeã mundial.

O Aston Villa, recentemente readmitido (com o Manchester United) nas competições europeias de clubes, poderá beneficiar dos conhecimentos de Venglos já na 1.ª mão da Taça UEFA, em que defronta a equipa checoslovaca Banik Ostrava.

Menotti no Peñarol

Entretanto, Cesar Luis Menotti e o Peñarol acordaram verbalmente um vínculo que levará o treinador argentino a orientar a equipa uruguaia durante a próxima temporada. A comissão directiva do Peñarol, liderada por José Pedro Damiani, reuniu em Buenos Aires, com o antigo seleccionador nacional e campeão mundial argentino (em 1978) tendo obtido deste a aprovação de uma proposta naquele sentido.

A equipa do Peñarol foi orientada, nos últimos 30 meses, por cinco técnicos, sendo Roberto Fleitas o mais recente: acabou em Junho por renunciar, deixando o cargo em aberto.

Os dirigentes do Peñarol encontraram excelente apoio financeiro num dos mais importantes bancos do Uruguai, que avançou com uma fatia de 100 mil dólares (15 mil contos) para que as negociações com Menotti se iniciassem.

Esta presença de César Menotti no futebol uruguaio, de acordo com referências vindas na Imprensa do Uruguai, pode vir a encaminhar o técnico argentino para o orientar daquele país, tendo em vista o Mundial-94, nos Estados Unidos.

Campeonato brasileiro

O Vasco da Gama venceu o Fluminense (1-0) conseguindo o apuramento para a final do Campeonato brasileiro de futebol (estado do Rio de Janeiro) onde terá como opositor o Botafogo, no dia 30 do corrente.

Campeonato do estado de São Paulo, resultados Grupo Vermelhos: Corinthians-Botafogo, (S. Paulo), 1-0; Santos-Ituano, 2-1 e Bragantino-Mogi Mirim, 2-0. Grupo Preto: Ferroviária-Guarani, 1-2; XV de Piracicaba-Novorizontino, 1-2 e Palmeiras-Portuguesa, 1-0. Classificação no Grupo Vermelhos: Bragantino, 11 pontos; Corinthians, 9; Botafogo (S. Paulo) e Santos, 6; Ituano, 4; XV de Jaú e Mogi Mirim, 3. Grupo Preto: Palmeiras, 9 pontos; Guarani e Novorizontino, 8; Portuguesa, 7; América (S. Paulo), 6; XV Piracicaba, 4; Ferroviária, 0.

Luanda: Campeonato

O Desportivo da Nocal empatou (1-1) em casa frente ao Pagepas, mas manteve a liderança do Campeonato de Luanda da 1.ª Divisão, que teve a sua 15.ª jornada. Por seu lado, o Progresso (2.º classificado na prova) sofreu desaire ainda maior, ao perder (0-1) no seu próprio recinto diante do Futebol Clube de Luanda.

O Desportivo da Nocal soma agora 23 pontos, mais quatro do que o Progresso do Sambizanga. Na 3.ª posição está o FC de Luanda (com 18 pontos) e na 5.ª o Rodoviários (com a mesma pontuação).

Outros resultados da 15.ª jornada: Sporting-Bangu, 1-0; Rodoviários-Paviteira, 3-0; Ferroportuária-Union de Luanda, 1-0 e Refrinor-Vitória do Sambizanga, 1-0.

Paga o justo...

Lá fora, o Queen's Park Rangers, clube da 1.ª Divisão do futebol inglês, anunciou que não poderá renovar o contrato com o seu patrocinador, a companhia aérea holandesa KLM, devido à má imagem oferecida pelos adeptos violentos da equipa.

Os patrocinadores holandeses decidiram não renovar o contrato por mais três anos, o que faria entrar nos cofres do clube 960 mil dólares (134 mil contos), em consequência dos efeitos negativos da publicidade das acções violentas dos adeptos do Queen's Park Rangers.

O presidente do clube revela-se surpreendido com a decisão da KLM, argumentando que os adeptos ingleses se tinham comportado correctamente no recente Mundial de Itália e mais concretamente no jogo que opôs a Inglaterra à Holanda.

Informação COMERCIAL

LINHA DE SINTRA

Informa-se os Srs. Passageiros que, por motivo de trabalhos de revisão integral da catenária, são suprimidos, entre QUELUZ E CACÉM, nos dias 25, 26 e 27 de Julho, no período abaixo indicado, os seguintes comboios:

Entre as 10.00 e as 12.00 horas

Comboios com saída de Queluz às 9.57h, 10.13h e 11.13h.

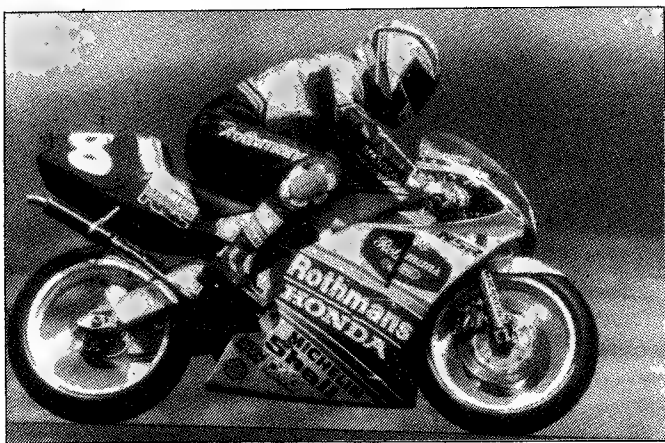
Comboios com saída do Cacém às 9.55h, 10.11h, 10.27h e 11.51h.

CP — Caminhos de Ferro Portugueses
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano



Caminhos de Ferro
Portugueses

DESPORTO



Dominique Sarron: infeliz na própria casa

GP de França em motos

Norte-americanos dominadores

Kevin Schwantz, piloto da Suzuki-Lucky Strike, aproximou-se ainda mais do líder do campeonato mundial de 500cc (Wayne Rainey) graças à sua 4.ª vitória do ano, conseguida no GP de França.

Tendo começado a corrida na «pole position», o arranque de Schwantz foi lento. Depois rapidamente alcançou o comando e um triunfo que lhe proporcionou 20 valiosos pontos. Rainey apenas conseguiu ser 3.º e perdeu cinco pontos na cotação do Campeonato do Mundo.

Rainey conserva agora 30 pontos de vantagem sobre Schwantz; e apenas com cinco corridas para disputar no campeonato deste ano, aumentam as possibilidades de ser campeão. Paralelamente, o moral nos membros da equipa Rothmans-Honda (Wayne Gardner e Michael Doohan) é bom, o que pode vir a dar resultados interessantes neste mundial.

Gardner, tentando recuperar o seu ritmo (depois de uma época marcada por lesões numa costela e num pé) ficou num excelente 2.º lugar, em Le Mans. Doohan fez uma boa corrida alcançando o 4.º lugar e conseguindo aproximar-se de Rainey e Gardner nas últimas voltas.

Na sua actual forma, estes dois pilotos poderiam começar a meter-se entre Schwantz e Rainey nas corridas que faltam, modificando a lógica da pontuação. Gardner (no final da corrida) comentava: «Foi um bom resultado pra mim, embora queira ganhar sempre. Perdi a sessão de aquecimento da manhã quando a minha NSR Rothmans-Honda partiu um segmento de um pistão. Depois, a escolha dos pneus, travões e carburação foram um problema. Escolhi erradamente o pneu traseiro e tive algumas escorregadelas no fim da corrida, mas foi ótimo estar de novo no pódio.»

Doohan estava satisfeito com a sua participação no GP francês:

«Foi uma corrida difícil e qualquer um dos quatro primeiros tinha possibilidades de ganhar. Fiz uma boa escolha de pneus apesar de nas primeiras oito voltas, não ter muita tracção. Depois melhorou e estive quase a alcançar Wayne Rainey.

O título dos 250cc recebeu nova animação quando o líder do campeonato (John Kocinski) caiu com a sua Yamaha-Marlboro, «entre-gando» ao espanhol Carlos Cardus (em Honda-Repsol) o 1.º lugar. Isto significava que só sete pontos separam estes dois homens, quando o campeonato vai par a Grã-Bretanha, onde se corre a 5 de Agosto.

O piloto Honda-Rothmans, o francês Dominique Sarron, teve um fraco grande prémio de França por causa de problemas eléctricos na sua NSR 250 Honda, que o obrigaram a retirar-se cedo dos olhos do seu público.

Classificações em 250cc: 1.º Carlos Cardus (Repsol/Honda); 2.º Luca Cadalora (Marlboro/Yamaha); 3.º Loris Reggiani (HB Aprilia); 4.º Masahiro Shimizu (Ajinomoto/Honda) e 5.º Jacques Cornu (Lucky Strike/Honda). **No Mundial:** 1.º John Kocinski (EUA), 149 pontos; 2.º Carlos Cardus (Espanha), 142; 3.º Luca Cadalora (Itália), 110; 4.º Wilco Zeelenberg (Holanda), 93 e 5.º Martin Wimmer (RFA), 84.

Classificações em 500cc: 1.º Kevin Schwantz (Lucky Strike/Suzuki); 2.º Wayne Gardner (Rothmans/Honda); 3.º Wayne Rainey (Marlboro/Yamaha); 4.º Michael Doohan (Rothmans/Honda) e 5.º Eddie Lawson (Marlboro/Yamaha). **No Mundial:** 1.º Wayne Rainey (EUA), 183 pontos; 2.º Kevin Schwantz (EUA), 153; 3.º Michael Doohan (Austrália), 109; 4.º Niall MacKenzie (Grã-Bretanha), 85 e 5.º Jean Philippe Ruggia (França), 76.

Vinho da Madeira

O máximo de 120 inscrições, imposto pela organização da 31.ª edição do Rali Vinho da Madeira, foi atingido, tendo aquela limitação ocorrido por razões de segurança. Dos 120 participantes 55 são madeirenses (um recorde no rali) estando também confirmadas as participações de 34 equipas estrangeiras e 31 continentais. Dos nomes sonantes inicialmente previstos confirma-se a presença dos ex-campeões europeus Dario Cerrato e Fabrizio Tabaton, além do actual líder do campeonato, Robert Droogmans. A competição estará ainda enriquecida com a actuação de Fabio Arletti, Marc Duez e John Bosch, enquanto que Patrick Snijers, que se desloca a este rali há vários anos, não pode estar presente, dado que a sua equipa (a Toyota Europa) não alinha na competição.

Portugueses campeões mundiais

Louros sobre o mar

Os velejadores portugueses Hugo Rocha e João Duarte foram os vencedores do campeonato Mundial da juventude, que se disputou em Muiden, na Holanda.

A prova, integrava um total de sete regatas, algumas das quais foram ganhas pela tripulação portuguesa. O campeonato Mundial da juventude faz parte do calendário da Federação Internacional de Vela, e no mesmo são utilizadas embarcações da classe Laser II, distribuídas pela organização a todas as tripulações concorrentes.

Os velejadores portugueses têm ambos 18 anos e pertencem aos ginásios Clube Naval de Faro. Participaram no campeonato tripulações de mais de 40 países.

Andamos à vela no Báltico

O português Francisco

Champalimaud foi o 94.º classificado na 4.ª Regata do Campeonato da Europa de vela da classe Optimist, que está a decorrer ao largo da cidade de Flensburg, no mar Báltico.

Champalimaud ocupa agora a 34.ª posição na classificação geral (com 202 pontos). O 1.º classificado é o jugoslavo Jurica Tunjic (com 36 pontos), seguido do argentino Agustin Krevinsky (com 56).

O velejador português obteve a sua melhor classificação na 1.ª regata, sendo o 22.º a cortar a meta.

Na competição feminina, Sofia Corte Real é a portuguesa melhor classificada, ocupando o 33.º lugar com 171 pontos, após a 4.ª regata, em que foi a 65.ª classificada.

Maria Fortunato é a 35.ª (170 pontos) e Suzana Lima, a

50.ª da classificação geral (217 pontos). Após a 4.ª regata comanda a dinamarquesa Signe Groth (16,70 pontos) seguida da sueca Kristina Andersson (30,40).

Lagos incandescente

O Clube de Vela de Lagos acusa a Federação de Trialto de Portugal de ter inviabilizado a realização de uma prova da modalidade aprazada para este fim-de-semana, naquela cidade algarvia.

Em comunicado público, aquele clube refere que a Federação «ao exigir o pagamento de 50 mil escudos para a realização da prova deitou por terra a iniciativa, uma vez que clubes da sua natureza, com meios económicos reduzidos, não podem suportar tais verbas». «Apesar de termos explicado por escrito as nossas razões (que são, afinal, as dos pequenos clubes), para que fosse libertado o pagamento da referida verba, não obtivemos qualquer resposta da Federação», afirma o documento do clube lacobrigense.

Criticando «o silêncio» da Federação sobre o assunto, o Clube de Vela de Lagos sublinha o facto de aquela entidade ter escrito aos organismos locais de quem a prova dependia em apoios e autorizações, dizendo que a competição não se realizava sob sua calendarização.

Depois de acusar aquele órgão federativo de ter «entravado intencionalmente o processo de legalização da prova», o Clube de Vela de Lagos sublinha que «o seu nome sai lesado de toda esta situação, uma vez que os prejuízos materiais são apreciáveis, tendo em vista a sua dimensão».

Para o Clube de Lagos, o triatlo em questão (que tinha como principal objectivo divulgar localmente a modalidade) possuía um carácter promocional: daí a Federação, como é habitual nestes casos, tentar cobrar a referida verba.

Mas, «quem mais perdeu foi o desporto. A única vantagem de tudo isto foi o de mostrar de forma clara quem está contra ele», afirma o Clube de Vela de Lagos.



A outra face do campeão

Borg: birra ou queda?

As autoridades suecas anunciaram que confiscarão o direito de posse de uma vivenda que o ex-tenista sueco Bjorn Borg possui em Estocolmo, se este não pagar um milhão de dólares (cerca de 50 mil contos).

Devido a alegadas fugas fiscais, a vivenda de Borg será posta, provavelmente em Setembro, para venda, em hasta pública, se o sueco não pagar o que as autoridades exigem.

Borg, que se retirou em 1983, foi cinco vezes vencedor em Wimbledon e esteve, este ano, envolvido em diversos casos de tribunal, quer por razões financeiras quer pessoais. A sua fortuna está estimada em cerca de 36 milhões de contos.

SPA: morte ao volante

O piloto belga Guy Renard (27 anos) morreu na sequência de acidente sofrido quando participava na prova de 24 horas no circuito de Spa (Bélgica). O Toyota-Corolla que conduzia ficou atravessado no meio da pista, depois de ter chocado sucessivamente contra as protecções esquerda e direita do circuito, por causas ainda desconhecidas.

Depois, outros carros (o Porsche do belga André Hardy e o Ford Sierra do britânico Lyall) atingiram o veículo de Renard, que começou a arder antes dos serviços de socorro terem podido chegar a tempo de salvar o piloto.

Ao tomar conhecimento da morte de Guy Renard, a Toyota decidiu retirar todos os seus pilotos da prova.

Leon Spinks: luto

Leon Calvin, filho do campeão mundial de boxe Leon Spinks, morreu vítima de um acidente de viação. Calvin (19 anos) faleceu quando regressava de casa da namorada.



José Agostinho

Vela sempre deu triunfos ao nosso país

Federação de Futebol quer toda a gente caladinha

Benfica e Vitória de Setúbal punidos por abrirem a boca

O conselho de disciplina da Federação Portuguesa de Futebol aplicou várias sanções, destacando-se de entre elas os 60 dias de suspensão com que foi punido o presidente benfiquista João Santos.

Também a Gaspar Ramos, vice-presidente do clube foi

aplicada uma pena de 45 dias de suspensão.

Em ambos os casos (segundo o comunicado do conselho de justiça) os castigos devem-se a afirmações produzidas por João Santos e Gaspar Ramos, durante uma conferência de Imprensa, sobre a actuação

dos árbitros portugueses.

Também o presidente Fernando Oliveira (do Vitória de Setúbal) foi punido com 20 dias de suspensão, por ter proferido publicamente palavras consideradas ofensivas para um membro do conselho de justiça da FPF.

DESPORTO

Benfica e Sporting já espreitam «teams» do Roma e do Malines

Quando se começa fazendo pontaria para o Campeonato Nacional, com todas as formações procurando ainda apetrechar-se melhor para a grande maratona, o sorteio uefeiro que ditou oponentes aos nossos blocos foi sobremaneira implacável para o Benfica e Sporting, colocando-os com tarefas bem difíceis na eliminatória de abertura da Taça UEFA, especialmente no que toca aos encarnados que vão ter pela frente um Roma constelado de vedetas. E vale a pena recordar que o Roma é um velho conhecido do clube da Luz e do seu técnico, Sven-Goran Eriksson.

Exímio representante do futebol italiano, com toda a carga de positivismo que tal facto significa, a Associazione Sportiva Roma foi formada em 22 de Julho de 1927. O actual técnico benfiquista, o sueco Eriksson, abandonou o clube da Luz em finais da época de 1983, para ingressar no Roma, onde permaneceu durante duas temporadas. Curiosamente, o Benfica tinha então eliminado a equipa italiana no seu caminho até à final da Taça UEFA, onde vergou ao peso dos argumentos dos belgas do Anderlecht.

Tradicionalmente tido como um dos históricos do «calcio», o Roma reforça-se anualmente no sentido de lutar pela conquista do seu 1.º título nacional. Esta época a tradição não foi perdida e o Roma tratou de assegurar o concurso de Andrea Carnavale (vindo do Nápoles) e do brasileiro Aldair (cedido pelo Benfica). Os dois «ases» do baralho futebolístico mundial foram juntar-se a parceiros de valor semelhante, como são os casos dos germânicos (e campeões do mundo), Thomas Berthold e Rudi Voeller, contando ainda com o médio Giannini, pedra base da selecção italiana.

Estes atletas têm, como grande objectivo, dotar o Roma de talentos técnicos no sentido de lutarem pela con-

quista da Taça UEFA e pelo Scudetto. Porém, tal como sucedeu na época passada na final da Taça dos Campeões (com o AC Milão), Eriksson conhece como as suas mãos, a forma do Roma evoluir no terreno e as opções estratégicas habitualmente até utilizadas. Essa sabedoria preocupa mais os italianos que o próprio valor físico-técnico dos jogadores do Benfica.

Trata-se de uma equipa com estilo de jogo assente na sua linha intermediária e que conta com uma dupla de centrais (Berthold e Aldair) de alta classe. Na frente de ataque tudo gira em redor de Rudi

Voeller, jogador que o seleccionador alemão-federal Franz Beckenbauer considerou durante o Itália-90 como sendo actualmente o melhor avançado do mundo. A meio campo, o talento de Giannini só muito dificilmente é travado na tarefa de servir Voeller em condições de fazer golos.

Numa altura em que o Roma muito aposta na luta pelo título italiano, o facto de defrontar o Benfica na 1.ª eliminatória da Taça UEFA poderá ser factor decisivo no resto da campanha da equipa. O que suceder nos dias 19 de Setembro e 3 de Outubro poderá ser determinante para se apurar

COUPE UEFA	
Premier Tour	
19. 9. + 3. 10. 1990	
Veje BK	FC Admira-Wacker
Bayer Leverkusen	Twente Enschede
Chernomorets Odessa	Rosenborg BK
GKS Katowice	Turun
Heraklis Saloniki	Valencia CF
RSC Anderlecht	FC Petrolul Ploiesti
Atal Bergamasca	Dinamo Zagreb
FC Slavia	Omonia Nicosia
SL Benfica	AS Roma
SV Roda JC	AS Monaco
Sevilla FC	PAOK Saloniki
Partizan Titograd	Univers. Craiova
Atletico Madrid	Pakoch Timisoara
SK Rapid Wien	Internationale
Fenerbahce	Vitoria SC
Hibernians	Partizan Beograd

Benfica-Roma e turcos do Fenerbahce-Vitória de Guimarães surgiram logo no 1.º quadro do sorteio da Taça Uefa

COUPE VAINQUEURS	
Match préliminaire	
Bray Wanderers	Trabzonspor
Premier Tour	19. 9. + 3. 10. 1990
Swift Hesperange	Legia Varsovie
Vainqueur match pr	FC Barcelona
Viking FK	RFC Liège
FC Siwen	FC Juventus
MANCHESTER UNITED	Pecsi Munkas SC
Dynamo Kiev	Kuopion Palloseura
PSV Schwerin	Austria Memphis
Dukla Praha	Sliema Wanderers
Nes S. FC Famagusta	Aberdeen FC
Montpellier PHSC	PSV Eindhoven
Flamurtari Vlorë	Olympiakos FC
Glentoran FC	Bucaresti
Wrexham FC	Lyngby BK 1921
CF Estrela da Amadora	Neuchâtel Xamax
Fram Reykjavik	IFK Goteborg
1. FC Kaiserslautern	Sampdoria

Estrela da Amadora versus suíços do Neuchâtel Xamax: inédito no historial futebolístico é duelo de difícil palpite na Taça dos Vencedores de Taças

até que ponto o Roma está (ou não) em condições de se afirmar (definitivamente) como um dos «grandes» do futebol italiano.

Como «aperitivo» para esta eliminatória, será de recordar que, no dia 21 de Agosto, o Benfica participa (no Estádio Olímpico de Roma) no jogo de apresentação desta equipa, ao abrigo de uma cláusula existente na transferência do brasileiro Aldair.

Entretanto, o Sporting vai defrontar, nesta 1.ª eliminatória da Taça UEFA, uma equipa «feita do nada», mas

que nos últimos quatro anos ganhou uma Taça das Taças, uma Supertaça, um campeonato e uma Taça da Bélgica.

O Malines ou (em flamengo) Mechelen, nome de uma pequena cidade situada a 300 km de Bruxelas, subiu à 1.ª divisão na época de 1983/84 e não tem cessado de progredir graças a uma ambiciosa política de transferências, suportada financeiramente pelo actual presidente do clube (John Cordier) industrial do sector da informática.

Nenhum dos actuais jogadores da equipa foi formado

no clube, que permaneceu longos anos no esquecimento, depois de ter conhecido temporadas áureas no pós-guerra. Com efeito, o FC Malines ganhou o Campeonato belga de futebol em 1943, 1946 e 1948 e só repetiria a proeza 41 anos depois, na época de 1988/89.

Vencendo (em 1987) a Taça da Bélgica, o clube arrecadaria no ano seguinte a Taça das Taças (bateu o Ajax por 1-0, em Estrasburgo) e a Supertaça em 1989 (vitórias sobre o PSV Eindhoven, por 3-0 e 0-1).

Na próxima temporada a equipa do FC Malines voltará a contar com seis dos internacionais belgas presentes no Mundial italiano: Michel Preud'Homme (guarda-redes), Leo Clijsters (defesa) e «capitão» da equipa, Philippe Albert (defesa), Bruno Versavel (defesa), Marc Emmers (médio) e Marc Wilmots (avançado). Todavia, o Malines não contará com os três internacionais holandeses: Rutjes, Erwin Koeman e Bosman. O 1.º foi para o Anderlecht e os outros dois para o PSV Eindhoven. Todavia, o clube adquiriu dois jovens holandeses (Eykelkamp e Bogers) e está a negociar a compra do internacional sueco Klas Ingegnon, que participou no Mundial de Itália.

Na última época, o FC Malines chegou aos quartos de final da Taça dos Campeões Europeus, tendo sido eliminado pelo AC Milão (0-0, em casa e 0-2 fora). No campeonato classificou-se em 3.º lugar (50 pontos) atrás do FC Bruges (campeão, com 57 pontos) e do Anderlecht, (53). O treinador é o belga Wilfried Vanhoof (43 anos) que substituiu Ruud Krol em Janeiro deste ano.

O estádio do clube apenas tem capacidade para 26 mil espectadores e dá pelo nome de «atrás das casernas». Amarelo e encarnado às riscas (camisolas) e calções e meias pretas são as cores do equipamento dos «malinois».

Informação COMERCIAL

CONCERTOS MÚSICAIS EM MADRID

A CP informa que, por ocasião dos concertos em Madrid, que terão lugar em 22 de Julho (PRINCE) e 27 de Julho (MADONA), há a possibilidade de utilizar o comboio a preço reduzido.

Informe-se nas secções de Informações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (St.ª Apolónia).



Caminhos de Ferro Portugueses

Atenção, futebolistas

Novas regras, luta à dureza e caneleiras obrigatórias

As novas regras do futebol, incluindo uma alteração à lei do fora-de-jogo e sanções mais duras por jogo violento, entram em vigor a 29 do corrente. A FIFA tinha anteriormente anunciado que as novas medidas (aprovadas durante o Mundial de futebol de Itália) entrariam em vigor no início dos campeonatos de futebol dos países membros daquele organismo desportivo, mas a data foi antecipada.

De acordo com a nova regra de fora-de-jogo, o avançado de uma equipa pode estar em linha com os defesas adversários no momento do passe.

No âmbito das medidas contra o jogo violento, os árbitros vão passar a expulsar os futebolistas por entradas violentas e derrubas do adversário por detrás. Assim, o jogador que derrube um adversário por detrás, quando este se encaminhe em posição favorável a caminho do golo, passará a ser punido com expulsão (exibição do cartão vermelho). A FIFA explica que com esta decisão houve a intenção de proporcionar e defender a criatividade ofensiva, frente ao recurso fácil da entrada pela retaguarda como forma de desarme.

As novas regras obrigam os jogadores a incluírem as caneleiras no equipamento habitual.



Esta jogada vai ser legal (De «La Vanguardia», com a devida vénia)

DESPORTO

Estreia vitoriosa em Estugarda

Jugoslavo Goran Ivanisevic: novo campeão está na forja

Uma nova «estrela» começou a brilhar no firmamento do ténis mundial na presente época de 1990, e tudo indica que possa vir a tornar-se numa das principais figuras do desporto das raquetas durante a próxima década. O seu nome é Goran Ivanisevic, um jugoslavo que no domingo passado conquistou o primeiro grande título da sua carreira, o IBM ATP Tour de Estugarda, com prémios monetários no valor de um milhão de dólares.

Atributos não lhe faltam, e para além de se tratar de um dos mais talentosos executantes do circuito profissional (ou não fosse ele um esquerdino como McEnroe e Leconte), é ainda servido de um físico notável, com 1,91 metros de altura e 73 quilos de peso. Deste modo, consegue retirar um elevado rendimento do seu estilo atacadante, donde sobressai um dos mais poderosos serviços do circuito como voltou a demonstrar na final de Estugarda, onde meteu qualquer coisa como 17 ases, e ainda por cima em «courts» de terra batida.

Há alguns anos que este jovem jugoslavo era apontado como uma das grandes esperanças do ténis mundial, mas a sua irregularidade exibicional impediu-o sempre de alcançar os resultados esperados.

Contudo, esta época Goran apareceu com outra mentalidade competitiva, provavelmente fruto do trabalho encefalado em Setembro de 1989

com o húngaro Balazs Taroczy, um campeão da década de 70, e justamente reconhecido como um mestre na arte da estratégia de jogo.

Agora, Ivanisevic já sabe manipular o seu talento natural, e as suas fortes pancadas do fundo do «court», bem completadas por um vôlei mortífero, surgiram com toda a pujança e regularidade necessárias para forjar um campeão.

Não estranhou, por isso, que a esperança adiada de 1989 (quarto finalista do Open da Austrália logo em Janeiro desse ano) confirmasse — finalmente — a sua valia em 1990. Começou por atingir a final do 150 mil dólares de Umag (Jugoslávia), onde só perdeu para o seu experiente compatriota Goran Prpic, para na semana seguinte ajudar a selecção do seu país a conquistar pela primeira vez a Taça das Nações, em Dusseldorf.

A Primavera e o Verão têm, aliás, mostrado-se férteis para Ivanisevic, que conheceu em Roland Garros outro grande momento de glória ao atingir os quartos de final, tendo deixado pelo caminho, logo na ronda inaugural, o campeão do mundo Boris Becker.

A consagração final deu-se, porém, quinze dias mais tarde, na relva londrina de Wimbledon, onde só foi travado em quatro partidas por aquele mesmo Boris Becker (então ainda o campeão em título).

A fácil adaptação em pouco tempo da terra batida francesa para a relva inglesa só veio

confirmar uma das características deste jugoslavo, e que se prende com a sua capacidade em atingir um elevado nível sobre qualquer superfície.

Depois de Wimbledon, Ivanisevic regressou aos pisos lentos, e quando todos se começaram a perguntar para quando o primeiro título, eis que o jugoslavo não fez esperar muito tempo os mais cépticos, ganhando o Championship Series de Estugarda. No seu caminho, Goran encontrou dois especialistas da terra batida, o espanhol Emilio Sanchez (vencedor do Estoril Open, semifinalista de Barcelona e Monte Carlo) nas meias-finais, a quem derrotou por um duplo 6-4, e o argentino Guillermo Perez-Roldan (finalista de Barcelona e Casablanca) na final.

Este «combate» decisivo com o tenista das pampas saldou-se por uma luta sem tréguas que se prolongou para lá das três horas de jogo, e que terminou favorável ao jugoslavo pelos apertados parciais de 6-7 (2/7), 6-1, 6-4 e 7-6 (7/5).

Goran Ivanisevic deverá ter, assim, garantido a entrada no grupo dos 20 melhores do mundo, ele que na semana passada figurava com o 24.º classificado do «ranking» ATP, para além dos cerca de 19 mil contos que embolsou, e que nunca são de desprezar, sobretudo para um jovem de 18 anos que começa a vislumbrar um futuro dourado à sua frente.

Hugo Ribeiro

Canoagem: maratona de Mértola

Cerca de 200 atletas portugueses e estrangeiros vão participar na 2.ª Maratona de Mértola, competição de canoagem a disputar no Guadiana, num percurso de 37 quilómetros entre Alcoutim e Mértola, a 29 do corrente. A prova, incluída no calendário de competições de interesse nacional, está aberta à participação de embarcações K1, K2, C1 e C2 (em masculinos e femininos) e conta com a actualização de equipas nacionais e quatro turmas da região espanhola de Múrcia. A organização incluiu também no programa uma prova curta de oito quilómetros, a disputar junto a Mértola, para infantis e cadetes.

Club Desportivo Mar Menor, Clube Blanca de Piragüismo, Thader Kaiak de Cieza e Club de Piragüismo de Calaspara são colectividades espanholas que já garantiram a presença. A nível nacional, além do Clube Náutico de Mértola, os clubes Lagoa, Náutico de Crestuma, Recreio Popular de Arnelas, Neptuno de Óbidos, Bom Sucesso, Olhão, Ginásio Clube de Águeda, Fluvial Odmirence, Canoagem de Setúbal e Alhandra. A segurança da maratona está a cargo dos Bombeiros de Mértola e da capitania do porto de Vila Real de Santo António.

Karting em Setúbal

A secção de motorismo do Vitória de Setúbal vai organizar o 12.º Circuito de Karting Semanário «Actual», que decorrerá nos dias 28 e 29 do corrente. A prova, a disputar nas imediações do Estádio do Bonfim num perímetro de 660 metros, está integrada na Taça de Portugal de karting, nas categorias cadete, supercadete, júnior e intercontinental A e B, sendo admitida a categoria livre 125, que não conta para a pontuação final da Taça de Portugal.

O director da prova (António Vieira Polido), afirma que «mais uma vez a secção de motorismo do Vitória vai organizar uma prova de grande prestígio, onde vão figurar os maiores nomes do País na modalidade». «A pista tem excelentes condições e, em 1989, teve ali lugar uma das melhores provas realizadas em todo o País».

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 1.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem da garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilatação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução Sumária n.º 4957, 1.ª Secção.

Executores — Amorim & Irmãos, SA.

Executado — Álvaro Braga Vieira, residente na Rua da Conceição, n.º 53, 2.º dt.º, em Lisboa.

Lisboa, 12 de Julho de 1990

O Juiz de Direito (Ass. Illegível)

O Escrivão de Direito Lurdes Santos

«DL» — 2.ª Pub. — 24/7/90

José Agostinho



Na reunião com os jornalistas

Estoril: natação enriquece

Na conferência de Imprensa que teve lugar na lisboeta Adega Mesquita (e a que nos temos detalhadamente referido) a Associação dos Bombeiros Voluntários dos Estoril garantiu que o complexo desportivo do Estoril (piscinas cobertas de Alapraia) será uma realidade, para dar escoamento às múltiplas inscrições que diariamente se verificam para a aprendizagem da nataçao, dando origem a uma longa lista de espera (devido à exiguidade do tanque de aprendizagem existente na sede e da piscina Atlântida) e as mais deficientes condições de preparação de atletas de competição, obrigando-os a deslocar-se diárias às piscinas alu-

gadas, o que determinou a Associação à construção desse complexo desportivo que abrigará uma piscina coberta de 25 metros, e um tanque de aprendizagem. Todavia, o complexo não se limita a duas piscinas (de 25 e 16 metros) pois nele também vão ser integrados um ginásio de musculação e outro polivalente, além de áreas de apoio como posto médico, bar, sala de estudo e estabelecimento de artigos desportivos e irá ser uma realidade, esperando-se que a inauguração ocorra em fins de 1991, constituindo um justo motivo de orgulho da ABVE pelo contributo que assim dá para a valorização dos equipamentos desportivos no concelho de Cascais.



Setúbal tem esperança

José Romão (novo treinador do Vitória de Setúbal) para os jornalistas Ribeiro Cristóvão (Rádio Renascença) e Neves de Sousa («DL»): «a direcção vitoriana e, especialmente, o seu presidente (Fernando Oliveira) merecem que o nosso trabalho seja contemplado com o regresso da equipa às grandes jornadas internacionais. O historial das épocas 60/70 foi muito enriquecido por técnicos que recordo com saudade: Fernando Vaz e José Maria Pedroto. Agora, desejo construir uma equipa e lutar por tudo quanto seja humanamente possível. Quero que esta seja a melhor época do Vitória nos últimos anos: sem estarmos com obsessão pela Europa, vamos tentar deixar-lhe uma mãozinha...»

Desporto afasta cancro na mulher

As mulheres que durante a juventude praticaram desporto são as menos afectadas pelos diversos tipos de cancro, concluiu um estudo de investigadores norte-americanos, divulgado pelo jornal da indústria farmacêutica suíça. O estudo foi elaborado por uma equipa da Universidade de Harvard, que se baseou na análise dos antecedentes médicos de 5398 mulheres.

Entre as mulheres com an-

tecedentes desportivos verificaram-se as mais baixas taxas de incidência de cancro da mama, os pulmões e do aparelho digestivo. Contudo, devido à prolongada exposição ao sol que muitos desportos acarretam, essas mulheres apresentavam uma taxa de incidência de cancro da pele idêntica à de outras mulheres que não praticaram desporto mas tinham actividades profissionais ao ar livre.

Caça submarina foi fatal

A morte de um concorrente provocou a anulação da 2.ª prova da 2.ª jornada do Campeonato Nacional caça submarina (1.ªs categorias): tratou-se do 1.º acidente mortal ocorrido em Portugal numa competição oficial de caça submarina, e deveu-se a ex-

cesso de permanência a grande profundidade.

O acidente sucedeu ao largo de Peniche (local escolhido para a realização da 2.ª ronda da competição) e ocorreu na sequência de um mergulho em «apeneia», a cerca de 18

metros, com o caçador submarino a ser vítima de uma síncope.

Trata-se do estudante Alexandre Filipe de Moura Charneira, de 24 anos, que residia na vivenda Maria (Costa de Caparica).

Idade não perdoa

De Itália para Barcelona só 12 para viagem olímpica

Apenas 12 dos jogadores que estiveram no Mundial de Itália poderão participar no torneio de futebol dos Jogos Olímpicos de Barcelona de acordo com a nova regulamentação da FIFA. Nas Olimpíadas de 1992 apenas podem jogar futebolistas nascidos depois do mês de Agosto de 1969 (sub-23), o que afasta do torneio alguns dos jovens mais influentes das 24 selecções finalistas do Mundial, como o jugoslavo Prosinecki (nascido a 12-1-69), ou o italiano Maldini (26-6-68).

Depois do Itália-90, em que os técnicos não deram grandes oportunidades aos mais jovens elementos das respectivas selecções, apenas 12

«mundialistas» podem manter aspirações a jogar no torneio de Barcelona: Fonseca (Uruguai), Witschge e Roy (Holanda), Keller e Covone (EUA), Radiciu (Roménia), Bismarck (Brasil), Brolin (Suécia), Gonzalez (Costa Rica), Bosic (Jugoslávia), Hussain Abbas (Emirados Árabes Unidos) e Cassini (Colômbia).

Em Itália, apenas Witschge, Gonzalez e Brolin disputaram todas as partidas das respectivas equipas, enquanto Kaduciu alinhou três vezes e Fonseca duas. O brasileiro Bismarck (uma das esperanças do futebol «canarinho», depois de ter sido eleito o melhor jogador nos mundiais de sub-16 e sub-18) não chegou a alinhar

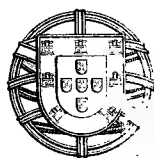
no Itália-90, tal como Roy, Cassiani, Boksic, Covone e Keller. O holandês Witschge (nascido a 20 de Setembro de 1969) é, dos 12 jogadores já mencionados, o que detém melhor «palmarés»: actualmente no Ajax de Amesterdão, conquistou um título nacional (89-90), uma Taça da Holanda (1987) e uma Taça das Taças (1986-1987).

Daniel Fonseca (do Nacional de Montevideo) venceu uma Taça dos Libertadores da América, enquanto Bismarck ganhou um Campeonato do Brasil (pelo Vasco da Gama) e Raduciu conquistou um título de campeão romeno e duas taças nacionais, pelo Steaua de Bucareste.

AGENDA

I Série N.º 169
Dia 24 de Julho

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Assembleia da República

Lei n.º 18/90:

Alteração à Lei n.º 14/79, de 16 de Maio — Lei Eleitoral para a Assembleia da República.

Resolução da Assembleia da República n.º 17/90:

Constituição de uma comissão eventual para analisar a Lei n.º 6/85 — objector de consciência perante o serviço militar obrigatório.

Presidência do Conselho de Ministros e Ministério das Finanças

Despacho Normativo n.º 58/90:

Cria um lugar de assessor principal no quadro da Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros.

Ministérios das Finanças e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 581/90:

Altera o quadro de pessoal da Secretaria-Geral do Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 237/90:

Altera o Decreto-Lei n.º 304/87, de 4 de Agosto (estabelece o regime de primeira venda do pescado fresco).

Ministérios da Agricultura, Pescas e Alimentação e do Comércio e Turismo

Portaria n.º 582/90:

Fixa os montantes dos contingentes da importação de banana em determinados períodos. Revoga a Portaria n.º 987/89, de 16 de Novembro.

Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Decreto-Lei n.º 238/90:

Elimina a obrigatoriedade de licenciamento para o transporte particular de mercadorias em tractores agrícolas. Altera o Decreto-Lei n.º 45 331, de 28 de Outubro de 1963.

Tribunal Constitucional

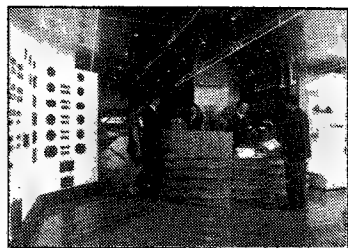
Acórdão n.º 223/90:

Declara a inconstitucionalidade, com força obrigatória geral, da norma constante do artigo 45.º, n.º 1, alínea a), do Estatuto da Inspeção-Geral do Trabalho, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 327/83, de 8 de Julho, na parte em que excede a previsão contida no artigo 384.º do Código Penal.

PESSOAS & FACTOS

A Escape reabriu portas na Rua Castilho

A Escape reabriu ao público, na Rua Castilho, 72-A, em Lisboa, com «uma nova dinâmica de funcionamento». Instalações mais modernas e «uma equipa técnica altamente especializada» relançam uma empresa de serviço ao mercado automóvel, com estação de serviço, venda e montagem de ar condicionado, alarmes, auto-rádios e auto-telefones.



HOJE CONTINENTE

Em todo o território: continuação de tempo quente, com céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado para a tarde nas regiões do interior, onde a condições para a ocorrência de trovoadas. Vento fraco, soprando moderado nordeste, no litoral oeste, durante a tarde. Neblina ou nevoeiro matinal em especial no litoral a norte do cabo Carvoeiro.

Estado do mar - costa ocidental: mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação noroeste de um metro. costa sul: Mar encrespado. Ondulação sueste de um metro.

Amanhã
Continuação do tempo quente, com céu limpo. Vento fraco, a moderado do quadrante leste, soprando em regime de nortada no litoral oeste durante a tarde. Pequena subida de temperatura.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado, apresentando-se muito nublado no litoral oeste, durante a madrugada e manhã, e com períodos de muito nublado nas regiões do interior, para a tarde, onde há condições para a ocorrência de trovoadas. Vento fraco. pequena descida de temperatura no litoral. Neblina ou nevoeiro matinal.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento norte fraco a moderado.

Funchal: céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.

Estado do mar - costa norte: mar de pequena vaga a cavado. Ondulação norte de um a dois metros. costa sul: mar encrespado. Ondulação inferior a um metro

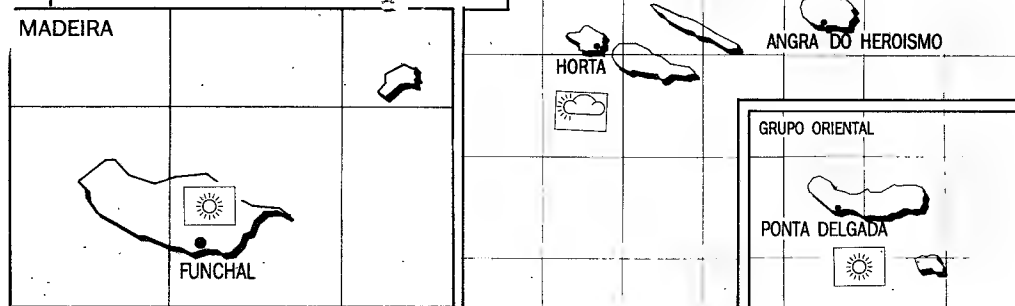
AÇORES

Grupo Ocidental: céu geralmente muito nublado. Vento fraco. Períodos de chuva fraca para o fim do dia.

Grupos Central e Oriental: períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de de noroeste.

Estado do mar: mar de pequena vaga. Ondulação nordeste de um a dois metros.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

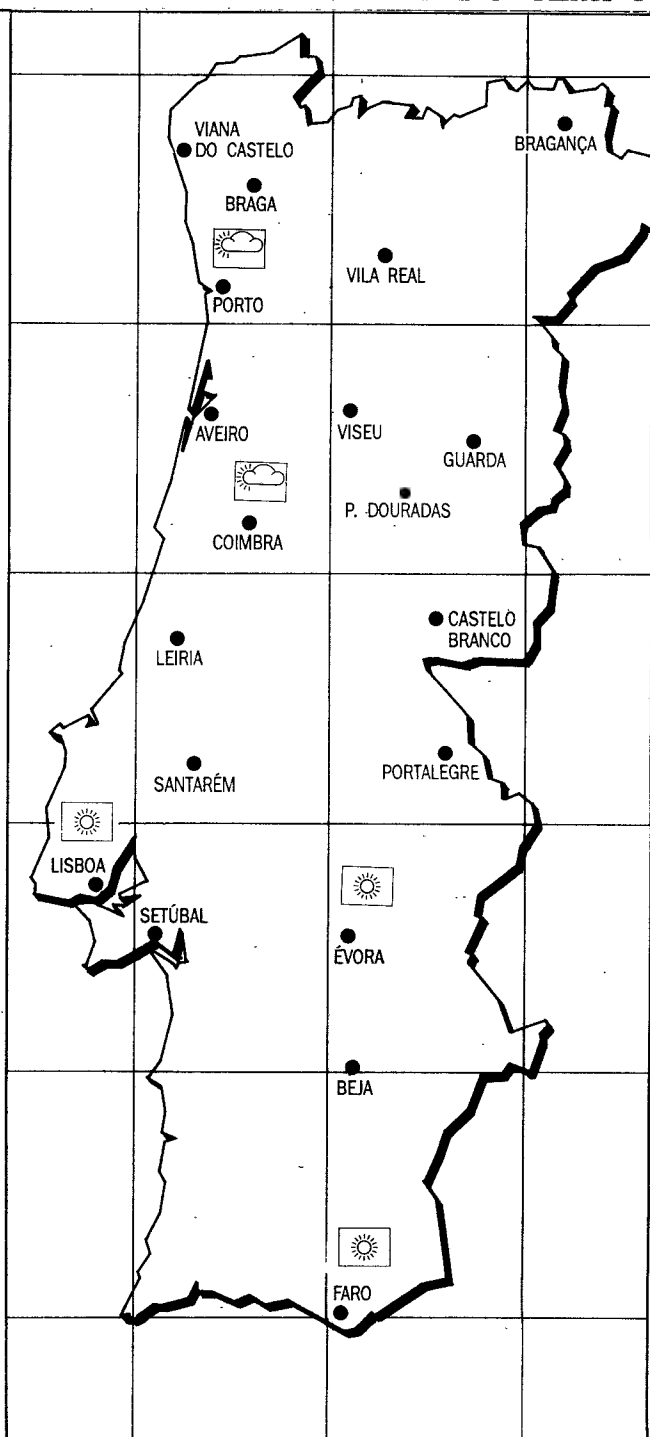


	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoadas
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

MARÉS

Hoje	PREIA-MAR	BAIXA-MAR
05.30	3.6m	10.59 0.6m
17.46	3.9m	23.33 0.5m
Amanhã		
06.10	3.6m	11.38 0.6m
18.26	3.8m	00.11 0.7m

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	T.	Às 6 h
Bragança.....	16	16	P. nub.
V. Castelo.....	18	20	Neblina
Vila Real.....	18	19	Limpo
Porto.....	17	20	Neblina
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	19	19	Neblina
C. Carvoeiro.....	20	20	Nevoeiro
C. Branco.....	22	23	P. nub.
Portalegre.....	25	26	Limpo
Lisboa.....	21	21	Bruma
Évora.....	25	26	Limpo
Beja.....	22	22	Limpo
Faro.....	22	22	Limpo
Sagres.....	-	-	-
P. Delgada.....	18	19	P. nub.
Horta.....	19	19	P. nub.
Funchal.....	20	20	M. nub.
Sines.....	19	19	Neblina

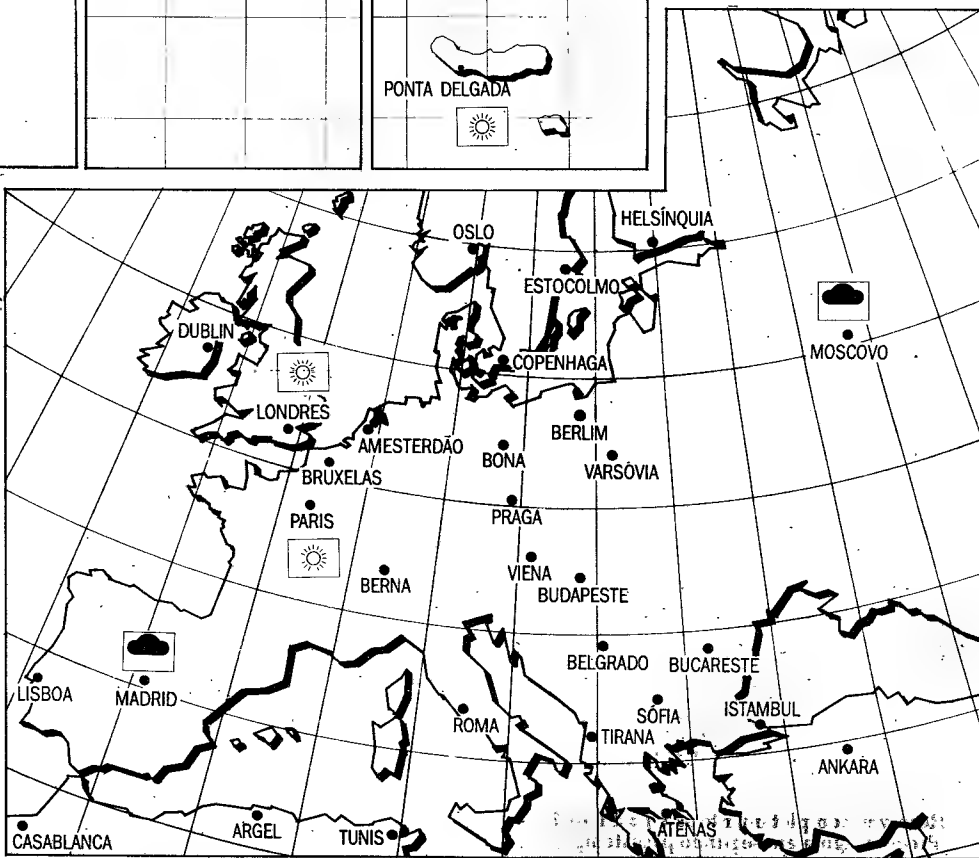
Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 32; Porto, 31; Faro, 29; P. Delgada, 26; Funchal, 26.

EUROPA

	Min.	T.	Às 6 h
Madrid.....	-	20	-
Londres.....	11	13	M. nub.
Paris.....	14	14	M. nub.
Bruxelas.....	10	12	P. nub.
Amsterdão.....	12	14	M. nub.
Genebra.....	16	18	Limpo
Roma.....	18	19	Neblina
Oslo.....	15	16	M. nub.
Copenhaga.....	15	16	M. nub.
Estocolmo.....	14	14	Neblina
Berlim.....	12	13	M. nub.
Viena.....	15	16	Limpo
Varsóvia.....	11	13	Limpo
Atenas.....	-	-	-
Moscovo.....	16	17	M. nub.

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago.....	14	27	Limpo
Houston.....	25	33	Trovoadas
Los Angeles.....	21	26	Nublado
Montreal.....	-	-	-
Nova Iorque.....	22	29	Nublado
S. Francisco.....	13	19	Limpo
Toronto.....	13	27	Encoberto
Vancouver.....	7	16	Nublado
Washington.....	16	30	Limpo
Hong Kong.....	27	30	Nublado
Melbourne.....	10	21	V. forte
Pequim.....	16	29	Encoberto
Perth.....	9	14	Aguaceiros
Singapura.....	26	33	Aguaceiros
Sydney.....	8	18	V. forte
Tóquio.....	26	33	Limpo
Wellington.....	7	15	Nublado



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Areeiro - Praça Londres: João XXI, Av. João XXI, 16-A, Tel. 886462; **Boa Hora:** Sepol, Calçada Boa Hora, 94-A, Tel. 3631958; **Campo de Ourique:** Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A, Tel. 686176; **Castelo:** Silva, Calçada Santo André, 16, Tel. 863074; **Chile:** Aliança, Av. Almirante Reis, 145, B-C, Tel. 570487; **Entre Sete Rios e 2.ª Circular:** Da Luz, Estrada da Luz, 124-A, Tel. 7263139; **Feira Popular:** Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A, Tel. 763016; **Graça:** Monte, Rua Senhora do Monte, 30, A-B, Tel. 867842; **Lumiar:** Nicolau, Calçada de Carriche, Lote 4 - Loja Esq.ª, Tel. 7588727; **Marquês Pombal:** Branco, Av. Duque Loulé, 61-65, Tel. 545048; **Rato - Príncipe Real:** Cunha, Rua Escola Politécnica, 18, Tel. 325455; **Xabregas - Madre Deus:** Conceição, Calçada D. Gasão, 30-32, Tel. 381279; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Colina Sol - Brandoa - Amadora:** Vidal Reis, Urb. Alfornel - Cel. G. Lote 35, Tel. 996540; **Moscavide:** Banha, Av. Moscavide, 22-A, Tel. 2518518; **Odivelas:** Monserate, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 31-A, Tel. 9811139; **Pontinha:** Pontinha, Estrada Santo Elói, 4 - Lote SE, Tel. 479220.

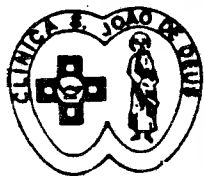
REFORÇO

Alcântara: Probidade, Rua Alcântara, 15 A-B, Tel. 3638589; **Alvalade - Estados**

Unidos: Rio Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C, Tel. 881409; **Baixa:** Simões Pires, Rua da Prata, 115, Tel. 3462350; **Benfica:** União, Estrada Benfica, 592-594, Tel. 700092; **Camões - Santa Catarina:** Combro, Calçada do Combro, 82, Tel. 326059; **Campo de Ourique:** Lobel, Rua Infantaria 16, 98-B, Tel. 688807; **Marquês Fronteira:** Ronil, Rua Rodrigo da Fonseca, 153, Tel. 683438; **Olivais Sul:** Marta, Rua Cidade Nampula - Ed. Paris - Lote 534, Tel. 333696; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140, B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Saldanha:** Dalva, Av. Duque D'Ávila, 125, Tel. 545225; **Sapadores - Paiva Couceiro:** Europa, Av. General Roçadas, 27, A-B, Tel. 8143880; **Buraca - Amadora:** Gaspar Pote, Rua das Gaias, Lote 16 (Bairro Zambujal), Tel. 902221; **Olivastasto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Almeida Nifo, Av. Comb. G. Guerra, 64, Tel. 2112070. Permanente; **Linda-a-Velha:** Pinto, R. Antero Quental, 9, Tel. 4190610. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A-r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.ª Padre P. Correia, 4, Tel.



2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B-Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Oeiras:** Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro, Tel. 4430485. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 2471785. Permanente; **S. João do Estoril:** Das Areias, Urb. Areias. Até às 22 h; **Sasoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Cascais:** Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40, Tel. 2801705. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Amadora, P. 25 Abril, 3-A, Tel. 435518. Permanente; **Campos:** R. Elias Garcia, 185, Tel. 4930072. Até às 22 h; **Damaia:** Lemos, R. Goa, 21-A, Tel. 971121. Até às 22 h; **Queluz:** Gil, Av. Miguel Bombarda, 28, Tel. 4350117. Permanente; **Albergaria:** L. Prof. Dr. José Mineiro,

MÉDICO DE URGÊNCIA
795 06 80/9

42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Rodrigues Garcia, Av. Bons Amigos, Lote 5-D, Tel. 9243693. Permanente; **Algueirão:** Rodrigues Rato, R. Morés, 1, Tel. 9212038. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rinchoa:** Dumas Brousse, Calç. Rinchoa, 2, Tel. 9260404. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Sálvia, Av. República, 29, Tel. 9831240. Permanente.

OUTRA BANDA

Almada: Macedo Henriques, R. Bern. Francisco Costa, Lote 1, Tel. 2751297. Permanente; **Cova da Piedade:** Morgado, R. Cabo Boa Esperança, 25-A, Tel. 2767356. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Carlos, Av. Mar, 34-A, Tel. 2901060. Até às 19 h; **Larãjeiro:** Baptista Marques, R. Boa Vontade, 17-B, Tel. 2538572. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Ferreira & Pilar, Av. República, 1, Tel. 2072023. Permanente; **Baixa da Banheira:** Nunes, Rua 1.ª Maio, 106-A, Tel. 2041044. Até às 19 h; **Corroios:** Universo, Est. Nacional, 10, Tel. 2535484. Até às 19 h; **Amora:** Nova Amorense, EN 10 - Bloco A - Loja A - Paivas, Tel. 2216824. Permanente; **Torre da Marinha:** Alves Velho, L. Camões, 27, Tel. 2211132. Até às 22 h.

HÁ 20 ANOS



Aumentou o movimento de turistas nos países da OCDE

Um recente estudo da OCDE revela que, no conjunto dos seus membros, 120 milhões de pessoas passaram férias no estrangeiro, em 1969, gastando um total de 12,3 biliões de dólares.

Estes números definem um acréscimo de cerca de 11 por cento em relação ao ano anterior, contrariando uma tendência ligeiramente recessiva que vinha a ser notada nos três anos precedentes.

Julgamento dos assassinos de Sharon Tate

Charles Manson, Patricia Krenwinkel e Susan Atkins, acusados do assassinio de Sharon Tate e de mais quatro pessoas que se encontravam na residência da atriz, começaram a ser julgadas num tribunal de Los Angeles.

O magistrado da acusação afirmou, a abrir o julgamento, que Charles Manson e as suas «acólitas», membros de um grupo religioso de que ele era o chefe, actuaram de acordo com os princípios de purificação da humanidade que a sua estranha crença professava.

Bomba na sede da Frelimo em Dar-Es-Salaam

Os escritórios da Frelimo - Frente de Libertação de Moçambique - em Dar-Es-Salaam foram parcialmente destruídos pela deflagração de uma bomba ali colocada.

As autoridades locais afirmaram que, do atentado, resultou um ferido grave, aparentemente um mensageiro.

EFEMÉRIDES

1245

• O Papa Inocêncio IV retira a D. Sancho, rei de Portugal, a autoridade real.

1942

• Bombardeiros britânicos arrasam as cidades alemãs de Francforte e Mannheim, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1969

• Os primeiros homens que pisaram solo lunar, os astronautas norte-americanos da «Apollo 11», amaram suavemente no Pacífico.

1972

• Trabalhadores portuários em greve encerraram os principais portos britânicos, enquanto milhares de outros trabalhadores entram, também, em greve de solidariedade para com cinco estivadores presos.

1981

• O Presidente da República Portuguesa, Ramalho Eanes, inicia uma visita oficial de quatro dias aos Açores, presidindo à autonomia da região.

• As autoridades japonesas anunciam que morreram 140 pessoas nas inundações mais graves verificadas nos últimos 25 anos.

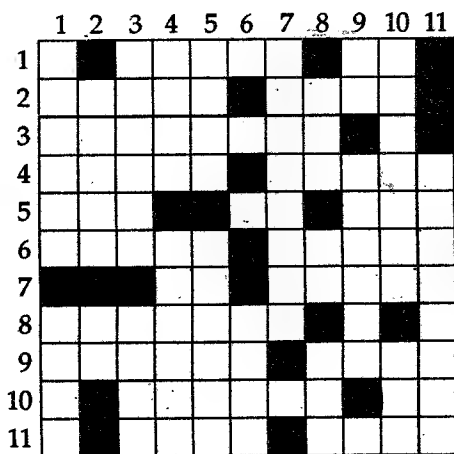
1984

• O democrata-cristão Frances Pierre Pfmilim, 77 anos, é eleito presidente do Parlamento Europeu, por um período de dois anos e meio.

1986

• O Parlamento aprova, por unanimidade e aclamação, o novo estatuto da Região Autónoma dos Açores.
• Um cachalote entra no estuário do Tejo.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17966

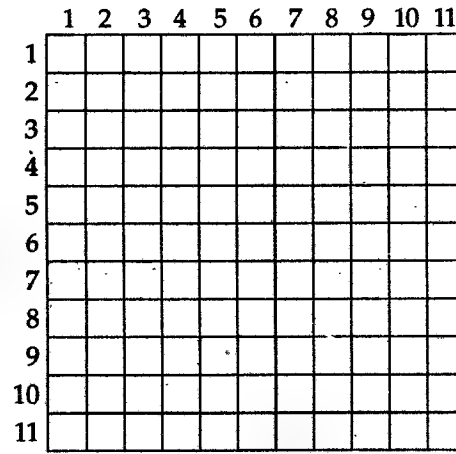
HORIZONTAIS:

- 1 - Artigo definido.
- 2 - Consanguinidade. Preposição.
- 3 - Cinza ou lava de vulcão.
- 4 - Freguesia do concelho de Espinosa. Rei da Suécia e Noruega, filho de Bernadotte.
- 5 - Sufixo que designa pequenez. Pátria de Abraão. Preposição.
- 6 - Tempo de descanso, à hora de maior calor. Arenoso.
- 7 - Grande ribeira da Ásia Russa. Magoara.
- 8 - Atrado.
- 9 - Detestara. Nome de fruto.
- 10 - Barro. Clima.
- 11 - Reino da Federação Indonésia. Mulher de mau génio.

VERTICAIS:

- 1 - Enfereceizais. Homem cruel.
- 2 - Defesa de elefante. Preposição latina que designa movimento.
- 3 - Lombro. Ninho (prov.).
- 4 - Cabo em que os pescadores do rio Minho suspendem as redes de pesca. Apalpara.
- 5 - Rates. Sofro.
- 6 - Ofereceis.
- 7 - País imaginário que Orelana, lugar-tenente do conquistador Pizarro, disse ter descoberto entre o Amazonas e o Orinoco, e que, segundo se afirmava, abundava em ouro.
- 8 - Uma das Cidades. Letra grega. Desgraça.
- 9 - Preposição. Pequeno vaso cilíndrico com asa, para líquidos.
- 10 - Estorvar. Mercado público no Oriente.
- 11 - Referira.

Resolveu completamente este problema?
Procure, agora em segundo passatempo,
o provérbio nele inscrito.



PROBLEMA N.º 16776

HORIZONTAIS:

- 1 - Cidade da antiga Argólia. Cobalto (s.q.).
- 2 - Marcas. Cidade dos Camarões nas margens do Sanaga.
- 3 - Ninhos. Apuram.
- 4 - Arsénio (s.q.). Planta têxtil do Ceará. Apellido.
- 5 - Despacha. Batráquio, semelhante à ra, mas de maior tamanho e de dorso escuro e comestível.
- 6 - Educam. Trezentos em romano.
- 7 - Seguias. Revistara.
- 8 - Pega. Formar as abas a.
- 9 - Demónios. Vossa Alteza.
- 10 - Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital. Cantinhar. Espaço de doze meses.
- 11 - Peneira. Época.

VERTICAIS:

- 1 - Cidade da Sicília. Remaras para trás.
- 2 - Colocar. Vossa Alteza.
- 3 - Sufixo que designa pequenez. Declarado legal por ter sido visto ou apresentado (pl.).
- 4 - Ofereces. Seguias.
- 5 - Campeão. Cidade de França.
- 6 - Brisa. Bromo (s.q.).
- 7 - Freguesia do concelho de Santo Tirso.
- 8 - Detestai. Unir pelo casamento.
- 9 - Neon (s.q. e inv.). Rei de Israel, marido de Jezabel. Sódio (s.q.).
- 10 - Nome de algumas tribos indígenas do Brasil, em Mato Grosso. Nome de flor.
- 11 - Assinalara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 965

HORIZONTAIS: 1 - CADA. ASNO. 2 - Aviassé. Rir. 3 - Biá. Escolar. 4 - As. Suei. 5 - Casa. Narrar. 6 - Or. Mit. Ali. 7 - Sa. Ágata. Aa. 8 - Rurais. 9 - Ciais. Omo. 10 - Escalar. Ovas. 11 - MCC. Migar.

VERTICAIS: 1 - Cabaços. TEM. 2 - Avisaram. SC. 3 - Dia. CCC. 4 - Aa. Samaria. 5 - SEU. IGUAL. 6 - Assentariam. 7 - Sécia. Tas. 8 - Af. Og. 9 - Orlara. Sová. 10 - Ia. Ala. Mar. 11 - Urrariamos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 775

HORIZONTAIS: 1 - Aveiro. Daga. 2 - Aira. Reimas. 3 - Rs. Roçara. 4 - Hamadá. Odré. 5 - Uro. Não. 6 - Sarrafos. It. 7 - Tarara. VA. 8 - Ares. Lear. 9 - Iama. Or. 10 - Sor. Remara. 11 - Aportares.

VERTICAIS: 1 - Aarhus. Assa. 2 - Visara. Op. 3 - Er. Morteiro. 4 - Iara. Rasa. 5 - Odiar. 6 - Orça. Falara. 7 - Ea. Mor. ER. 8 - Diro. Samolé. 9 - Amado. Eras. 10 - Ca. Raiva. 11 - Assentarias.

PROVÉRBIO: CADA ASNO TEM SEU IGUAL.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

DURO DE ROER
Filme de Bruce Malmuth
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

NA CORDA BAMBÁ
Filme de John Badham
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

UM CASO DE GUERRA
Filme de Patrick Duncan
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/6 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
FOGO MALDITO II
Filme de Tony Randel
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shaping Center de Lisboa
T. 691275
NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

DURO DE ROER
Filme de Bruce Malmuth
M/16 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

CANHÕES PERDIDOS
Filme de Bob Clark
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00,
21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6

FOGO MALDITO II
Filme de Tony Randel
Às 13.45, 15.45, 17.45,
19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7

UM CASO DE GUERRA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

CENAS DE LUTA DE CLASSES
EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

ATA-ME
Filme de Pedro Almodóvar
M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30,
21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10

ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marques de Tomar, 10 - T. 776098
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
GUERRA SEXUAL

Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
CORACÕES E ARMADURAS
Filme de Nicola Carraro
M/16 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
CANHÕES PERDIDOS
Filme de Bob Clark
M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00
e 21.30
SEM TEMPO PARA VIVER
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

Centro Comercial da Portela
T. 9434762
A ILHA DO TESOURO
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

POLÍCIAS AO ATAQUE
M/12 anos - Às 16.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
A NINI PREPAROU TUDO
Hard-core - 1.ª escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
CICLO TEMPO DO MUNDO
PORTUGUÊS
O CORTEJO HISTÓRICO
DE LISBOA/1947
Filme de António Lopes Ribeiro
LISBOA DE HOJE E AMANHÃ
Filme de António Lopes Ribeiro
Às 18.30
O COSTA DO CASTELO/1943
Filme de Artur Duarte
Às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
OS DEUSES DEVEM ESTAR
LOUCOS II
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00
e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35
T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
ENCERRADO TEMPORARIAMENTE

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Zalman King
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.15 e 21.45

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo
T. 541037

AUDITÓRIO 1
ROGER E EU
Filme de Michel Moore
M/12 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00,
20.00 e 22.00

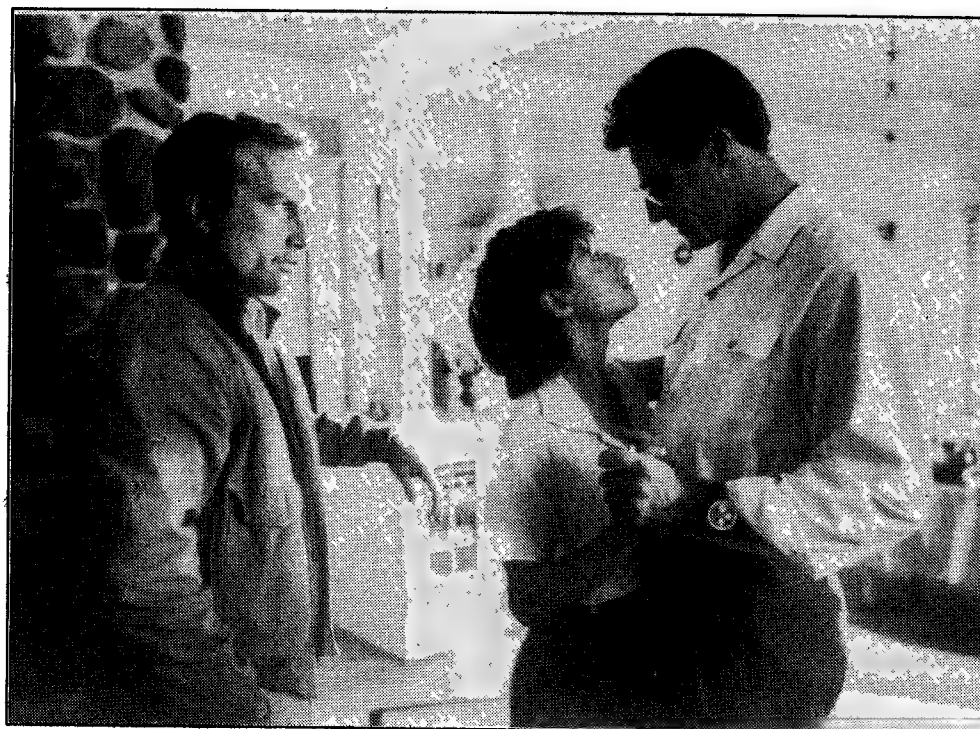
AUDITÓRIO 2
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 14.00, 16.30, 19.15
e 21.45

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques -
T. 3525133
NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes, 8 - T. 8480808
A GUERRA DAS ROSAS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30
e 21.30



«Sempre», a mais recente longa-metragem de Steven Spielberg, em exibição actualmente em Lisboa

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

CANHÕES PERDIDOS
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

OS DELINQUENTES
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

ATA-ME
Filme de Pedro Almodóvar
M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
ATA-ME
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

DURO DE ROER
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
AS PAIXÕES DE BRIGITE
M/18 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA

Rua das Condições, 13 - T. 325309
TERNAS CARÍCIAS
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade T.606847
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 13.45, 16.15, 18.45,
21.15 e 23.45

PLAZA 2

ASTÉRIX E A SURPRESA DE CÉSAR
Para todos - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º Antão - T. 326305
DURO DE ROER
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
AS MINHAS NOITES SÃO
MAIS BELAS QUE AS VOSSAS
Filme de Andrzej Zulawski
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2

ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3

COOKIE
M/12 anos - Às 15.00, 16.45,
18.30, 21.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 4

UM BAR CHAMADO
BLUE WATER
Filme de Peter Masterson
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175
T. 579144
NA CORDA BAMBÁ
M/12 anos - Às 15.30, 18.30
e 21.30

SÃO JORGE 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.15
e 21.45

SÃO JORGE 3

DURO DE ROER
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
DURO DE ROER
M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
CANHÕES PERDIDOS
Filme de Bob Clark
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00 e 21.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telef. 2752127
DURO DE ROER
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9147570
OS DEUSES DEVEM
ESTAR LOUCOS II
Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
Sala 1
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15
Sala 2
O JOVEM EINSTEIN
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30
Sala 3
COOKIE
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATROS

LISBOA

A BARRACA (Cinearte)

Largo de Santos, nº 2 - T. 3965360
De 3ª a Dom. às 21.30
Dom. às 16.00
O BAILE
De Helder Costa

COMUNA

P. de Espanha - T. 7260818
De 3ª a Sáb. às 21.30
Dom. às 17.00
SALA NOVA
O ESTRANGEIRO EM CASA
De Richard Demarcy

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45
Domingos e Feriados, também às
16.00
VITÓRIA VITÓRIA
De Henrique Santana, Francisco
Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth
Fernandes
e Fernando Ribeiro.

RITZ CLUBE

R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

TEATRO ESPAÇO

VARIEDADES

Parque Mayer - T. 320000
De 3ª a Domingo às 21.30
Domingos e Feriados também às
16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
Versão livre de Henrique Santana

RÁDIO

ANTENA 1

Desdobramento em Onda Média -
Emissoras do Litoral - e 99.4 em FM -
Zona de Lisboa

10.00: Diapostivo - RDP Centro; 14.00:
O Linho e a Seda; 15.00: Praça dos
Sons; 17.00: Antena 1 - Regiões; 17.15:
Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/17; 17.00: Sete
Mares; 19.00: Informação e Música;
20.00: No Estúdio e no Estádio; 20.15:
Musical; 20.30: A Voz da
Solidariedade; 21.00: Diálogo - João
Coelho; 21.30: Imaginário. Notícias
de hora a hora.

Antena 2

FM 2 - Estéreo

17.30: Quarteto de Cordas em Fa
Maior Op. 18 N.º 1 de Beethoven pelo
Quarteto Meles; 18.15: Ângulos e
Reflexos; 19.00: Integrais - As sonatas
para violino e piano de Beethoven;
19.25: Álbum Musical. Obras de Wag-
ner, Mozart, Carl Maria von Weber,
Debussy, Glinka, Mahler, Villa Lobos,
Puccini e Verdi; 20.10: Álbum
Musical (cont.); 20.45: Esta Madrugada
na Antena Dois; 21.00: Concerto
Sinfónico; 22.00: Concerto Barroco:
George Frideric Handel; 23.00:
Eurorádio - O Festival de Helsinki
de 1989, em gravações cedidas pela
Rádio Finlândia; 23.45: Obras da 1.ª
metade do século XX: Alban Berg
(1885-1935); 02.00: Até às 08.00 horas
Música na Madrugada em Disco
Compacto. Notícias de hora a hora.

COMERCIAL

Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; 17.00:
Contacto; 19.00: Jornal; 19.30: Quanto
o Telefone Toca; 20.00: Praça de Táxis;
21.00: Pela Estrada Fora; 22.00: Religio-
sios; 22.15: Desporto; 23.00: 24ª Hora.
Notícias de hora a hora.

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

- 09.00 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
Inclui: «Os Marretinhas»
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - DALLAS
14.15 - ROTAS DO EXTREMO OCIDENTE
1.º episódio - O Algarve, com toda a sua tradição de velhos centros urbanos e piscatórios, os pequenos «mistérios» das artes e ofícios, as aves, a serra, as salinas e a areia das enseadas recônditas, é o tema deste documentário.
14.40 - GARY MOORE: EMERALD AISLES
16.05 - PAIS E FILHOS
17.10 - O MUNDO ANIMAL
17.35 - BRINCA BRINCANDO
18.35 - OS MARRETINHAS
19.00 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.15 - RODA DE FOGO
21.10 - CLUBE DOS SUBSCRITORES
21.35 - PRIMEIRA PÁGINA
22.35 - SARACEN
23.35 - 24 HORAS
00.10 - REMATE

RTP-2

- 14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - ESPAÇO INFANTIL
«O Mundo de Jorge»
14.45 - FILHOS E FILHAS
15.10 - AGORA ESCOLHA!
Bloco A: «Alf»
Bloco B: «O Justiceiro»
16.30 - OS NOVOS CAÇA-FANTASMAS
17.00 - JOGOS DA AMIZADE/1990
18.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
«Paulus o Duende»



Gary Moore, às 14.40, na RTP-1

«Lucas o Filho»
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMADOIS
«Um Casamento»
Com aquele olhar cáustico sobre a América que caracteriza os melhores momentos do seu Cinema, Robert Altman filma aqui o casamento enquanto ritual. No dia do casamento de dois jovens oriundos de famílias com estatuto burguês recentemente adquirido, o novo-riquismo dá o tom aos comportamentos e faz estalar o verniz quando menos se espera. Entre as cenas que se repetem inevitavelmente por ocasião do sagrado cerimonial e outras encenações, menos edificantes mas bastante reveladoras, «Um Casamento» contribui, apesar dos evidentes desníveis narrativos que o atravessam, para o retrato mordaz de uma certa América. Mais do que um filme de autor, «Um Casamento»

é acima de tudo um filme de actores e personagens.
Um filme de Robert Altman, com Carol Burnett, Desi Arnaz Jr., Amy Stryker, Vittorio Gassman, Geraldine Chaplin, Mia Farrow, Lillian Gish, Lauren Hutton, Paul Dooley.
Fotografia: cor.
Duração: 125 minutos.
23.50 - UNIVERSIDADE ABERTA
00.30 - ENCERRAMENTO DA EMISSÃO

AMANHÃ

RTP-1

- 09.00 - ABERTURA
09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - JORNAL DA TARDE
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - CLÍNICA GERAL
14.20 - ESTRADA LARGA
14.50 - MEATLOAF

BAD ATTITUDE LIVE

- 15.45 - A CASA DE IRENE
16.15 - ACÇÃO FM MIAMI
17.05 - O MUNDO ANIMAL
17.30 - BRINCA BRINCANDO
18.45 - OS MARRETINHAS
19.10 - JOGO DE CARTAS
19.30 - TELEJORNAL
20.00 - BOLSA DIA A DIA
20.05 - O TEMPO
20.10 - DIREITO DE ANTENA: PSD
20.25 - BOLETIM AGRÁRIO DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA
21.30 - RODA DE FOGO
21.25 - VAMOS JOGAR NO TÓBOLA
21.45 - LOTAÇÃO ESGOTADA - MÚSICA PELO CAMINHO
«Honey suckee Rose»
24.00 - 24 HORAS
00.35 - REMATE

PARABÓLICAS ALBA

- Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
- LNB com polarizador incorporado.
- Receptor estereofónico com 16 canais memorizáveis.
- Telecomando infravermelhos com todas as funções.

Poder de captação:

- Actual: 8 canais
- A partir do final do ano: 24.

Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

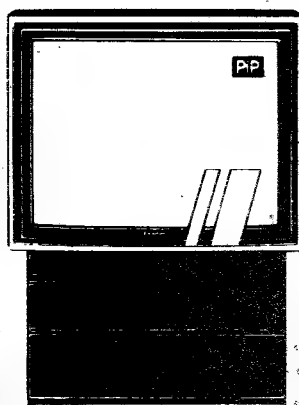
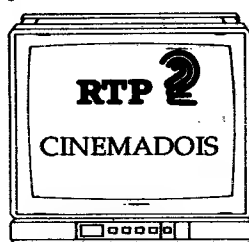
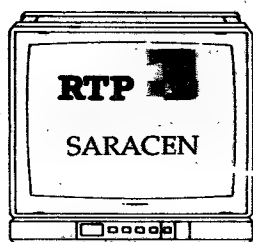
AUDIMAX T. 4106275 Algés

RTP-2

- 12.00 - MIRA RÁDIO
14.00 - ABERTURA
14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.30 - ESPAÇO INFANTIL
«O Mundo de Jorge»
(37.º Episódio)
14.45 - FILHOS E FILHAS
(518.º Episódio)
15.10 - AGORA ESCOLHA!
Bloco A: «Brigada Especial»
Bloco B: «Ilha da Fantasia»
16.30 - O LICEU DEGRASSI
(15.º Episódio)
17.00 - JOGOS DA AMIZADE/1990
18.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
(155.º Episódio)
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
«Paulus o Duende»
«Os Amigos de Gaspar»
(15.º Episódio)
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco» (7.º Episódio)
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - VAN GOGH
(4.º e último Episódio)
22.25 - SERVIÇOS SECRETO AMERICANOS
(3.º Episódio)
23.35 - MANHATTAN TRANSFER
00.50 - ENCERRAMENTO DA EMISSÃO

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

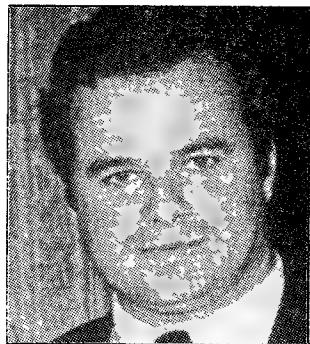




«Em 19 de Julho de 1987 Portugal acedeu finalmente à plena normalidade democrática»

Cavaco Silva, «Sábado», 20.07.90

A PERGUNTA DO DIA



Macário Correia
secretário de Estado
do Ambiente

O novo Código da Publicidade, aprovado na semana passada, vai ser mais restritivo do que o anterior em casos de transgressão, nomeadamente no caso da publicidade enganosa?

«O Código de Publicidade que o Governo acaba de aprovar transpõe para a nossa ordem jurídica interna uma Directiva sobre publicidade transfronteiriça (89/552/CEE), harmoniza a Convenção Europeia sobre a Televisão sem Fronteiras e transpõe a Directiva sobre publicidade enganosa (84/450/CEE).

O regime jurídico agora aprovado, defende melhor o consumidor e torna mais claras e restritivas as regras do jogo quanto à publicidade enganosa, até agora entre nós apenas abordada no Decreto-Lei 303/83.

No novo diploma é proibida, por questões de princípio, toda a publicidade enganosa. O anunciante é obrigado a apresentar provas de exactidão material dos dados de facto contidos na publicidade, sob pena de sanções a serem instruídas pelo Instituto Nacional de Defesa do Consumidor em nome do interesse público.

Qualquer cidadão que se sinta enganado, relativamente a mensagens publicitárias que não traduzam a verdade, quanto a bens e serviços, deve disso dar-nos conhecimento, no seu próprio interesse.»

Quarta-feira no

Diário de Lisboa

Carlos Pinto
fala da Covilhã
e do PSD

Música
em tempo de Verão

Cartoon
de Pedro Palma

«A couve
portuguesa»
por Mário Murteira

ENTREVISTA

Tété, a mulher palhaço, formou-se com os grandes mestres de circo e andou muitos anos pelo país fora com as companhias itinerantes. Hoje, os seus esforços concentram-se sobretudo no Chapitô, um projecto cultural, um espaço de alto risco...

«A cultura é uma peça só»



Francisco Paraiso

D.L. - Teve alguma preparação especial para ser palhaço?

T. - Estive muitos anos em França, estive no circo, estive em algumas escolas, mas a minha formação resulta, sobretudo, da experiência directa com os velhos mestres de circo.

D.L. - Teve que ir para França porque em Portugal não havia nada?

T. - Sim, mais ou menos, não havia grande coisa. Em França, tentei passar pela formação clássica e fixei-me em Portugal, a seguir ao 25 de Abril, com o mestre Luciano.

D.L. - Andou pelo país fora, com o circo itinerante?

T. - Andei durante muito tempo, e foi aí que me comecei a aperceber das dificuldades de vivência e de sobrevivência da malta do circo, daquilo que era importante fazer e das integrações que o artista de circo tem que ter, lado a lado com as outras artes. Foi aí que surgiu a proposta da criação de um departamento de circo na Secretaria de Estado da Cultura, que não foi para a frente por razões óbvias para alguns, mas muito pouco óbvias para mim. Aquilo que eu sei resulta da experiência directa, não fui ler em livro nenhum. Vivi, pensei, programei, juntei-me com pessoas que tinham uma formação diferente da minha, as quais me levaram a pensar no projecto, na sua globalidade.

D.L. - Conhece mais mulheres-palhaço?

T. - Conheço algumas mulheres de circo. Na minha especialidade, que é a de faz-tudo - eu sou mesmo uma intervaleira - não há muitas. Há, sim, muitas mulheres-palhaço que fazem parilha com palhaços.

D.L. - O Chapitô é mais conhecido do público pelo bar e pelo restaurante. No entanto, é muito mais do que isso...

T. - É um projecto muito mais vasto, é um espaço de encontro, de reencontro encantado com a vida, tanto quanto possível, é um espaço de grandes cruzamentos, de altos riscos e onde há a Escola Profissional de Artes e Ofícios do Espectáculo, que vai começar a funcionar em Setembro, um espaço para os mais pequeninos aqui do bairro, uma biblioteca, uma tenda de circo... São diferentes valências que este projecto integra.

D.L. - Sei que o Chapitô resulta de uma luta de muitos anos...

T. - É verdade, mas está feito e agora é de quem o apanhar!

D.L. - E é difícil de apanhar todos os dias?

T. - É complicado porque é um projecto ousado, que se pretende integrado e muito polivalente. De qualquer modo, só assim é que eu entendo a cultura, como uma peça só e não como situações espartilhadas.

D.L. - Toda a gente a conhece como Tété, a mulher-palhaço. Não acha que seria mais adequado Tété, a animadora cultural?

T. - Não. Um palhaço é um animador cultural. Um animador cultural é uma pessoa que existe e que está atenta à vida. Um médico, pode ser um excelente animador cultural.

D.L. - De qualquer modo, é uma actividade que vai muito além do trabalho como palhaço...

T. - Vai, vai. É um espaço muito lato. Eu como artista, tenho uma sensibilidade para a área da animação, porque entendo que um artista tem que ser uma animadora exímia. Mas isto é válido tanto para um artista como para um ministro ou um médico. A animação cultural é conviver com as pessoas, estar atenta a elas e reconhecê-las como elas são.

D.L. - A escola profissional está a ter uma grande procura?

T. - Estamos a ter bastantes inscrições, tanto para o curso de expressão circense como para o de ofícios do espectáculo, ambos com duração de 3 anos.

D.L. - Tradicionalmente, o circo é algo que passa de pais para filhos, não se aprende em escolas...

T. - Eu tenho muito respeito pela tradição, e a base tradicional circense existe sempre. Porém, há que inová-la, dar espaço às pessoas novas. Hoje em dia, os filhos já não estão tão interessados em seguir o circo, porque não lhes dá rentabilidade, e estão a surgir outras pessoas interessadas em ter acesso a essas técnicas. A escola é uma forma de abrir o circo a outras pessoas, de o inovar, de o dignificar e de outras áreas perceberem que as técnicas circenses são fundamentais.

D.L. - E já perceberam?

T. - Estão a perceber. O trabalho destes 15 anos tem sido um pouco matracar as cabeças das pessoas, não é por acaso que as pessoas se interessam e se começa a falar do circo de uma forma mais digna, mais formativa, mais educativa.

D. S.



Nuno Bragança do fim do mundo

O que é um livro póstumo? O manuscrito descoberto na casca da arca? O texto retido pelo autor? Eliminado, adiado, adiado a prazo? Ou, escrito, esquecido; perdido, achado? Uma jovem narrativa, um acaso de inspiração? Um acidente literário, (auto)biográfico?

A edição da novela do malogrado Nuno Bragança, «Do fim do mundo», publicada há pouco por O Jornal, não desvenda nem história de origem, nem topologia, nem cronologia entre outras obras, do magnífico e não esquecido autor de «A Noite e o Riso», «Directa», sem falar de outros trabalhos e crónicas invulgar.

No início como que hesita: quer e não quer contar. Desvia e atrasa o episódio do triângulo de pessoas atípicas cujo tempo se situa entre 1 e 13 de Junho, cujo lugar é entre Lisboa e a Linha (*). Estranha aventura, luminosa por momentos, sedutora por outros, sem convenção estabelecida sempre por outras, sem convenção estabelecida por outras, mascarada anti-socialmente, mas levando nos rostos também outras máscaras, de caça submarina. A água, aqui o elemento decisivo de vida e de morte. As acções dessas 80 páginas são febris; porém, permanece uma força serena, qual eternidade pequena.

Surpreendente, o espaço criado e liquefeito dessa história pouco banal. O último terço do livro sugere um imaginário forte, sublime, entusiasmante, capaz de suspeitar outra leitura possível, uma autobiografia viabilizada, investida de sinais, espelhos, segredos.

A prosa, de nível raro, sem provincianismo explicativo, adquirindo um ritmo vertiginoso quando... abruptamente acaba. Para os admiradores de Nuno Bragança absolutamente óbvio. Para os neófitas, talvez não o primeiro livro do autor a ler... mas quem sabe.

Jorge Listopad

(*) O Diário de Lisboa entra na prosa. O herói lê-o no comboio da praxe e esconde-se atrás das suas páginas, observando o quê? Não digo.



A.M.A. Auto Monumental de Arquivo

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

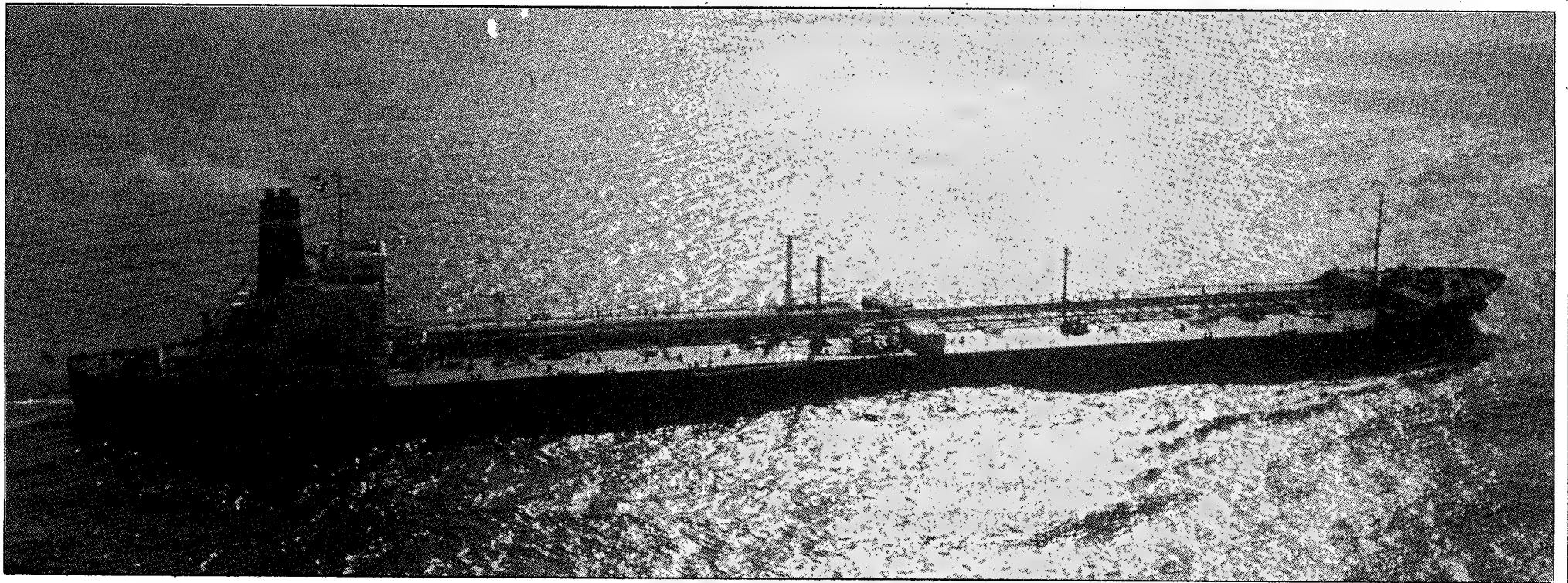
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telef. 894185/6/7/8

1000 LISBOA

Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

Diário de Lisboa



Identidade nacional passa, também, pela Marinha Mercante

A Marinha Mercante portuguesa quer as condições necessárias para poder cumprir a vocação marítima de Portugal. Num momento em que se faz sentir um aumento da actividade do transporte marítimo internacional, ela passa por problemas que impedem a sua modernização e desenvolvimento, o que leva Gonçalves Viana, vice-presidente da Câmara dos Armadores, a desabafar: «Dizer que somos um País marítimo é pura conversa»

Portugal perde-se se perder o mar

Numa altura em que as marinhas mercantes de todo o mundo se reforçam, em resultado do aumento do comércio internacional, a portuguesa passa por momentos de angústia, com falta de meios e de condições para se modernizar, ampliar e poder cumprir com êxito a vocação marítima de um País que, segundo Gonçalves Viana, vice-presidente da Câmara Portuguesa dos Armadores da Marinha Mercante, está em risco de perder a sua identidade nacional se a situação não for radicalmente alterada.

«Dizer que somos um País marítimo é pura conversa», desabafa Gonçalves Viana ao analisar a situação da Marinha Mercante portuguesa, a qual, após a sua reestruturação

empresarial, agora a ser reforçada com as privatizações, aguarda a definição de uma política marítima nacional que lhe proporcione a possibilidade de se fortalecer, de forma a poder competir no mercado internacional.

Na verdade, os armadores estão conscientes de que a globalização dos mercados e o fim dos modelos proteccionistas inviabilizaram a exploração de navios apenas na base do comércio externo de cada país. Presentemente é necessário ser-se competitivo para se sobreviver.

E esta competitividade tem a ver com as facilidades dadas ao registo de navios, à política fiscal, diminuição dos custos de operação e pela eficiência técnica, as duas últimas limit-

adas por uma legislação laboral ultrapassada e pela falta de pessoal nacional qualificado.

Com apenas 72 navios (capacidade de carga de 500 mil toneladas), Portugal está longe de poder cumprir a sua vocação marítima. Veja-se que a Espanha, que ocupa o 28º lugar no ranking mundial, dispõe de 410 navios, com uma capacidade de carga de três milhões de toneladas.

A resolução dos seus problemas, como referimos, passa igualmente pela recuperação do registo tradicional, mesmo que em detrimento do registo da Madeira, o qual é equivalente a uma «bandeira de conveniência».

Págs. 4 e 5

Tabaqueira
não vai ser
privatizada

Pág. 2

Estabilidade
e jogos
estratégicos
- o comentário
de Geraldo Dias

Pág. 3

Novo parque
da Petrolgal
para fornecimento
de gás propano

Pág. 6

Vinho do Porto:
a promoção
da qualidade

Pág. 7

Cooperativismo
habitacional
acusa o Governo

Pág. 8

AGROPROMOTORA

CONCEPÇÃO, CONSTRUÇÃO E EQUIPAMENTO DE UNIDADES AGRO-INDUSTRIAIS
PROJECTOS E ESTUDOS DE VIABILIDADE TÉCNICA E ECONOMICA PARA A AGRO-INDUSTRIA

RUA CARDEAL MERCIER, 29-1 — TELEF. 73 51 35 — TELEX 42 729 — TELEFAX — 7935417 — 1600 LISBOA

Santander domina semana bolsista

O reforço do domínio dos espanhóis do Banco de Santander sobre o Banco de Comércio e Indústria dominou a última semana bolsista. Realizada na Bolsa do Porto, a operação pela qual o Santander adquiriu a posição da Riopel no BCI contribuiu com quase sete milhões de contos para o total do volume de negócios da praça nortenha, o qual ascendeu a 14,9 milhões de contos e implicou a mudança de mãos de 5,4 milhões de títulos.

A transacção destes "papéis" nos diversos segmentos do mercado bolsista concentrou-se em poucas operações. Além da referida operação que envolveu o BCI, as principais corresponderam à venda de 273 mil acções BCP-nominativas, 385 500 acções da Transinsular (realizada no mercado não-oficial) e ainda, no mercado obrigacionista, 600 mil "FIP/89" e 550 mil "Tesouro Capitalização Automática".

Em Lisboa, e na ausência de grandes operações como as referidas no Porto, movimentaram-se 8,9 milhões de contos, o que representou um acréscimo de 17 por cento em relação à semana anterior, correspondentes à transacção de 3,7 milhões de títulos, mais 400 mil.

Se foram as acções os títulos que mais dinheiro movimentaram (3,57 milhões de contos contra 2,1 das obrigações), foi, contudo, no mercado obrigacionista que mais "papéis" se transaccionaram: 2,1 milhões contra um nas acções.

Na semana em referência, e em relação à anterior, trocaram-se mais 39 por cento de acções e menos 16 por cento de obrigações.

As principais transacções no mercado accionista foram as que envolveram os "papéis" do BCP-nominativas (298 mil), BCP-portador (84 mil), Luso-mundo (67 mil) e Sonae (42 mil). Nas obrigações destacaram-se os movimentos das "Capital BPI / 87", com a mudança de propriedade de 350 mil.

«DL»/Lusa

Governo regulamenta gestão de mão-de-obra portuária

O Governo regulamentou os organismos de gestão de mão-de-obra portuária. Segundo portaria, agora publicada, estes organismos prosseguem, com carácter de exclusividade em cada porto, a gestão dos trabalhadores portuários, a qual engloba a admissão, inscrição e identificação dos mesmos.

Esta iniciativa legislativa regulamenta a distribuição e o pagamento aos trabalhadores portuários do contingente comum, o registo dos operadores portuários e a avaliação, em função das previsões do tráfego, do desenvolvimento das infra-estruturas e da correcta perspectiva de utilização dos equipamentos.

A portaria atribui a estes organismos a incumbência de promover a formação profissional dos trabalhadores portuários, em cooperação com as associações sindicais, os operadores portuários e quaisquer entidades, nacionais ou estrangeiras.

Para prosseguirem os seus objectivos, os organismos de gestão da mão-de-obra portuária ficam obrigados ao cumprimento integral da legislação e instrumentos de regulamentação colectiva de trabalho portuário, em particular as condições e estipulações estabelecidas por convenção entre as associações sindicais representativas dos trabalhadores e as entidades representativas dos operadores.

O documento regula também a prestação de informação à Administração Pública por estes organismos, bem como a sua intervenção do que respeita à disciplina, medicina, higiene e segurança no trabalho e à atribuição da carteira profissional.

«DL»/Lusa

A política de formação é vitória do diálogo

Uma nova dinâmica dos Centros de Emprego e uma formação adequada às necessidades portuguesas são factores salientados pelo ministro Silva Peneda

«Quando falo em política de formação profissional, falo no consenso entre todos os parceiros sociais, da vitória do diálogo e da concertação sobre a confrontação», afirmou o ministro do Emprego em recente conversa com os jornalistas a propósito da inauguração do Centro de Emprego de Torres Vedras.

Silva Peneda considerou, então, que «só desta maneira 800 mil portugueses poderão, nos próximos quatro anos, beneficiar de uma formação profissional, atendendo às características muito especiais do povo português».

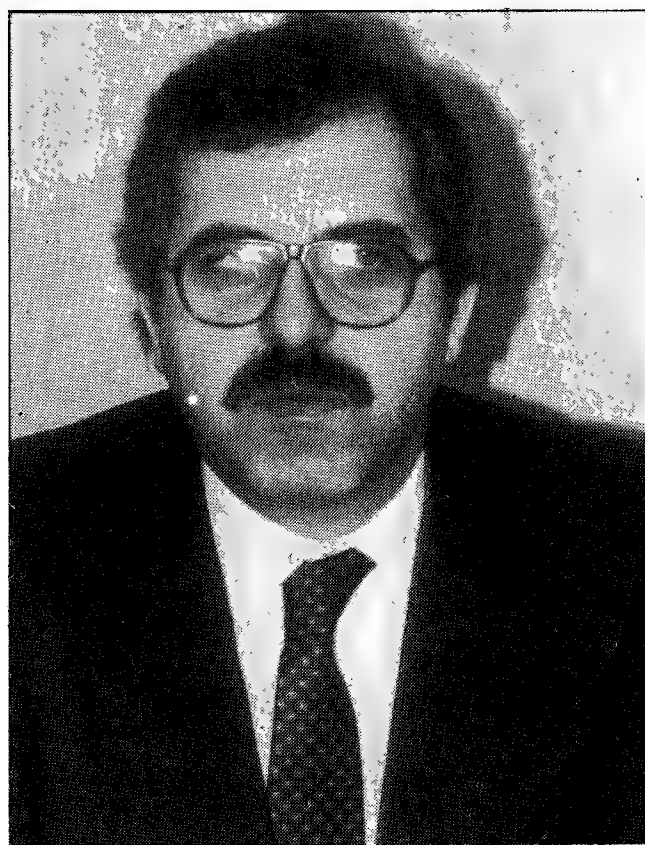
Disse também que os Centros de Emprego vão ser agora chamados a uma acção mais dinâmica no âmbito da política global de formação profissional, deixando de ser «meras repartições em atitude passiva e passando a ter um papel importante na análise prospectiva da política de formação profissional».

Silva Peneda afirmou ainda que a nova política de formação é desenhada com

preocupações de natureza local e regional. E explicou: «O País não é uma tábua rasa onde se aplica o mesmo tipo de instrumentos com a mesma graduação em todos os pontos do território. Assim, terão necessariamente de existir actuações diferentes, dadas as características específicas e variáveis de zona para zona».

O ministro do Emprego considerou que uma das grandes vantagens da reforma da formação consiste no facto de Portugal ter deixado um tipo de política executada de uma forma standardizada por toda a Europa comunitária, passando a ter em conta as características próprias do tecido produtivo português.

Quer isto dizer, considerou Silva Peneda, que «deixámos o pronto-a-vestir e enveredámos pelo fato por medida e, como é evidente, é a qualidade e a competitividade do nosso tecido produtivo que fica a ganhar, é o País que dá o salto em frente no horizonte europeu».



Silva Peneda: «Deixámos o pronto-a-vestir»

Tabaqueira vai continuar nas mãos do Estado

O secretário de Estado Elias da Costa salienta a «participação preciosa» da empresa no OGE e revela a intenção de a transformar em sociedade anónima

A privatização da Tabaqueira não está nos horizontes do Governo, assegurou o secretário de Estado responsável pelo processo das privatizações, Elias da Costa, durante a visita que realizou a esta empresa na qualidade de representante do accionista Estado. Na altura esclareceu que esta situação é partilhada ainda pela Caixa Geral de Depósitos e pelo Banco de Fomento e Exterior.

No caso particular da empresa visitada, Elias da Costa acrescentou que o Conselho de Ministros não levantou a probabilidade de a privatizar num futuro mais distante.

Este responsável governamental realçou então as «potencialidades sociais e económicas da Tabaqueira», a propósito do que referiu a sua «participação preciosa no Orçamento do Estado». No ano passado, esclareceu, a empresa «rendeu» à tutela 75 milhões de contos.

A propósito da intenção do Conselho de Gerência em querer a empresa dotada de um estatuto de socieda-

de anónima (SA), em vez do actual de empresa pública (EP), Elias da Costa afirmou a: «Não tenho fixada nenhuma data, dado que actualmente não me faz grande diferença que a Tabaqueira seja SA ou EP».

Para o presidente do CG, Lucena e Vale, a passagem a SA permitirá um «maior poder negocial e a aquisição de maior performance, dado que vai possibilitar uma maior flexibilização, libertando a empresa das teias burocráticas».

«Injustiça» e diversificação

Elias da Costa considerou que a Tabaqueira está a ser afectada pelas restrições publicitárias, o que a leva a sofrer uma «concorrência desleal», visto que, na sua opinião, as mesmas limitações não estão a ser rigorosamente aplicadas às empresas estrangeiras que operam no sector dos tabacos.

Dado que, disse, o Ministério do Ambiente está a analisar a situação e a tentar

encontrar um ponto de equilíbrio, «esta situação tem os dias contados».

A empresa prepara-se, entretanto, para materializar uma estratégia de desenvolvimento, que passa pelo reforço das suas participações em algumas das empresas dos sectores agro-alimentar e financeiro e no lançamento da sua expansão para a África de expressão portuguesa.

Para a concretização desta estratégia, a Tabaqueira investirá quatro milhões de contos até ao final do ano em curso.

Lucena e Vale afirmou que poderá criar uma única empresa para agrupar as participações detidas na área agro-alimentar. Neste sector, a EP comprou recentemente a firma algarvia Eurocampina, que juntou à empresa Mols e aos 41 por cento que detém na Compal.

Na área financeira, e depois de ter aumentado a sua participação na União de Bancos Portugueses de 15 para 22 por cento, os planos da empresa incluem a participação em uma seguradora e,

ainda que de forma indirecta, via UBP, em sociedades parabancárias, como as de *leasing*.

Por fim, o reforço da expansão externa passa pelo desenvolvimento da presença nos mercados africanos referidos, onde já possui 90 por cento do angolano e 70 por cento do moçambicano.

Está prevista, por outro lado, a concentração das actividades em Albarraque e a desactivação da unidade de Cabo Ruivo, onde são produzidos cigarros sem filtro e cigarrilhas.

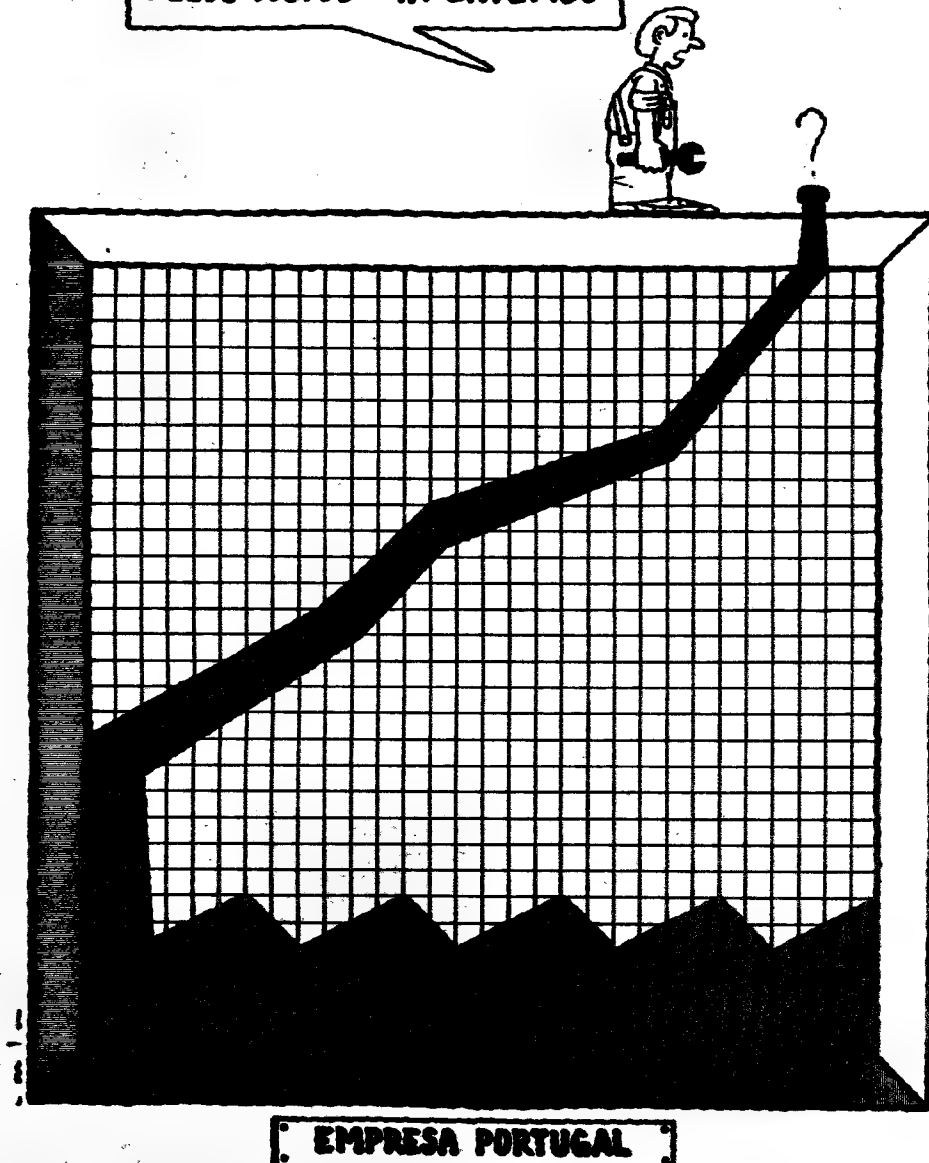
A Tabaqueira apurou quatro milhões de contos de resultados líquidos no exercício de 1989, mais três milhões que em 1988, para um total de vendas de 102 milhões de contos, que correspondeu a um acréscimo de 10,7 por cento.

Para o ano em curso, as previsões apontam para vendas de 115 milhões de contos e resultados líquidos de cinco milhões.

«DL»/Lusa

ECONOMIA

PELOS VISTOS 'TÁ ENTUPIDO



Para onde vão as ajudas comunitárias?

Atravessamos uma época em que Portugal, finalmente, começa a ter consciência que tem de se abrir ao comércio internacional. No entanto, os empresários portugueses ainda continuam a pedir ao Estado não só apoios e ajudas, como também algum protecçãoismo, o que não deixa de ser uma contradição. Há quem defenda, nesta altura em que estamos a trabalhar para abrir as fronteiras à Europa económica, o papel paternalista do Estado.

Está provado, ao longo dos últimos anos, que o empresário português necessita de um estímulo a seguir o caminho da competitividade, da inovação e do risco.

Por outro lado, com as novas perspectivas, Portugal necessita de empresários com visão estratégica moderna, que possam garantir a competitividade das empresas face ao mercado europeu.

Os fundos comunitários

Com a entrada de Portugal na CEE, este País teve acesso a alguns apoios, fundos comunitários e linhas de crédito vantajosas com o objectivo de modernizar a sua economia.

Não é em vão que tal acontece. Entre Portugal e os restantes países comunitários, com excepção da Grécia, existe um fosso económico muito grande e que há necessidade de atenuar.

Não há que deturpar as coisas. Portugal necessita de investimentos viáveis e de injeccões de capital, para a sua integração efectiva na Comunidade Europeia.

Se as empresas souberem aproveitar bem esta oportunidade, sem desviar os dinheiros que recebem, como se verificou com algumas verbas do Fundo Social Europeu, terão a oportunidade

de assistir à dinamização e desenvolvimento da economia portuguesa.

Independentemente de quem está no poder político, estas directrizes vão ser seguidas durante os próximos anos. No entanto, se existe vontade por parte do poder político de terminar com o protecçãoismo às empresas, começa a verificar-se uma certa dependência de Portugal em relação à Comunidade, com o perigo de sentir um certo tom paternalista nestas relações.

Que sectores a ajudar?

Os programas comunitários para a indústria, até agora, estão restritos aos sectores de actividade incluídos nas divisões 2 e 3 da Classificação de Actividade Económica (CAE). Isto é, respectivamente, às indústrias extractiva e transformadora.

Por outro lado, todos os apoios e linhas de crédito no âmbito do IAPMEI restringem-se a estas indústrias. Inclusive, o conceito que este organismo dá de pequena e média empresa restringe-se às que exercem actividades predominantemente extractivas e transformadoras.

De facto, torna-se estranho este conceito, pois suscita dúvidas quanto a saber se existem ou não pequenas e médias empresas noutros sectores de actividade.

Com o fim de alargar estes fundos a outros sectores, está em negociação o alargamento destas ajudas à actividade comercial, nomeadamente às empresas incluídas nas classes 610 (comércio por grosso) e 620 (comércio a retalho) do CAE.

A actividade comercial já entra no âmbito do IAPMEI, uma vez que este Instituto beneficiou de algumas alterações

e passou a ser de apoio ao investimento e não exclusivo à indústria.

Assim, a indústria tem uma série de ajudas e programas específicos, como o SIBR e o PEDIP. O comércio irá ter as suas ajudas, que ficarão definidas até final do corrente ano.

No entanto, alguns problemas ainda se levantam às empresas portuguesas que tentam candidatar-se a estes programas.

As condições gerais de acesso são, basicamente, a ausência de dívidas ao Estado, ter contabilidade organizada e a empresa ser viável económica e financeiramente.

De facto, a realidade é outra quando se chega à conclusão de que o grau de descapitalização das empresas portuguesas não permite, na sua maioria, que se candidatem a estes programas.

Pelas listagens de empresas que beneficiaram até agora de ajuda comunitária pode-se verificar que a sua grande maioria são grandes empresas financeiramente equilibradas, ou até empresas estrangeiras, que apenas se candidatam a estes fundos perdidos não por necessidade, mas como mais uma forma de investimento.

Tem que se dar uma oportunidade às empresas nacionais no sentido de lhes dar força para enfrentarem a concorrência do Mercado Único e, simultaneamente, terem a oportunidade para contribuir para um aumento positivo da economia portuguesa.

Tal como estão estruturados os programas de incentivos para a indústria, existem sérias dúvidas que possam ser atingidos os objectivos que lhes estão subjacentes.

Isabel Braz

COMENTÁRIO

Estabilidade e jogos estratégicos

O Estado tem um papel importante na definição das regras a partir das quais os diferentes agentes económicos avançam os seus jogos estratégicos. A autonomia relativa de que dispõe dota-o de uma centralidade particular e a qualidade da sua actuação permite estabilizar a entropia dos cenários previsíveis.

Algumas dimensões do meio futuro preocupam particularmente os agentes económicos. A qualidade das respostas depende do seu posicionamento e relacionamento estratégicos. Por outro lado, é condicionada por opções de sociedade e decisões a nível do Estado.

O Estado vê-se confrontado com tomadas de posição decisivas a nível das modalidades de inserção internacional, da gestão da relação salarial, das formas de concorrência, da gestão da moeda, das formas da sua intervenção na economia. Mas o Estado não decide sozinho sob pena das resoluções não serem implementadas. A capacidade para, por exemplo, flexibilizar a relação salarial envolve, de facto, os parceiros sociais. Num Estado democrático a sua actividade racionalizadora precisa de outros centros autónomos de racionalidade.

Os agentes económicos esperam do Estado que ele decida num conjunto de domínios que eles tratam como variáveis incontrolláveis. É a esse nível que a capacidade de regulação estabilizadora se coloca. Por exemplo, num futuro previsível, qual vai ser a atitude do Estado face à descentralização territorial? Os agentes económicos movem-se dentro de quadros de referência que lhes permitem conhecer as restrições sob as quais maximizam os seus objectivos.

A evolução tecnológica, a flexibilidade do mercado de trabalho e sistema de emprego, a interdependência económica são coisas que preocupam os agentes económicos e em relação às quais esperam do Estado políticas adequadas. É a nível da adequação dessas políticas que se joga a estabilidade. Num contexto de mudança os agentes económicos inovam constantemente e se o Estado tem dificuldades em colocar os problemas no seu quadro concreto perde a capacidade de definir os pontos-chave para que está vocacionado.

É porque o Estado tem dificuldade em obter por si próprio uma informação fina sobre os mercados que ele não se pode substituir aos actores apesar de toda a gama incomensurável de recursos que detém. Num contexto externo/interno cada vez mais complexo o funcionamento da comunicação Estado/actores aparece como *handicap* de *performatividade* num tempo em que a mesma anda estritamente associada à governabilidade.

Governabilidade que se joga nas instâncias e procedimentos legítimos de um Estado democrático. É isto que permite que a *performatividade* não tenha que assumir carácter de consensualidade. Ao Governo é dada capacidade de governar, estabilizar a entropia dos acontecimentos sem dramatizar, defendido pela estabilidade de um Estado democrático, ancorada na alternativa de poder que é o seu garante último.

Cremos poder concluir que a estabilidade, no sentido que preocupa os agentes económicos, tem a ver com a capacidade do Estado em responder aos desafios emergentes, mobilizando os recursos de que dispõe e que, em última análise, essa estabilidade é assegurada pelas virtualidades do sistema político que produz alternativas de Governo.



Geraldo Dias

A modernização e desenvolvimento de uma marinha de comércio competitiva depende da realização de uma política Nacional que inclua «um conjunto integrado e coerente de medidas de apoio» para ultrapassar atrasos e minimizar prejuízos para a economia portuguesa

Armadores exigem uma política que lhes permita sobreviver

Os armadores portugueses reputam de urgente a definição de uma política marítima nacional, que seja conciliada com a evolução da política comunitária para o sector. O objectivo almejado é a criação de condições efectivas para a modernização e desenvolvimento de uma marinha de comércio nacional competitiva.

Dada a influência do sector, considerada «muito significativa», nos interesses económicos e na segurança nacionais, aquela política deveria estar integrada em um Projecto Nacional de Actividades Marítimas.

Atender às «alterações radicais» das regras do jogo é algo considerado indispensável àquela definição, consideram os armadores, que se reuniram em Junho passado para debater os seus problemas.

A globalização de mercados, que inviabilizou a exploração dos navios em âmbito estritamente ligado ao comércio externo de cada país, e o fim dos modelos proteccionistas, decorrentes da política de liberalização definida pela CEE, «reduziram» os armadores a apresentarem-se competi-

vos para sobreviverem.

O desenvolvimento de registos internacionais abertos e «segundos registos», com condições de enquadramento e de exploração mais favoráveis do que os das bandeiras tradicionais, foi uma das resultantes das tentativas de eliminar desvantagens comparativas. O êxodo dos navios dos registos tradicionais europeus para outros mais competitivos levou alguns países da Europa à criação deste tipo de registos, para travar a debandada dos seus armadores.

Segundo estes agentes económicos, o panorama descrito impõe o reconhecimento pelos governos que o transporte marítimo é uma actividade específica e extraterritorial; que o enquadramento da actividade tem de ser alterado; que não existe um mercado nacional distinto do mundial e que o enquadramento aplicável ao sector não pode ser comparado com outras actividades nacionais, mas sim com os diversos enquadramentos mais competitivos oferecidos, sem limitações, à escala mundial.

Os armadores pretendem uma «redução radical nos

custos de exploração» e consideram que «o desenvolvimento do sector, com bandeira portuguesa, só será possível se o tratamento fiscal das empresas não for penalizante, isto é, se for pelo menos equivalente ao praticado nas bandeiras mais competitivas, dentro e fora da Europa».

Questão de sobrevivência

Sugerem, por outro lado, uma lista de dez medidas, «a tomar imediatamente», «sob pena de se inviabilizar a marinha mercante portuguesa e reduzir a zero a seu registo tradicional».

Destas medidas, metade respeitam a isenções: de imposto sobre o rendimento relativo aos encargos inerentes a financiamentos externos para aquisição de navios e outro equipamento; da tributação sobre a mais-valia inerente à venda de navios; de tributação sobre lucros destinados a investimento; de IRS sobre a remuneração dos tripulantes de navios nacionais e dos direitos e emolumentos sobre as importações efectuadas por empresas transportadoras marítimas respeitantes a navios e restante equi-

pamento.

As outras são a flexibilização total na aplicação de taxas em amortizações e reintegrações dos navios novos ou usados, sem se incorrer em penalização fiscal; a evolução do actual sistema de tributação; a aplicação do seguro social voluntário a todo o armamento nacional; a institucionalização do princípio de que os custos de registo deverão apenas reflectir os encargos reais originados pela prestação dos respectivos serviços e, por fim, o apoio à modernização da frota.

Assegurar condições

Os armadores concluíram também que a melhoria das condições concorrenciais da frota nacional passa por «resolver o problema das desvantagens comparativas através do aumento de eficiência técnica e da redução dos custos de operação».

Neste particular, «as questões relativas ao pessoal do mar são de extrema relevância para a melhoria das condições concorrenciais e constituem uma das principais desvantagens da marinha mercante portuguesa».

A justificar esta afirmação, são referidos os seguintes

pontos: dimensão e composição das lotações, limitação da contratação de mão-de-obra estrangeira, falta de pessoal qualificado em certas categorias, regime fiscal, inflexibilidade do esquema de segurança social, determinação insuficiente do mercado disponível para a mão-de-obra marítima portuguesa, ensino náutico e formação profissional inadequados e ainda a própria intervenção da Administração Pública no sector.

Para obstar aos obstáculos que identificaram, os armadores exigem outras dez medidas, quatro das quais respeitam à formação: actualização da formação técnica, reformulação do ensino náutico e da formação profissional, reequipamento das escolas profissionais em termos de meios humanos e técnico-pedagógicos e participação do Estado no estágio e formação complementar dos tripulantes.

A articulação da acção das diversas entidades intervenientes no sector, a transferência da competência para tratar dos assuntos do pessoal do mar das capitâneas para a Direcção-Geral de Navegação e dos Trans-

portes Marítimos e a modificação do comportamento básico da Administração Pública, que deverá reduzir-se a uma acção fiscalizadora, sem encargos prévios, burocráticos ou materiais, são reivindicações de carácter institucional.

No rol das exigências incluem-se ainda a definição das lotações limitada às empresas e aos órgãos competentes da Administração, a flexibilização na contratação de tripulantes não nacionais, nomeadamente dos PALOP, e a aplicação às tripulações dos navios nacionais do esquema que regula o seguro social voluntário aplicável aos tripulantes nacionais quando embarcados em navios estrangeiros.

Maximizar vantagens

Além das medidas já referidas, os armadores pretendem ainda o ajustamento das leis e regulamentos às «exigências reais da actividade», a desburocratização administrativa, a participação do Estado nos encargos resultantes do embarque de estagiários e da fase complementar de formação, a adequação das estruturas portuárias às exigências da cadeia de transportes marítimos.

Marinha mercante só tem 72 navios

Portugal, País considerado marítimo por vocação e essência, tem 72 navios registados sob a sua bandeira com uma capacidade de carga de 500 mil toneladas. A Suíça, Estado continental, tem, nas mesmas condições, 21 navios com uma capacidade de 200 mil toneladas.

Estes números constam do último ranking divulgado pelo *Institut of Shipping Economics and Logistics*, sediada na cidade alemã-federal de Bremen e ilustram a escassa dimensão da frota portuguesa.

Aquela lista era encimada pela Libéria e pelo Panamá, que são pavilhões de conveniência. O primeiro Estado tinha 1585 navios registados, cuja capacidade era de 53,5 milhões de toneladas, ao passo que os valores do segundo eram, respectivamente, 3485 e 38,3 milhões.

O Japão ocupa o terceiro lugar em termos de capacidade de carga (23 milhões de toneladas), apesar de possuir o número mais elevado de navios registados sob a sua bandeira: 3860.

Depois da Grécia, o primeiro Estado comunitário na classificação, com 1403 navios e 20,5 milhões de toneladas, surge a Noruega em quinto lugar, com valores respeitantes ao registo criado pelo Governo para travar a fuga dos armadores nacionais para outras bandeiras, o qual apresenta 756 inscritos que «valem» 19 milhões de toneladas.

A lista do *top ten* é completada com a URSS (2709 navios; 19 milhões), Chipre (1181 navios - 17 milhões), EUA (521 navios; 14 milhões), República Popular da China (1482 navios; 13 milhões) e Bahamas (631 navios; 12 milhões). A Espanha ocupa o 28º lugar com 410 navios registados e uma capacidade de carga de três milhões de toneladas.

«Dizer que somos um País marítimo é pura conversa», afirma Gonçalves Viana pela degradação existente no sector da marinha mercante, que ameaça a identidade nacional e a necessidade de se obter capacidade para entrar no negócio internacional

Portugal perder-se-á se perder

Se a situação existente na marinha mercante perdurar, o País perderá a sua identidade nacional, considera Gonçalves Viana, vice-presidente da Câmara Portuguesa dos Armadores da Marinha Mercante, para quem «a actividade marítima que temos é miserável».

A liquidação progressiva da marinha mercante portuguesa deve-se à falta de visão e entendimento das elites nacionais (políticos, empresários e produtores de conhecimento), que entendem esta actividade como um peso morto para o País, quando, diz, historicamente sempre teve um tratamento próprio e diferente do das outras indústrias.

O divórcio, anti-histórico, entre Portugal e o mar, fruto daquela falta, conduz este responsável a desabafar: «Dizer que somos um país marítimo é pura conversa».

Em causa está a definição de uma política marítima nacional, assumida como Projecto Nacional, que, entre outros objectivos, ataque a

atrofia da marinha mercante. Esta marinha, dentro de tal política, tem de ser encarada com uma dupla perspectiva: a económica e a da identidade nacional, «que é essencialmente marítima e de base marítima».

Holanda, Dinamarca e Noruega constituem «bons exemplos» a seguir, garante Gonçalves Viana, porque têm produção de riqueza, baseada na prestação de serviços a terceiros e na produção de equipamentos. Ou seja: «O sector tem um grande efeito multiplicador, desde que não se limite a comprar só navios».

Entretanto, e na ausência de medidas derivadas de uma política nacional para o sector, sobressaem as questões «quotidianas», como o registo dos navios ou as condições de exploração da actividade.

Antes de entrar em detalhes, Gonçalves Viana precisa: «Nós não queremos umas «vantagenzitas» para as empresas que existem, mas para criar condições ao



Gonçalves Viana: «Não admitimos que a bandeira portuguesa seja transformada em bandeira de conveniência»

surgimento de um empresário forte». Assim, «não é de protecção temporária, para alguém comprar um Ferrari, que se trata». A questão, esclarece, é a da obtenção de «capacidade de entrada no negócio internacional».

De resto, até não se pre-

por outros Estados, desde logo, comunitários. A propósito do registo dos navios, esclarece, a Dinamarca e a Noruega, perante a deserção dos seus armadores para outras bandeiras, actuaram e a fuga foi estancada.

Registo «carunchoso»

Pensada para tornar mais competitivo o registo de navios em Portugal, a criação do segundo registo português, na Madeira, há ano e meio, acabou por revelar-se «um grande equívoco».

É que enquanto os armadores o viam da forma referida, do lado da região autónoma o registo era visto como internacional e fonte de receitas para a região.

Em termos concretos, e dado que a Madeira não é nenhum Estado, o resultado da realização da perspectiva funchalense seria o de transformar a bandeira portuguesa numa bandeira de conveniência, ao nível das do Panamá, Libéria, Bahamas ou Vanuatu...

CONOMIA

de um Projecto
ar atrasos

ítica

ifito
nto
ção
zir-
ora,
ro-
são
ter

nc-
ção
m-
pe-
a
ção
ais,
DP,
bes
do
o
rio
les
ca-
os.

já
re-
nto
às
vi-
ção
ar-
en-
ar-
ase
ão,
ras
da
iti-

mos e a aplicação de um con-
junto de medidas tendentes a
potenciar o mercado interno
de cabotagem, em particular
o tráfego costeiro na plat-
aforma continental.

A propósito do projecto de
registo europeu (o EUROS),
os participantes no encontro
concluíram que «é bem evi-
dente que o atraso na tomada
das medidas positivas ne-
cessárias em âmbito nacio-
nal acarretará certamente
prejuízos para o sector e para
a economia em geral, não a-
proveitamento de oportu-
nidades, inviabilização de i-
niciativas e aceleração da trans-
ferência dos navios para
registos mais competitivos».

Dada a urgência na toma-
da de medidas, algumas das
quais devidas a pressões de
conjuntura, os armadores
propõem a «definição e di-
vulgação junto da opinião
pública, durante o ano em
curso, de um Projecto Nacio-
nal para a Marinha de Co-
mércio Nacional, envolven-
do todos os interesses em ca-
usa, suportado por uma fir-
me vontade política e que in-
clua um conjunto integrado
perante de medidas de a-
poio ao negócio marítimo
nacional sob bandeira portu-
guesa».

R. N.

Viana ao responsabilizar as elites
entidade nacional. Por isso defende
cio internacional

rder o mar

Ora, Gonçalves Viana é
peremptório: «Não admiti-
mos que a bandeira portu-
guesa seja transformada em
bandeira de conveniência. É
uma questão de orgulho
nacional».

Acresce que a tendência
actual é a da fuga às bande-
iras de conveniência, que são
arvoradas por navios com
condições abaixo das recom-
endadas internacionalmente
(o chamado *sub-standard*).

De resto, o baixo nível re-
verido por certos Estados
para efectuar o registo e
atribuir o pavilhão motivou
a realização em Paris, em
1982, de uma reunião de vá-
rios países, entre os quais
Portugal. Deste encontro
saiu o *Memorandum Paris*,
pelo qual os países signa-
tários se comprometeram a
exercer, nos seus portos, uma
vigilância «muito rigo-
rosa» sobre determinados
aspectos: tripulação, se-
gurança...

Além destes acordos inter-
governamentais, existem
também várias sociedades
de classificação - a mais con-

hecida internacionalmente é
a britânica Lloyds -, que são
sociedades reconhecidas pe-
los Governos e cuja função é
a de passar certificados, ne-
cessários para os navios
poderem actuar, que atestam
a sua operacionalidade.

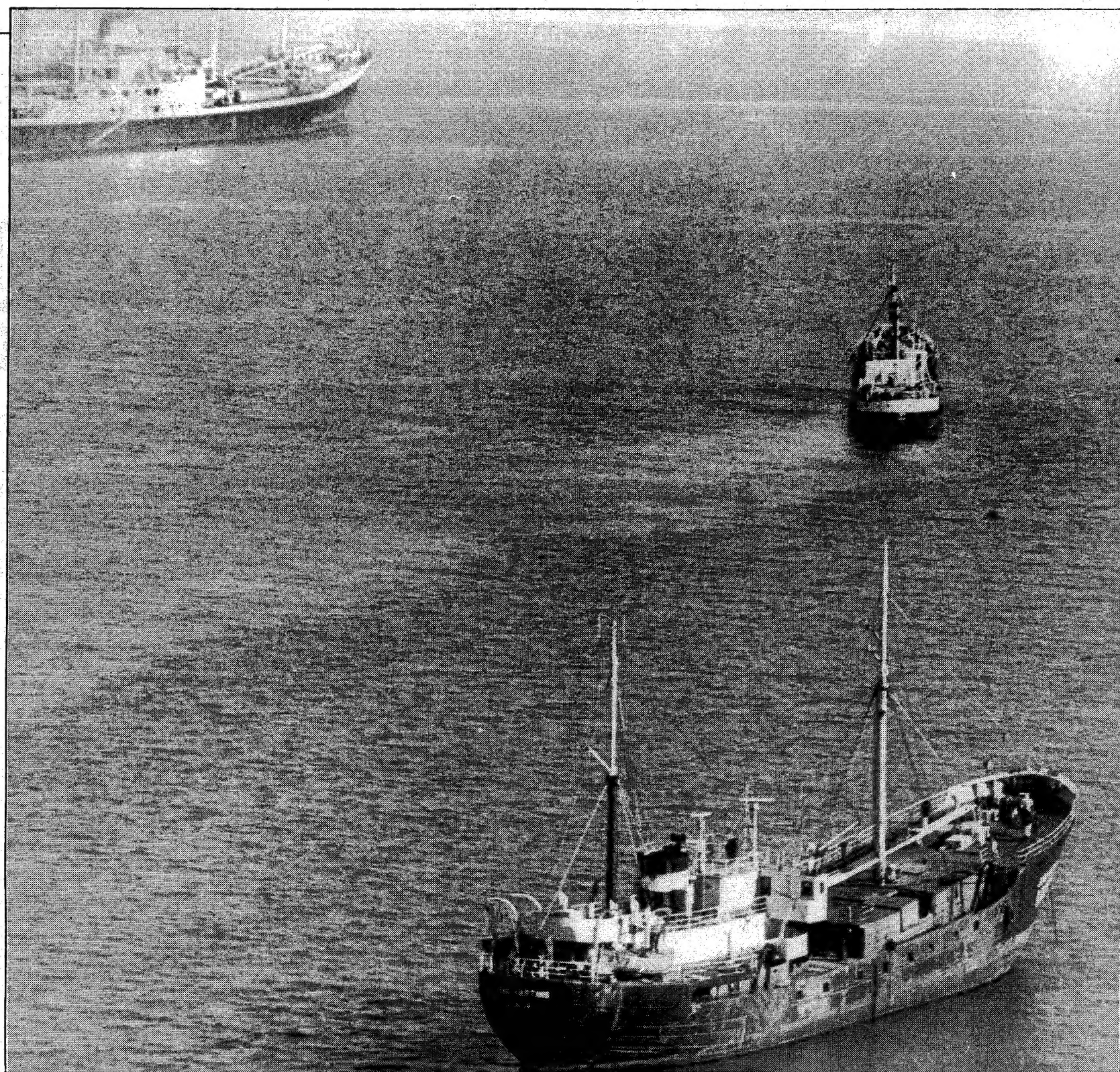
Bandeira estrelada

Estes esforços de harmoni-
zação deverão ser prossegui-
dos, dentro de um ano, com o
avanço do registo europeu
(EUROS), mediante o qual
será atribuído aos navios o
pavilhão da comunidade,
para contrariar, de certo
modo, a proliferação de reg-
istos a nível europeu.

Portugal não está nas mel-
hores posições para enfren-
tar as eventuais condições
únicas impostas por tal reg-
isto comunitário.

Daf que, como nota Her-
mínio Fernandes, secretário-
geral da Câmara, «o que não
for feito agora livremente,
sê-lo-á depois por força das
directivas comunitárias».

Rui Nunes



A marinha mercante necessita de ser apolada

Recuperar registo tradicional
e sacrificar o da Madeira

Os armadores da marinha mercante portuguesa con-
sideram urgente a «adequação, racionalização e sim-
plificação do registo tradicional português», em ter-
mos de alternativa imediata ao registo da Madeira
(MAR).

Isto porque o MAR apresenta-se como mais um
registo internacional, «praticamente equivalente a uma
bandeira de conveniência», o que é considerado inde-
sejável para a bandeira portuguesa.

Dado que «existem algumas dificuldades no ajus-
tamento em tempo útil do MAR à totalidade dos atri-
butos exigíveis a um segundo registo português», os
armadores pretendem a adopção daquela reivindica-
ção.

Anular a tendência crescente para a transferência de
navios portugueses para registos de conveniência e
criar condições para a desenvolvimento da marinha de
comércio seriam os objectivos atribuídos ao MAR.

Esta intenção, asseguram, é conciliável com as pre-
ocupações e tendências mais recentes a nível comu-
nitário, que admitem como objectivo a prazo a consti-
tuição de «um registo europeu fortemente competi-
tivo, de qualidade e susceptível de apoio activo pelos
Estados».

Só que «não será possível conseguir um tipo de apoio
activo no âmbito de um mero registo internacional ou
de conveniência onde, provavelmente, se verificaria
uma percentagem maioritária de navios registados
controlados por empresas efectivamente não nacion-
ais».

Ora, os armadores alegam que «o MAR aparece, de
facto, no texto da lei que o cria e na prática como um
registo internacional plenamente aberto a navios de
qualquer nacionalidade». Desta forma, «fica excluída a
possibilidade de aplicação de medidas proteccionistas

de apoio reservadas naturalmente a uma «bandeira
nacional»». Acresce ainda que «não estão consignados
no texto-base, de forma clara, os benefícios e condições
exigidos pelos armadores portugueses».

Devido a estas razões, o funcionamento efectivo do
MAR não se iniciou.

O registo da Madeira aparece, aos olhos dos arma-
dores, com dois objectivos contraditórios e incon-
ciliáveis, o que não soluciona a questão central da via-
bilização e expansão da marinha de comércio portu-
guesa.

Para ultrapassar a situação sugerem sete medidas:
- assegurar a flexibilidade no recrutamento das tripu-
lações;

- isentar os tripulantes de pagamento de imposto
sobre as remunerações;

- reduzir os encargos de segurança social;

- definir que o imposto sobre rendimentos das em-
presas portuguesas é substituído pela taxa de registo
sobre a tonelagem do navio;

- acordar protocolos de entendimento entre o Registo
e as organizações representativas dos trabalhadores;

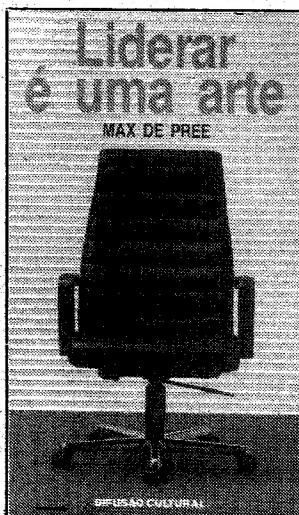
- condicionar o acesso ao registo de navios de empre-
sas não nacionais, e

- definir as condições para um apoio activo à frota
portuguesa no âmbito do Registo em conciliação com o
ponto anterior.

Sem a verificação destas alterações, os armadores fi-
carão «reduzidos» a pressionar o Governo, para ob-
terem os apoios que consideram essenciais, ou a recor-
rer a um dos registos internacionais existentes. Um in-
dicador da opção escolhida será o do número dos
navios pertencentes a armadores portugueses regista-
dos num dos pavilhões de conveniência: se em 1987 era
16, este ano já é 23.

L I V R O S

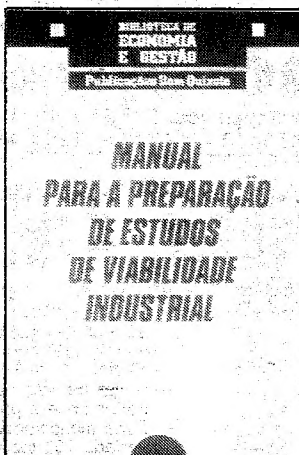
Liderar, diz o autor, baseia-se numa atitude: libertar as pessoas para que possam fazer o que lhes é exigido, de maneira eficiente e humana. Quem tal afirma esteve à frente de uma das maiores empresas norte-americanas, onde acumulou a experiência que transmite agora. Em estilo simples, é trazido um conceito inovador de chefia. Traduzido por Eduardo Saló, é um instrumento de trabalho para quem deseja manter-se a par dos métodos eficazes de direcção e gestão no mundo actual. **Liderar é uma Arte** - Max de Pree - Difusão Cultural



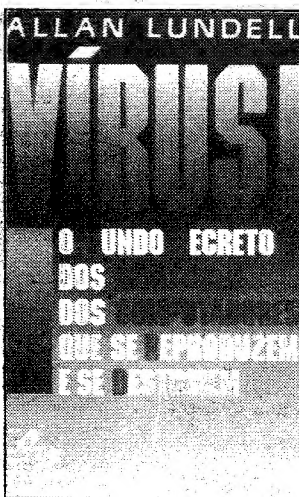
São quatro os autores: José Luís Cardoso, José Maria Brandão de Brito, Fernando Ribeiro Mendes e Maria de Lurdes Rodrigues. Com prefácio de Maria Manuela Silva, este livro tem por base os resultados de um projecto de investigação efectuado no Centro de Investigação sobre Economia Portuguesa, com vista a encontrar respostas para as questões centrais que são saber quem são, o que pensam e como agem os empresários, gestores e dirigentes da indústria nacional. **Empresários e Gestores da Indústria em Portugal** - Dom Quixote (Biblioteca de Economia e Gestão)



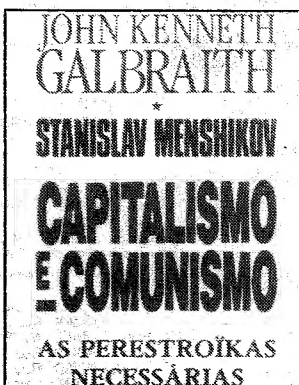
São três as fases de elaboração de um projecto: pré-investimento, investimento e exploração e cada uma delas pode, por seu turno, ser subdividida em várias etapas, algumas delas tidas como importantes actividades industriais. Este será o mais recente livro sobre a preparação e avaliação de projectos, com o editor a considerar que a sua publicação era indispensável, já que muitos e indiscutíveis os serviços que a sua consulta e estudo podem prestar na situação actual. **Manual para a Preparação de Estudos de Viabilidade Industrial** - UNIDO - Dom Quixote (Biblioteca de Economia e Gestão)



Mais excitante que um bom policial, mais assustador que o mais pessimista relatório sobre o futuro da Humanidade, tão preciso como uma reportagem, eis um livro que todos os informáticos, utilizadores e demais cidadãos que trabalham com computadores devem ler. Desde pequenos aborrecimentos a grandes danos, brincadeiras ou tentativas deliberadas de sabotagem, de tudo é analisado nesta obra. Já agora, um alerta a editores e leitores: ou alguém se esqueceu de fazer «save» depois das emendas de revisão, ou houve uma virose na composição. **Virus - o Mundo Secreto dos Invasores dos Computadores que se Reproduzem e se Destroem** - Allan Lundell - Ed. Cetop



Esta é uma obra que fornece elementos sobre as conversações de alto nível sobre os problemas económicos, políticos e militares entre norte-americanos e soviéticos, eliminando todo o excesso de texto que só serve para encher papel. Acaba por ser uma discussão sem hipocrisia nem solenidade e secretismo. Os dois autores, um de cada país envolvido, encontraram-se e discutiram informalmente os problemas actuais. Foram assim passadas em revista a perestroika e a reagonomics, as «reformas Galbraith» e as condições de coexistência. **Capitalismo e Socialismo** - Kenneth Galbraith e Stanislav Menshikov - Publicações Europa-América



Mira Amaral, durante a Inauguração das novas Instalações

Novo parque da Petrogal para fornecimento de GPL

Anunciada liberalização do preço do gás a partir de 1991 e alteração dos estatutos da empresa

Um parque de gás, classificado de nova geração, foi inaugurado pela Petrogal, no passado dia 18. Fica na zona do complexo industrial da refinaria em Lisboa e passa a ter possibilidade de abastecer 23 por cento do mercado nacional de gases butano e propano (GPL). Na ocasião o secretário de Estado da Energia reafirmou a opção do Governo de liberalizar o preço deste produto.

A liberalização do preço do gás é justificada, segundo Ribeiro da Silva, pelo facto de todo o regime de preços ser suportado de uma forma que não dá incentivos à produtividade, já que as empresas, principalmente as públicas, não precisam de se preocupar com lucros se esses preços continuarem fixados.

Na reunião que foi feita, depois da visita às novas instalações, esteve presente o ministro da Indústria e

Energia, Mira Amaral, para quem, na política energética nacional, deve haver um papel determinante do sistema de preços, de forma a assegurar que reflitam, no consumidor, os custos de produção e a necessidade de um uso racional de energia.

O secretário de Estado defende, conforme tornou público, que na política de preços e liberalização do sector energético se incluam a alteração dos estatutos da Petrogal, bem como a correcção dos preços relativos e absolutos dos combustíveis líquidos e gasosos e a liberalização dos mercados de derivados de petróleo.

O novo parque

As novas instalações, percorridas pelo titular da pasta e pelo secretário de Estado, acompanhados pelo presidente da Petrogal, Mário Abreu, e por outros funcionários da empresa, têm como

principal característica o alto grau de automatismo das linhas de enchimento e a fiabilidade dos sistemas de segurança. Segundo foi informado na ocasião, está preparada para receber, encher e expedir 30 mil garrafas de gás por dia, o equivalente a 390 toneladas. A sua capacidade anual de enchimento é de seis milhões de garrafas, quase 80 mil toneladas de GPL, podendo também abastecer anualmente 75 mil toneladas de gás a granel aos camiões-cisterna que fazem a distribuição do produto.

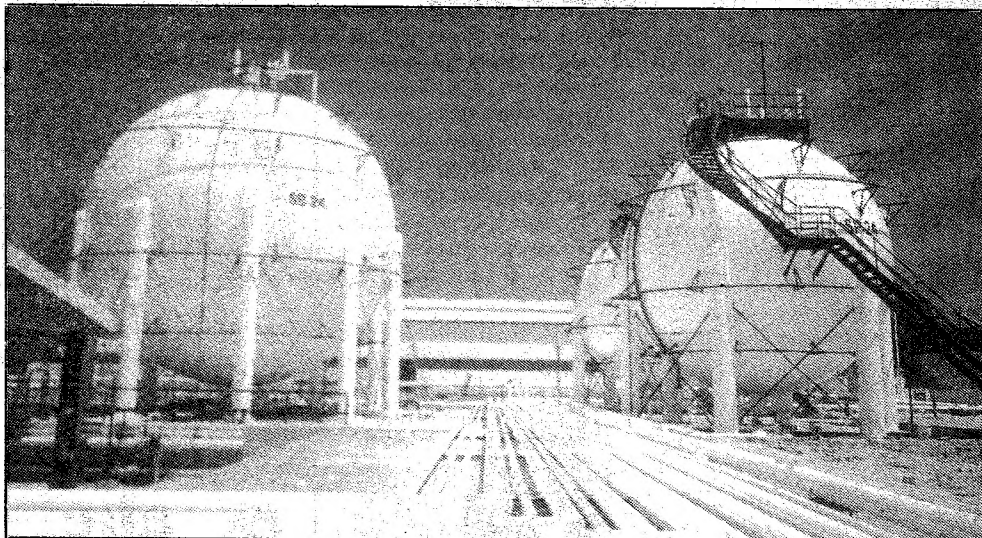
O sistema automatizado de paletes visa minimizar o esforço humano na movimentação e controlo das garrafas que a empresa distribui pelos seus 1800 revendedores, enquanto o sistema de abastecimento por camiões-cisterna visa dar melhor resposta a mais de 700 consumidores industriais.

A unidade agora inaugurada é alimentada pela refinaria de Lisboa, mediante um feixe de tubagens com cerca de quilómetro e meio, tendo sido concebida, projectada e executada, conforme informado, por técnicos e firmas portuguesas. A administração considera que satisfaz todas as normas e legislação próprias de uma indústria como esta. O parque Olivais II está implantado numa área de 30 mil metros quadrados, com as edificações dos serviços de apoio e enquadramento das actividades do complexo a ocuparem uma superfície de 4200 metros quadrados, a que se juntam 18 mil para arruamentos e zonas verdes.

A área restante, de 7800 metros quadrados, é utilizada para armazenagem de GPL em esferas e cilindros, com um volume total de 6240 metros cúbicos e armazenagem possível de 30 mil garrafas de gás.

Referência para o serviço de incêndios, apetrechado com diversos equipamentos e sistemas, com destaque para a rede de água, que abastece uma vasta rede de hidrantes, as bocas de incêndio e os canhões de água, o que é complementado com os sistemas de protecção dos reservatórios de armazenagem e da zona de enchimento de cisternas.

A segurança passa também pelo sistema de detecção de gases e de comando remoto das válvulas de água, que permitem uma mais eficaz e segura actuação em caso de acidente, o que é importante tendo em conta a localização do novo parque.



Esferas de armazenamento do gás, no parque Olivais II

Redacção DL

ECONOMIA

Exportadores de vinho do Porto fazem balanço numa altura em que se perspectiva uma boa vindima: se houve menos vendas, a defesa do produto continua na primeira linha. Contra a banalização, a promoção da alta qualidade

AEVP consegue liberalização da aguardente vínica

Após prolongados esforços, a Associação dos Exportadores do Vinho do Porto conseguiu alcançar um dos seus objectivos: a liberalização da importação de aguardente vínica. O previsto Agrupamento Complementar de Empresas (ACE) está em constituição, pelo que em breve será possível fornecer aquele produto, às empresas agrupadas, em melhores condições de preço e qualidade.

A recente decisão do Conselho de Ministros veio pôr termo a uma questão que se prolongava de há anos e que, por ser contrária às regras comunitárias, não só levava a Associação a interpor queixa junto da Comissão das Comunidades, como esta anunciou que levaria o Estado português a tribunal.

O presidente da Associação, Manuel Poças Pintão, anunciou agora que o ACE irá proceder, logo que possível, à compra de aguardente vínica nacional ou estrangeira, escolhendo as suas fontes de abastecimento, embora com o compromisso de que o Instituto do Vinho do Porto mantenha o controlo rigoroso de qualidade.

Estas informações foram dadas pelo presidente da AEVP durante uma conferência de Imprensa realizada na sede da associação, no Porto, no passado dia 18, altura em que o ponto mais aproveitado como notícia foi a redução de 15 por cento das exportações, no primeiro semestre deste ano.

Conforme afirmou Manuel Pintão, a situação é causada, em termos quantitativos, pela redução de consumo do

mercado francês onde, em contrapartida, se verificou uma ligeira subida de exportação em valor. A leitura a fazer é que os exportadores estão a pôr em prática objectivos já definidos de combaterem a banalização de um produto de alta qualidade, que estava a ser vendido a baixo preço.

Estratégias

Os objectivos são, segundo anunciado, pôr em prática estudos feitos, que apontam para que sejam desencadeadas, na generalidade dos mercados e em especial do francês, estratégias a curto, médio e longo prazos para o estabelecimento de preços mais altos e para que sejam vendidos vinhos de qualidade superior, o que poderá inverter a tendência antiga do consumidor francês recorrer ao vinho do Porto como alternativa a vulgares aperitivos, até aqui acessíveis por preços semelhantes.

A promoção do vinho do Porto, que à semelhança dos anos anteriores será genérica, continua a ser uma das apostas, por parte da AEVP, que espera que na próxima campanha o Instituto do Comércio Externo de Portugal (ICEP) junte as suas à verba de 260 mil contos orçamentada pelos exportadores, para 1991, através do IVP.

De resto, a promoção, nos mercados externos, tem merecido uma particular atenção, o que é confirmado pelo trabalho desenvolvido pela agência responsável pelas campanhas promocionais em França. Este ano recebeu o Grande Prémio para a melhor campanha de promoção em 1989,

atribuído por um júri internacional presidido por Italo Eynard, professor decano da Faculdade de Turim.

Como pormenor sobre este ponto, a agência é «repetente» no prémio, já que em 1988 também foi galardoada, vindo um dos seus textos integrados nos livros escolares franceses como exemplo de boa comunicação.

Questões pendentes

Os exportadores mantêm a posição de quererem soluções para todo o sector, mas foi evidente, no encontro da semana passada, que o relacionamento com a Casa do Douro ainda não se encontra na situação desejada. Segundo foi dito, «com o objectivo de encontrar soluções que respeitem igualmente aos interesses dos produtores e dos comerciantes», a Associação contactou aquele organismo, propondo uma reunião no final do passado mês, «não tendo encontrado disponibilidade daquela para tal».

Numa altura em que as condições climáticas apontam para que haja, este ano, uma vindima abundante e de qualidade superior, a AEVP afirma ter começado a preparar a colheita deste ano a 4 de Abril, por estar sensibilizada para o facto de, no ano passado, os lavradores terem ficado com um «volume preocupante» de vinho do Porto, pelo que a Casa do Douro teve de intervir. Acontece que esta acção está, de certa forma, interligada com as reuniões que os exportadores querem efectuar no Conselho Geral do IVP, considerado como lugar de diálogo entre a

produção e o comércio, mas onde a AEVP não tem com parecido por, tal como noticiado na altura, considerarem não haver condições paritárias de representação.

Os exportadores, que mais uma vez salientaram que também possuem entre cinco a sete por cento da área produtiva, acrescentam não desejarem estar integrados na representação da lavoura, por não ser a sua actividade principal, mas discordam que o disposto no DL 192/88, que diz que produtores e comerciantes devem ter seis representantes cada.

Segundo foi afirmado na conferência de Imprensa, a constituição actual é de quatro elementos do comércio, seis da lavoura e dois dos produtores engarrafadores e das adegas cooperativas, tendo estas, no ano passado, representado apenas 0,43 por cento da comercialização do vinho do Porto.

A. H.



Manuel Pintão, presidente da AEVP



Boas perspectivas para a vindima deste ano


abc — INFORMÁTICA, LDA.

 Rua dos Sapateiros, 160-2.º • 1000 LISBOA
 Telef. 32 50 70 - 34 59 40 — Telex ABCINF 13348 P — Fax 346 22 40

CAMPANHA DE VERÃO

ABC 8088 — 10/12 MHz



- ABC 8088**
- Compatível PC XT
 - CPU 8088-1 (CPU V20)
 - 4,77/10 (12) Mhz
 - 10 Mhz — 1 Mb RAM 12 Mhz — 640 Kb
 - Drives de 5 1/4" ou 3 1/2"
 - Portas série e paralelo
 - Carta monocromática
 - Teclado 102 teclas
 - Monitor monocromático
 - Mouse

PREÇO: ABC 8088 — 10 Mhz 108 000\$00
 — 12 Mhz 112 000\$00
 Com HD 20 mono 140 000\$00

ABC 80286 — 12/16 MHz

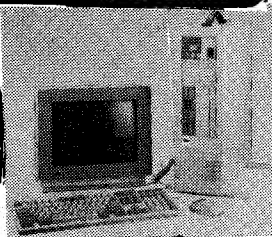


PARA REVENDA E ENSINO CONSULTE-NOS

- ABC 80286**
- Compatível PC AT
 - CPU 80286-12/16 Mhz
 - 1 Mb RAM
 - Drives de 5 1/4" ou 3 1/2" — Alta densidade
 - Portas série e paralelo
 - Relógio em tempo real/calendário/CMOS W/Bateria
 - Carta monocromática (VGA opcional)
 - Teclado 102 teclas
 - Monitor monocromático
 - Mouse

PREÇO: ABC 80286 — 12 Mhz 175 000\$00 ★
 — 16 Mhz 199 000\$00 ★

ABC 80386 — 16/25/33 MHz



- ABC 80386**
- Compatível PC AT
 - CPU INTEL 80386 — 16/25/33 Mhz
 - 1 Mb RAM expansíveis até 8 Mb
 - Drives de 5 1/4" ou 3 1/2" — Alta densidade
 - Portas série e paralelo
 - Relógio em tempo real/calendário/CMOS W/Bateria
 - Carta monocromática (VGA opcional)
 - Teclado 102 teclas
 - Monitor monocromático
 - Mouse

PREÇO: ABC 80386 — 16 Mhz 265 000\$00 ★
 — 25 Mhz 365 000\$00 ★
 — 33 Mhz 610 000\$00 ★

★ Aos preços indicados serão acrescidos 17% de IVA

UTILIZE O CRÉDITO «abc»


abc
AGENTES:

LISBOA: R. da Assunção, 67 — Telef. 32 46 64 - 32 72 96
 BRAGA: Av. Central, 85-1.º — Telef. 7 27 98 - 7 43 69
 S. JOÃO ESTORIL: Av. Florinda Leal, lote 1-A — 267 07 33
 VISEU: Rua Direita, 77 — Telef. 2 76 64
 PORTIMÃO: Rua D. Carlos I — Telef. 6 36 53 - 8 56 70
 SETÚBAL: Largo da Misericórdia, 28 — Telef. 3 14 32

Fenache acusa o Executivo de não cumprir promessas

Segundo as cooperativas de habitação, o INH está em rutura iminente e é difícil responder a situações concretas, quando o agravamento de custos e de crédito é cada vez maior

A Federação Nacional de Cooperativas de Habitação Económica (Fenache) acusa o Governo de causar a falência do sistema de promoção habitacional a custos controlados e acrescenta que o Instituto Nacional de Habitação (INH) se encontra em rutura financeira e já não cumpre compromissos assumidos com cooperativas do sector, Câmaras Municipais e empresas de construção. Face à situação vigente decidiu protestar, pelo que pediu audiências ao Presidente da República, Primeiro Ministro, ministro das Obras Públicas, secretário de Estado da Habitação e aos grupos parlamentares.

A direcção da Fenache reuniu-se no passado dia 21 de Julho, para analisar a situação vigente da habitação a custos controlados, com especial incidência no que foi considerado como o «bloqueio imposto pelo Governo à sua própria política», tendo decidido protestar junto dos órgãos de soberania, «face à gravíssima situação que se vive quanto à promoção de habitação, às condições de crédito e ao apoio do Estado em geral à promoção cooperativa».

A Federação considera que o protesto tem pleno sentido já que, num ano, se passou do desafio do Governo às cooperativas para que duplicassem o volume de promoção, contando com as necessárias condições, o que foi aceite pelo Movimento Cooperativo Habitacional (MCH), que se preparou para dar resposta, a uma situação em que parece não só fal-



Governo a não cumprir, INH a falir e cooperativas a sofrer

tarem as condições prometidas, como continuam em vigor as que deveriam ter sido alteradas, ao abrigo do crédito à habitação.

A aplicação dessas alterações é defendida por que a situação vigente terá situações consideradas como «completamente desadequadas à realidade, quer dos rendimentos dos portugueses, quer dos custos da habitação e, mais grave ainda, começam a escassear os meios necessários ao INH para cumprir os compromissos assumidos».

Ruptura iminente

A situação parece ser de ruptura iminente, segundo a Fenache, que afirma que uma das provas de tal situação é dada pelos prejuízos para as empresas que trabalham para as cooperativas. Afirmação

algo divergente, no tempo e na forma, como o que o presidente da Fenache disse recentemente, quando declarou que a maioria das empresas de construção já beneficiam de um grande incentivo, que é o trabalharem com a Federação, por ser um cliente que paga a tempo e horas.

Isso seria possível disse, porque as cooperativas não têm um processo burocrático e formal de funcionamento semelhante ao do Estado, «que normalmente custa imenso dinheiro às empresas de construção», sendo um facto que o cliente cooperativo tem uma relação directa com a empresa, «com uma grande mobilidade e eficácia e não faltando financiamento à construção, como não tem faltado, (já que) somos clientes que pagamos quase a pronto».

Contudo a situação actual parece não ser tão linear, já que a Fenache veio agora a ter o direito de referir a situação que as empresas de construção enfrentam. E acrescentou que há outros factores pre-ocupantes, como é o caso do «duro golpe na credibilidade do INH, que até então mostrava ser um instituto que respondia com eficácia à dinâmica dos

promotores e, finalmente, e mais uma vez, a destruição da esperança de milhares de famílias que já só viam no Movimento Cooperativo a solução para o seu problema de habitação». Tudo somado, são estes os elementos de ruptura.

A federação passa a apresentar números, para consolidar a sua afirmação. Conforme diz, o encargo mensal no crédito à habitação, no primeiro escalão do sistema, aumentou, entre Janeiro e Novembro de 1989, 67,2 por cento, situando-se presentemente em quase 70 por cento.

Outras questões

Por outro lado, acrescenta, o custo da construção aumentou cerca de 40 por cento. Contactada pelo DL, a Fenache não adiantou causas para este aumento, embora

outras afirmações apontem para o aumento da mão-de-obra, dos materiais e dos créditos como as principais causas desse agravamento. Segundo disse recentemente o director da Federação, «uma grande parte dos construtores civis portugueses são pequenos empresários que estão habituados a construir habitação para vender no quadro de um mercado especulativo», não só por sua culpa mas porque o processo de obtenção dos terrenos da aprovação dos projectos e do pagamento dos encargos e das cargas fiscais «resultam num custo final incomportável».

Outras questões foram postas, nomeadamente o facto de que cada cidadão ter passado a desembolsar não os 500 a 600 mil escudos de entrada inicial, para a habitação, mas agora dois a três mil contos, como «condição indispensável para obter o respectivo crédito individual».

Por outro lado, acrescenta a Federação, o Governo e o INH estimularam as cooperativas a adquirirem terrenos para aumentar a promoção, mas o que se passa agora é que adiam os financiamentos aos terrenos com prometidos ou a promoção da construção, «porque não existem meios que cheguem ao INH, originando encargos financeiros inesperados e insuportáveis».

Sobre este assunto o DL tentou ouvir o responsável do INH, José Nunes Carvalho, mas, sem pôr em causa a boa vontade manifestada, não foi feita qualquer declaração em tempo de ser publicada esta notícia. A Fenache não abrandará as críticas e acres-

centa que foram celebrados contratos com o INH que garantiriam, com eficácia, o financiamento às obras em curso, mas que foram agora cortados por falta de meios, «atingindo já um milhão e 600 mil contos os valores em dívida, originando em alguns casos a paragem de obras».

De salientar que nos últimos dez anos o Movimento Cooperativo Habitacional construiu cerca de 50 mil fogos, tendo sido definida, no seu quinto congresso, em 1988, a meta de construção de igual número, até 1993.

Queixa formal da Fenache é que, perante o exposto, não existem respostas, já que o Governo «parece indiferente a todas as situações». O desespero, acrescenta, «começa a chegar às cooperativas que, sendo, com 80 por cento do total, o principal promotor da habitação social em Portugal, vêm desmoralizar-se todo o esforço que têm feito para contribuir para a resolução do gravíssimo problema que constitui a falta de habitação».

A Federação queixa-se e afirma que, com casas já por vender, devido à ruptura das condições de financiamento, com obras a parar, com compromissos que não podem ser cumpridos, «as cooperativas não podem ficar caladas e têm de protestar contra este estado de coisas, esperando que o Governo saia da indiferença em que se encontra e que resolva, finalmente, os problemas que lhe têm sido transmitidos pelo Movimento Cooperativo Habitacional».

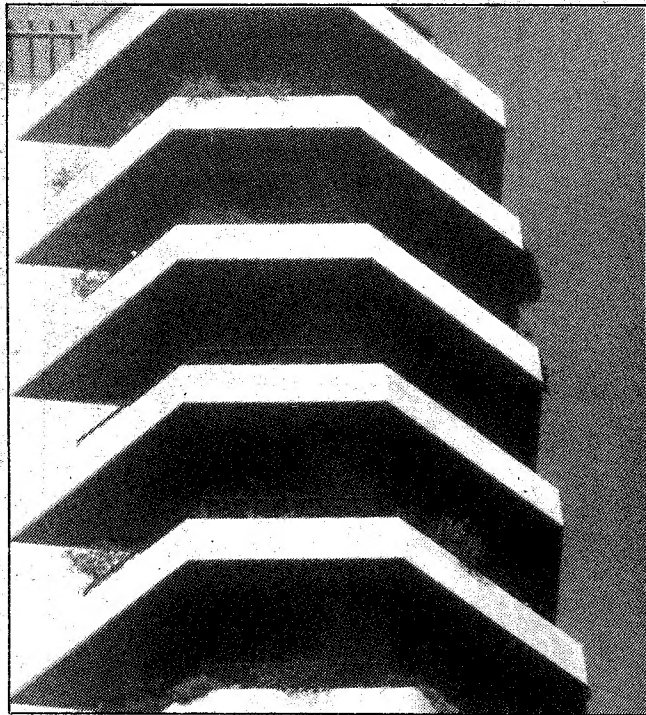
Almeida Henriques

Os números do crédito

Os indicadores de actividade, com base em dados fornecidos pela CGD, Montepio e CPP, referem que, no primeiro trimestre deste ano, os pedidos de crédito à habitação, em números provisórios, foram de 9.892, enquanto os contratos foram, em número, de 8.757, no valor global de 31.989 milhares de contos.

Comparativamente, o primeiro trimestre do ano passado foi ligeiramente inferior, já que, em relação a igual período de 1990, foram 9.122 os pedidos, com 8.753 contratos no valor de 30.435 milhares de contos. Nos 12 meses desse ano, os números foram de 33.437 pedidos, 37.272 contratos e um valor total de 134.970 milhares de contos.

Como forma de confronto, refira-se que em 1985 os pedidos de crédito à habitação foram de 37.620, com a efectivação de 27.656 contratos, no valor de 53.957 milhares de contos, o que demonstra o agravamento do custo da habitação e do próprio crédito.



Mediadora de seguros para abranger também o campo social

Jogar com o seguro

O Movimento Cooperativo Habitacional criou, no princípio deste ano, uma mediadora de seguros. Segundo o presidente da Fenache, tal insere-se numa estratégia da organização que permita que, para além do serviço que é prestado às cooperativas, seja também possível ter um outro, mais vocacionado para o campo social e dirigido aos membros dessas cooperativas.

De acordo com o contrato celebrado com uma mediadora de seguros, esta propõe-se aumentar, do ponto de vista macroeconómico, a capacidade de investimento do movimento, bem como oferecer condições mais favoráveis aos membros da Federação.

Afirmou Carlos Silva que essa mediadora tem por objectivo arranjar

seguros melhores e mais baratos para os sócios das cooperativas, pelo que é constituída pela Fenache e mais 22 cooperativas, numa estratégia que está incluída «numa ideia mais vasta, que é a de actuarmos em áreas que não apenas a de promoção de habitação».

A mediadora tem condições para operar no mercado, podendo realizar contratos de seguros normais com qualquer estrato da população, tal como acontece com as outras companhias seguradoras. Contudo tem a diferença de poder promover seguros exclusivamente destinados aos membros do Movimento Cooperativo, nomeadamente um para os dirigentes e outro, de vida, para todos os filiados nas diversas cooperativas nacionais.

A.H.